

P. Hergis - G. P. S. J.

Raro
1000

DESCOBRIMENTO

PRODIGIOSO

E SUAS INCALCULAVEIS CONSEQUENCIAS PARA O FUTURO DA

HUMANIDADE

RIO DE JANEIRO

Typ.—COSMOPOLITA—Rua de Gonçalves Dias n. 19

JULIO VERNE

DESCOBRIMENTO

PRODIGIOSO

E SUAS INCALCULAVEIS CONSEQUENCIAS

PARA O FUTURO DA

HUMANIDADE

QUADRAGESIMA

ASCENÇÃO FRANCEZA

AO MONTE BRANCO

POR

PAULO VERNE

TRADUÇÃO DE

SALVADOR DE MENDONÇA

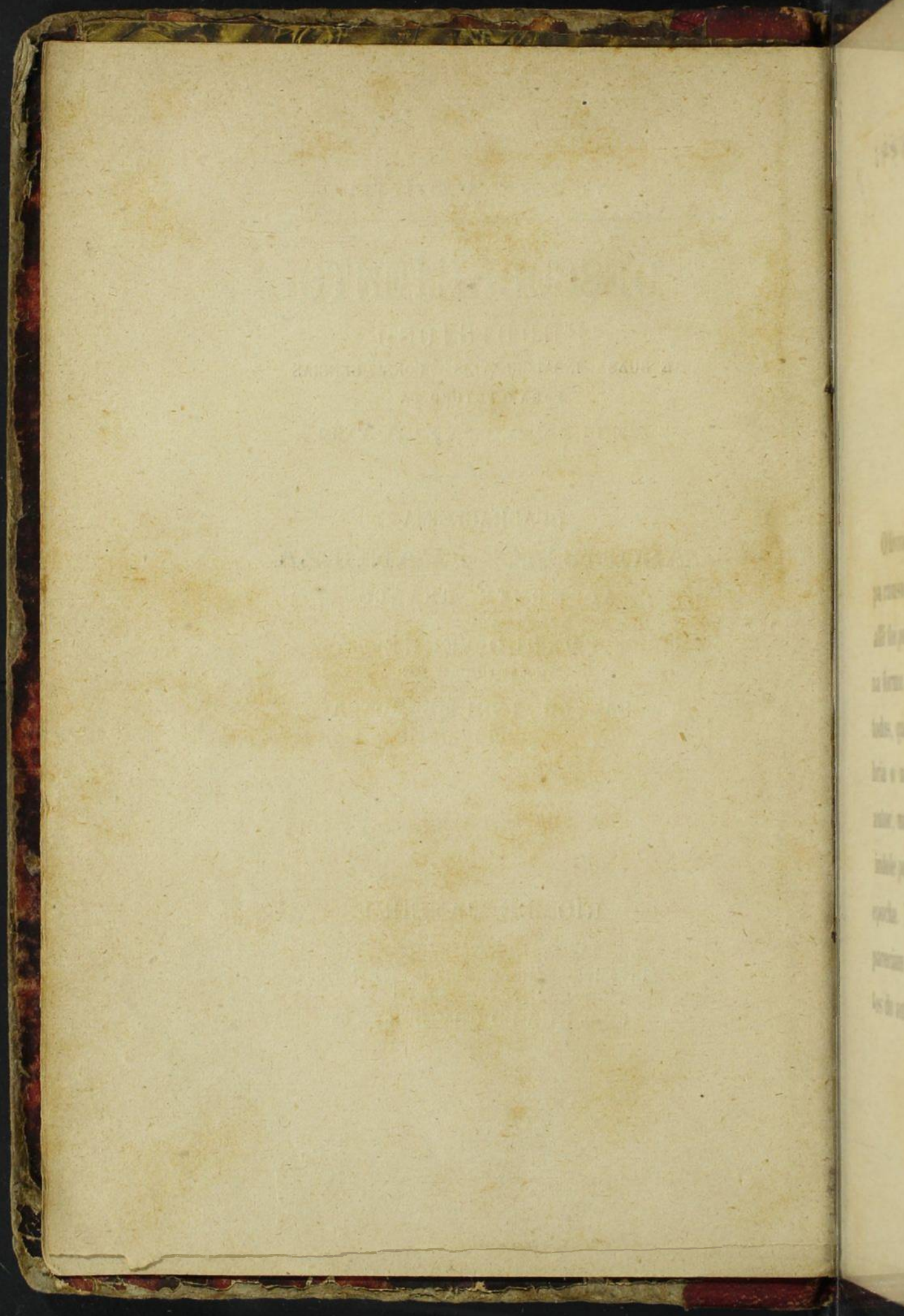
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro—editor do Instituto Historico

65 — RUA DO OUVIDOR — 65





PREFACIO

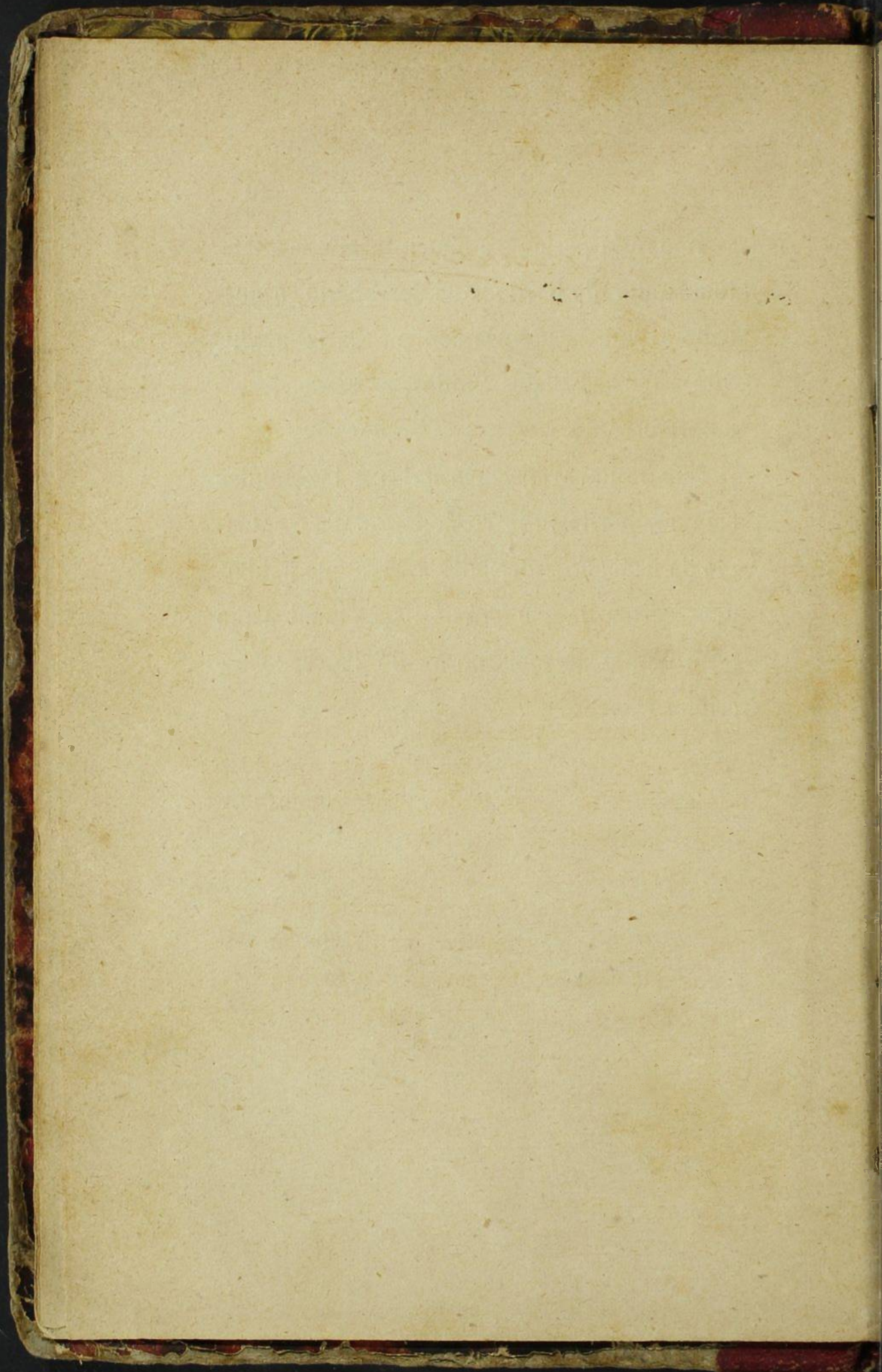
O livro cuja traducção hoje damos á estampa causou profunda sensação em Pariz quando alli foi publicado : assim na substancia como na forma estava a inculcar, no conceito de todos, que o pseudonymo *X. Nagnien* encobria o nome Jules Verne. Escondera-se o autor, mas a obra o denunciava com a sua indole positiva e physionomia tão da nossa epocha. Na urdidura e acabado da téla appareciam a imaginação rica e os conhecimentos do autor das *Cinco semanas de balão*.

Era quasi impossivel fosse outro ; e, admittido, que o fosse, era indubitavelmente homem não só de illustração scientifica como de fino tacto litterario. A mesmidade de vistas, de phantasia e de estylo estava dizendo, que só uma não vulgar intelligencia poderia trabalhar com tão aturado estudo e fina industria sobre as obras de Verne para obter um molde tão bem talhado em que vazasse o seu assumpto ; pois que o discipulo, si discipulo era, conseguira tão bem affeição o seu trabalho pelos do mestre, que este não desdenharia de o adoptar por filho.

Para mais confirmar as suspeitas que em Pariz se levantaram, foi o livro aos Estados-Unidos causar o mesmo effeito — duvida ao principio, mas duvida que se resolveu em certeza, pois alli foi traduzido para a lingua ingleza, dando-se a autoria a Julio Verne.

Não resta portanto a menor incerteza quanto ao autor do livro ; está descoberto, e descoberto por sua propria penna : Pariz o viu, viram-n'os os Estados-Unidos, e quantos lerem a obra o verão.

Não hesitamos pois em dal-o á luz publica com o nome de Julio Verne, seguindo o exemplo da irmã do Norte desta terra que habitamos, certos de que terá aceitação igual á que teem obtido as mais obras do laureado escriptor francez.



Constitution

Certo
tratto il pe
scoperto
sola, con
• (per
altro co
ta, e
narrare
• Ma

114
Pibuccio Carvalho
Coitiba - 6-5-09

O ANNUNCIO

Certa manhã todo o mundo em Paris dava
tratos à paciência por causa de um escripto
autographado, espalhado profusamente à
noite, contendo o seguinte :

« Quem, no domingo 1º de Junho, se
achar na praça da Concordia ao dar do meio
dia, assistirá à primeira manifestação da
maior das revoluções passadas e futuras.

« Não seja motivo de susto a palavra

revolução. Esta nada tem de politica ; ou, pelo menos, suas consequencias politicas e sociaes, que no futuro hão de ser consideraveis, não se appresentarão immediata e directamente.

« Immensas revoluções produziram no destino dos povos a invenção da imprensa, da polvora e do vapor, assim como o descobrimento da America. E' neste sentido que aqui se emprega a palavra revolução.

« Cumpre porêm observar que todas essas revoluções reunidas nada são a par da que agora se prepara.

« Quem vir esta primeira manifestação póde lançar no seu livro de lembranças uma data para sempre memoravel nos annaes da humanidade.

« Principiará ao meio dia em ponto na praça da Concordia, continuando até ás cinco horas nos Campos Elyseos, jardim das Tulherias, passeios publicos, *boulevards*, cáes e mais lugares que permittam a agglomeração de povo.

« Será bem que as autoridades tomem as devidas providencias para evitar algum máo accidente; e, si julgarem conveniente, precauções contra quaesquer acontecimentos possiveis. Só têm, porém, que temer a grande affluencia.

« Si por infundado amor proprio alguém affectar incredulidade no que aqui se annuncia, ou o repute um parto da loucura ou algum logro ridiculo, basta-lhe reflectir no modo inexplicavel por que se distribuiu este escripto para convencer-se de que os mais incredulos não serão desta vez os mais arrazoados.

« No dia 1º de Junho, ao meio dia justo, se darão na praça da Concordia provas esplendidas. »

Este annuncio foi espalhado em Paris cinco ou seis semanas antes do 1º de Junho, por uma noite escura e chuvosa, usando-se para isso de todos os meios, desde o mais simples até o mais incomprehensivel.

Pessoas houve que o receberam pelo

correio, e algumas em carta registrada. Outras o acharam nos pateos das casas, nas saccadas e parapeitos das janellas, nas aguas-furtadas, escadas, e fogões que a temperatura da primavera permittia trazer apagados. Os varredores e trapeiros apanharam grande porção logo ao alvorecer. Delle se encontraram exemplares em todos os monumentos em que ficou á noite alguma fresta ou janella aberta, nos mercados, igrejas, theatros, salões da Praça do Commercio, do Paço da Justiça, salas de bailes publicos, estações das estradas de ferro; delles se viam entre os ramos e folhas das arvores, delles enfiados nos pára-raios, pendurados por aqui, por alli, em todas as alturas, em prégos, ganchos, em qualquer saliencia de parede, nas venezianas e nos telhados. Boiavam no Sena, cahiam das cornijas e cymalhas trazidos pelo vento. O obelisco de Luxor, na praça da Concordia, estava todo enfeitado: contornavam-n'o de alto a baixo especies de corôas de cordas de

que pendiam cordões com enfiadas de exemplares fluctuando ao vento. Muito trabalho deu, apesar da sobejidão de escadas, o despir o venerando monumento daquelle ornato insolito; não obstante terem começado cedo, a operação prolongou-se tanto que ainda muita gente a presenciou. Diziam os que affrontaram o máo tempo de noite na rua, que tinham cahido alguns exemplares sobre os guardas-chuva. Nesse dia e nos subsequentes apanharam-se, em Paris e nos arredores, passaros de toda a especie — pombos, pardaes, andorinhas, com o escripto atado ao pescoço. E ainda muito depois viam-se alguns desses a voar. Mataram-n'os até na Belgica, Corsega e Algeria.

Ainda não era tudo, mas era já o bastante para excitar a curiosidade publica e pôr a policia álerta.

O que mais preocupava a população não era o conteúdo do papel, senão a maneira por que tinha sido espalhado. Recordava a his-

toria de uma casa crivada de pedradas á noite, em 1848, caso para que nunca se poudo achar explicação satisfactoria. Todos queriam explicar o da occasião, mas ninguem acertava. Numa cousa estavam quasi todos concordes:—em que os distribuidores deviam ter sido muitos, e se tinham mostrado discretos e habéis.

Qual era o fim disso ; o que andava alli encoberto ? A opinião mais corrente é que era um logro colossal, uma peça de 1º de Abril demorada. Apesar da plausivel advertencia que trazia o escripto, ninguem quiz dar mostras de acreditar que fosse cousa verdadeira. Reconheciam que o logro não valia a pena e dinheiro por que viria a sahír. Mas quem quer pregar peça não olha a nada. Contavam-se historias de escriptos atirados nos quartos pelas janellas abertas, de vidraças quebradas por uma mão calçada de luva que alguem entrevira ; mas ninguem dava credito a esses contos. Os mais atilados suppunham que fosse um artificio indus-

trial, cujo autor só esperava que se tivesse fallado bastante de si para apresentar ao mundo um novo insecticida ou alguma pomada contra a calvice. Quanto a ir á praça da Concordia no dia 1º de Junho, protestavam todos que não dariam tal caminhada, que só provaria simploria credulidade.

Mas comsigo e em silencio os mais scepticos promettiam pôr-se de espreita á janella, embora dêsse pouca vista dos cães e *boulevards*. Os que não tinham essa vantagem por si, premeditavam um pretexto para achar-se fóra de casa, e si fosse possivel, atravessar a praça da Concordia no dia 1º de Junho cerca do meio-dia. Vendo a todos incredulos, cada qual tinha para si que fosse o unico.

A policia e mais autoridades participavam das impressões do povo, mas cuidavam de mais alguma cousa. Podia bem ser que essa capa de logro acobertasse alguma intenção politica, talvez uma conspiração. Não seria um meio engenhoso de ajuntar muito povo e provocar motim? Em todo

caso, resolveu-se tomar precauções, mas sem deixar transpirar nada, para não comprometter a dignidade das autoridades parecendo ligar importancia ao que talvez não passasse de uma logração. Deliberou-se tambem fazer todo o possivel por desvendar o mysterio. Mandaram proceder a dous inqueritos: um pela policia, outro judicial.

O inquerito da policia não carecia de pretexto. Os commissarios tiveram ordem de colher todas as informações que podessem haver dos seus agentes, policiaes e mais auxiliares e mandal-as para a prefeitura, onde seriam autoadas. Quanto ao judicial, tinha justificação bastante das circumstancias enigmaticas da distribuição. Demais, era: 1º uma distribuição de escriptos não autorizada; e depois o escripto não tinha sido licenciado nem depositado; não tinha o nome do impressor e dava azo á presumpção da existencia clandestina de uma imprensa autographica. Não continha talvez delicto perfeitamente caracterisado, comquanto não

estivesse sellado e podesse considerar-se em rigor tratar de materia politica e economia social. Mas fallava-se de vidraças quebradas, verdadeiros arrombamentos incursos na lei penal. Havia em tudo isto mais do que o bastante para abrir um inquerito com o fim de descobrir os autores desses factos, mais ou menos criminosos sob varios pontos de vista.

Na policia ajuntou-se uma montanha de documentos. Os agentes colheram escrupulosamente todas as conversas que lhes chegaram aos ouvidos. O *dizem* e o *consta* eram a voz geral. Não se fallava de outra cousa nos salões, nas reuniões, nos cafés, nos hotéis, na Praça do Commercio, no Paço, em toda a parte onde se conversa. Principalmente nos cubiculos dos porteiros e nas vendas, onde se ajuntam as cosinheiras, corriam de boca em boca as aneddotas mais inverosímeis. Infelizmente, em parte nenhuma se descobria a verdade. Ocioso é contar todos os incidentes creados pela imaginação,

e cada vez augmentados pelo—quem conta um conto acrescenta um ponto. Alguns havia reproduzidos com variantes mas com singular persistencia, em sitios muito afastados uns dos outros.

Um estudante, morador em um quarto do bairro Latino, contava que, por cerca das duas horas da madrugada, não podendo conciliar o somno, ia levantar-se para buscar um livro, quando ouviu quebrar-se um vidro da sua janella e cahir no quarto um objecto. Nada mais percebera por causa da escuridão. Correu á janella, abriu-a e nada viu fóra. Accendeu então a vela e achou no soalho, perto da janella, um objecto redondo embrulhado em papel, em que estava escripto—*pelo vidro quebrado*. Abriu o papel, que continha uma moeda de cinco francos, e na parte interna caractéres autographicos. Era um exemplar do famoso escripto.

Outros, nos bairros Mouffetard, da Bastilha, da Opera, dos Campos Elyseos, no ar-

rabalde S. Germano, em Montmartre, Vaugirard, e Montrouge contavam que tinham acordado sobresaltados pelo barulho de um vidro quebrado e achado proximo da janella uma moeda de cinco francos embrulhada do mesmo modo. Outros, ao entrar no salão, no gabinete ou na sala de jantar, acharam a mesma cousa, sempre junto de um vidro quebrado. De mais d'isso, parecia difficil, pela fôrma das fracturas, examinadas com cuidado, que houvessem sido produzidas somente pelo choque da moeda de cinco francos.

Circumstancia notavel : os quebramentos de vidraças, dados indistinctamente em janellas da frente ou dos fundos, não tinham sido feitos em nenhum quarto em que havia luz. Era portanto certo, que os autores da distribuição nocturna, evidentemente muito numerosos, tinham tido muito cuidado para não serem vistos.

Entretanto algumas pessoas affirmavam ter percebido alguma cousa.

A' vista da gravidade do facto, mandaram-n'os ao inquerito judicial.

D'esse inquerito tinha sido encarregado um magistrado de rara sagacidade. Foram-lhe entregues os volumosos relatorios apresentados á prefeitura de policia. Deu de mão a tudo o'que tinha character evidentemente fabuloso, como declarações inadmissiveis de pessoas que pretendiam ter distinguido no ar uma massa negra com fórma semelhante á humana, entre duas outras informes que a sustentavam ou por ella sustentadas, a gesticular como um semeador fantastico, movendo-se com rapidez que andaria entre a da andorinha e a da bala de canhão. O juiz guardou os depoimentos que tinham alguma verosimilhança ou ao menos possibilidade.

Interrogou a todas as pessoas, cujas vidraças tinham sido quebradas, e que haviam recebido moédas de cinco francos, sendo estas provisoriamente retidas como provas para o processo.

Mas nem da data do cunho nem d'outra coisa qualquer se poudo tirar indicação util. Foram recolhidas perto de duzentas, o que representava já mil francos de despeza só por esse lado.

Os escriptos distribuidos pelo correio, cujo numero era impossivel precisar mas reconhecido superior a dous mil, tinham custado só de sello mais de duzentos francos, afóra a importancia do registro de algumas cincoenta cartas. O mais que se poudo saber pelas indagações feitas no correio, foi que tinham sido apresentadas por um individuo, cujo rosto nenhum empregado tinha tido a idéa de olhar ou observar. Déra o nome de *Nagaer*, nome imaginario com endereço igualmente fantastico.

Verificou-se que o quebramento de vidraças havia-se dado em bairros muito afastados, senão simultaneamente, pelo menos em momentos tão proximos, que se podia concluir d'ahi haver sido grande o numero de distribuidores, nunca menos de cincoenta e

talvez mais de cem ; não contando os que, ainda mais numerosos, andaram a espalhar escriptos por toda parte. Parecia que devêra ter sido pago bem caro tamanho pessoal, e gasto muito dinheiro em authographias, executadas secretamente. Foi trabalho baldado o exame a que se procedeu dos caracteres autographados, da letra dos sobrescriptos das cartas recebidas pelo correio, do papel e até das cordas e laços, que adornavam o obelisco. As indagações feitas nas lojas de papel, cordas, gaiolas e passaros, foram todas infructiferas. Marcaram-se com minucioso cuidado os depoimentos d'algumas pessoas que diziam ter visto alguma cousa mais que as outras.

Essas pessoas eram : primeiro, seis individuos, que tendo sahido do theatro, foram cêar e jogar em casa de um delles, n'um quartinho de quarto andar. Pelas tres horas da madrugada abriram a janella para renovar o ar cheio de fumaça de charuto. Um momento depois, de fóra atiraram por ella

um punhado de escriptos. Olharam e nada mais viram. Só a um d'elles pareceu ter distinguido no telhado da casa fronteira, uma fôrma escura fugindo por detraz d'uma chaminé. Interrogaram-se escrupulosamente todos os habitantes d'essa casa. Mas a unica revelação util, que poderam fazer, foi que um d'elles achou no dia seguinte alguns exemplares nas duas chaminés de seu quarto.

Em outro bairro foi um medico que fôra chamado à noite para vêr um doente. Um feliz acaso permittira que o creado, com uma luz na mão, abrisse a porta do quarto de seu amo exactamente quando quebrou-se com estampido um vidro da janella. Medico e creado affirmavam cathegoricamente ter visto, atravez da cortina da janella, uma mão calçada de luva muito grossa, como as que se usam no jogo de esgrima, quebrar o vidro e empurrar a cortina deixando cahir no quarto um objecto, e sumir-se. Mas fôra não tinham divulgado cousa alguma.

Outras duas pessoas, marido e mulher, estando acordadas na ocasião em que quebrou-se a vidraça de seu quarto, diziam também ter visto, ainda que mais vagamente, a mesma mão, com o favor do clarão projectado na janella por um lampeão da rua.

Muitos outros depoimentos houve, que é inutil referir. Mas foi impossivel deter a alguém como complice ou coparticipante na menor cousa. Todos aquelles sobre quem por alguns instantes pairaram suspeitas, justificaram-se o mais cabalmente possivel. Foi força renunciar ás indagações.

As conclusões, que tanto o prefeito da policia como o juiz tiraram do interrogatorio, foram as seguintes :

Nada se podia affirmar quando ao fim da distribuição ;

Mas esse fim era patentemente sério e não se podia acreditar que fosse um méro logro ;

Os distribuidores tinham sido numerosissimos ;

Tinham trabalhado muito e dado provas de grande habilidade ;

A distribuição devia ter occasionado despesas consideraveis ;

O segredo tinha sido muito bem guardado ;

Quanto á explicação dos meios empregados, era por emquanto impossivel. Seria provavelmente descoberta mais tarde. Mas era urgente preparar-se para qualquer eventualidade.

Espalhou-se pelo povo alguma coisa a esse respeito. Soube-se ter havido um inquerito e sido interrogadas muitas testemunhas. Isso abalou a incredulidade geral.

Cada qual ao seu modo, tinham as gazetas contado e commentado o facto. No primeiro dia deram umas noticias muito simples da distribuição nocturna, que acharam extraordinaria ; mas, sem dar-lhe importancia, procurava cada uma precaver os leitores contra as exagerações e fabulas em que lhes pareciam envolvidas quasi todas as versões.

No dia seguinte tinham se multiplicado estas de tal maneira, que foi preciso dar alguns pormenores. O texto do escripto foi reproduzido por todas as gazetas, acompanhado do competente commentario geralmente suggerido pelo mais perfeito scepticismo. Teria talvez cahido no esquecimento essa historia dentro de poucos dias si não se lembrasse uma d'ellas de tomar o caso ao sério, o que veio provocar risada unanime. A gazeta credula chamava-se *Universel*. No quarto dia publicou um extenso artigo enumerando todas as circumstancias, tão numerosas quão inexplicaveis, que pareciam fóra de duvida. Fazia disso base para affirmar que homens capazes de executar tal prodigio não podiam ser logradores nem charlatães vulgares, e que o mais arrazoado era, senão acreditar cegamente em algum grande invento, ao menos esperar pelo primeiro de Junho, em vez de negar antes de ter visto. Por sua parte confessava alto e bom som que se sentia mais disposto a acreditar do que a duvidar.

Ia até a aventurar uma hypothese. Parecia-lhe provado que se tinha descoberto um meio para dirigir os balões.

Os distribuidores nocturnos eram com toda a probabilidade aeronautas adestrados e industriados pelo inventor. E talvez se viessem a ver, no primeiro de Junho, centenas de balões a navegar por cima de Pariz obedecendo a todos os impulsos que lhes dessem os conductores dentro das suas barquinhas.

Cahiram sobre o *Universel* mais com sarcasmos do que com boas razões. Dignaram-se, por muito favor, observar-lhe que semelhante invento careceria de muitas experiencias e estas não poderiam ter ficado ignoradas de toda a gente. Não se podiam calcular os distribuidores em menos de trezentos. Quem acreditaria na possibilidade de fazerem-se trezentos balões sem se saber disso, encher-os—o que é operação longa e requer grande pessoal—e depois executarem suas evoluções em Pariz durante uma

noite inteira, sem ser visto ao menos um ? Demais, não estava já scientificamente demonstrado que o governo dos balões era pura chimera, porque não se podia encontrar no ar resistencia bastante e porque seria preciso dar-lhes dimensões desproporcionadas com a força de qualquer motor aereo realisavel ?

Tudo isto foi dito por incidente e entre epigrammas sem numero. O *Universel* não se deu por vencido ; atirou ao desdem o ridiculo com que o queriam cobrir e contrapoz-lhe raciocinios cerrados, que abalaram a muitos incredulos. Ganhou com isso grande numero de leitores.

Pelo mesmo tempo se foram conhecendo algumas particularidades do inquerito, em que tinham sido interrogadas tantas testemunhas. D'ahi concluiam que a decifração do enigma não era a hypothese de um certo numero de balões governaveis, porque si tal fosse, não teria escapado ás investigações da justiça e da policia. Antes concluiam

que devia andar n'isso algum negocio sério, visto que se empregavam tão grandes meios de investigação. Começavam os zombeteiros a bandear-se para o *Universel*, que por sua parte já declarava não fazer cabedal da sua hypothese dos aerostatos, limitando-se a sustentar que alguma coisa notavel havia de acontecer no primeiro de Junho. As outras folhas começaram a temer houvessem seguido caminho errado.

Com que cara ficariam si os factos viessem a dar razão ao adversario, cousa que cada vez se antolhava menos impossivel?

Poz-se cada uma a esquadrihar o melhor meio de mudar de opinião, caso fosse necessario render-se perante a evidencia.

Depois vieram chegando as noticias da impressão produzida nas provincias, a principio repetição da que em Pariz affectava completo scepticismo.

Dentro em pouco, porém, mudaram as cousas. Na provincia ha mais tempo para se

lêr e reflectir. Declararam-se abertamente em favôr do *Universel*.

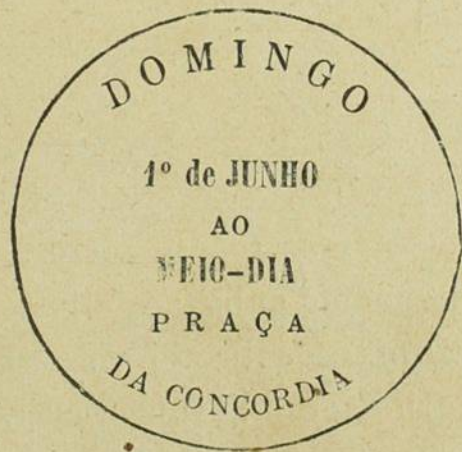
Entregaram-se sem fingidos pejos ao violento fogo da curiosidade.

Muita gente preparou as malas para achar-se em Pariz no primeiro de Junho. Não sabiam as companhias de estradas de ferro si deviam organizar trens de passeio, e certamente o fariam si não lhes pedisse discretamente o governo que se deixassem d'isso.

Entretanto era ainda vinte de Maio e já começava a povoação a ficar cansada de ouvir fallar sempre da mesma cousa. Já andavam os ouvidos enfastiados d'esse assumpto, como acontece com todos os que tornam-se por mais de certo tempo objecto de conversação. Quasi que se deixou de tratar d'elle. A attenção publica estava por demais fatigada, de modo que chegaram a declarar que qualquer allusão ao primeiro de Junho ou á distribuição nocturna irritava os nervos da melhor tempera. Tres dias antes do primeiro de Junho, parecia que nin-

guem daria um passo pela decifração do enigma. Nova circumstancia, porém, veio despertar as preocupações amortecidas.

Foi uma segunda distribuição nocturna ; não de papel authographado mas de medalhas de folha de Flandres pouco maiores que uma moeda de cinco francos, com a mesma profusão espalhadas com que o fôra o escripto : mas sem vidraças quebradas, nem mão com luva entrevista por alguém. Traziam essas medalhas em grosseiro mas bem legível cunho estas simples palavras :



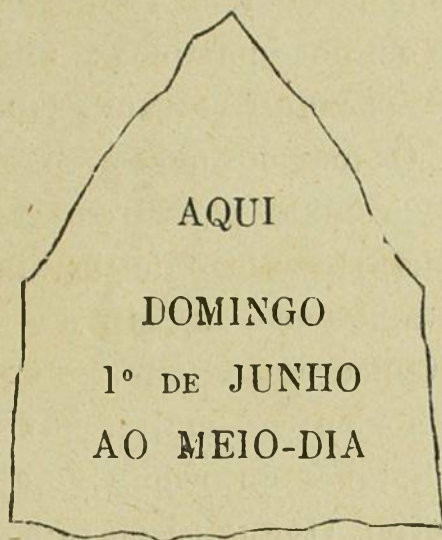
Alem d'isso via-se uma cousa singular em cima da casa em que estava o escriptorio do *Universel*. Collocara essa folha entre duas chaminés por cima da cumieira, uma taboleta de ferro com seu nome vasado em caracteres immensos, que se podiam ver de muito longe. Por baixo tinham-lhe pendurado á noite uma especie de bandeira branca, em que se lia esta unica palavra pintada em caracteres de dous metros de altura :

CORAGEM

Verificou-se com toda a certeza que ninguém teria podido subir ao telhado á noite.

Finalmente, o obelisco fôra vestido com um novo ornamento ; tinha uma especie de barrete de quatro faces de lona branca.

Lia-se em cada face :



D'esta vez resolveram-se a deixar a duvida. Começaram a não ter mais reservas. A mocidade escolastica, os operarios, o povo dos arredores, vencendo todos os preconceitos humanos, foram os primeiros que se mostraram abertamente possuidos d'uma curiosidade que se tornou contagiosa. Fizeram-se apostas enormes no Jockey-Club e em todas as reuniões pró e contra a

realidade do acontecimento esperado. Até a Praça persuadiu-se de que o dia primeiro de Junho teria influencia no commercio, e dividiu-se em dous partidos : alta e baixa. As mulheres manifestaram grande desejo de ir vêr. Os maridos deram-se por felizes ao achar pretexto para irem tambem. Do povo principalmente, familias inteiras se apromptaram para invadir em chusma a praça da Concordia.

Quanto aos outros, muitos havia que não temiam o apinhamento do povo e contavam entrar n'elle. Os que receiavam que houvesse muito aperto, procuraram obter janelas nos *boulevards* ou nos cáes. A rua real tornou-se o alvo de todas as ambições.

A 29 de Maio lembrou-se um de seus moradores de pôr n'um escripto : *alugam-se janellas para o dia primeiro de Junho.* »

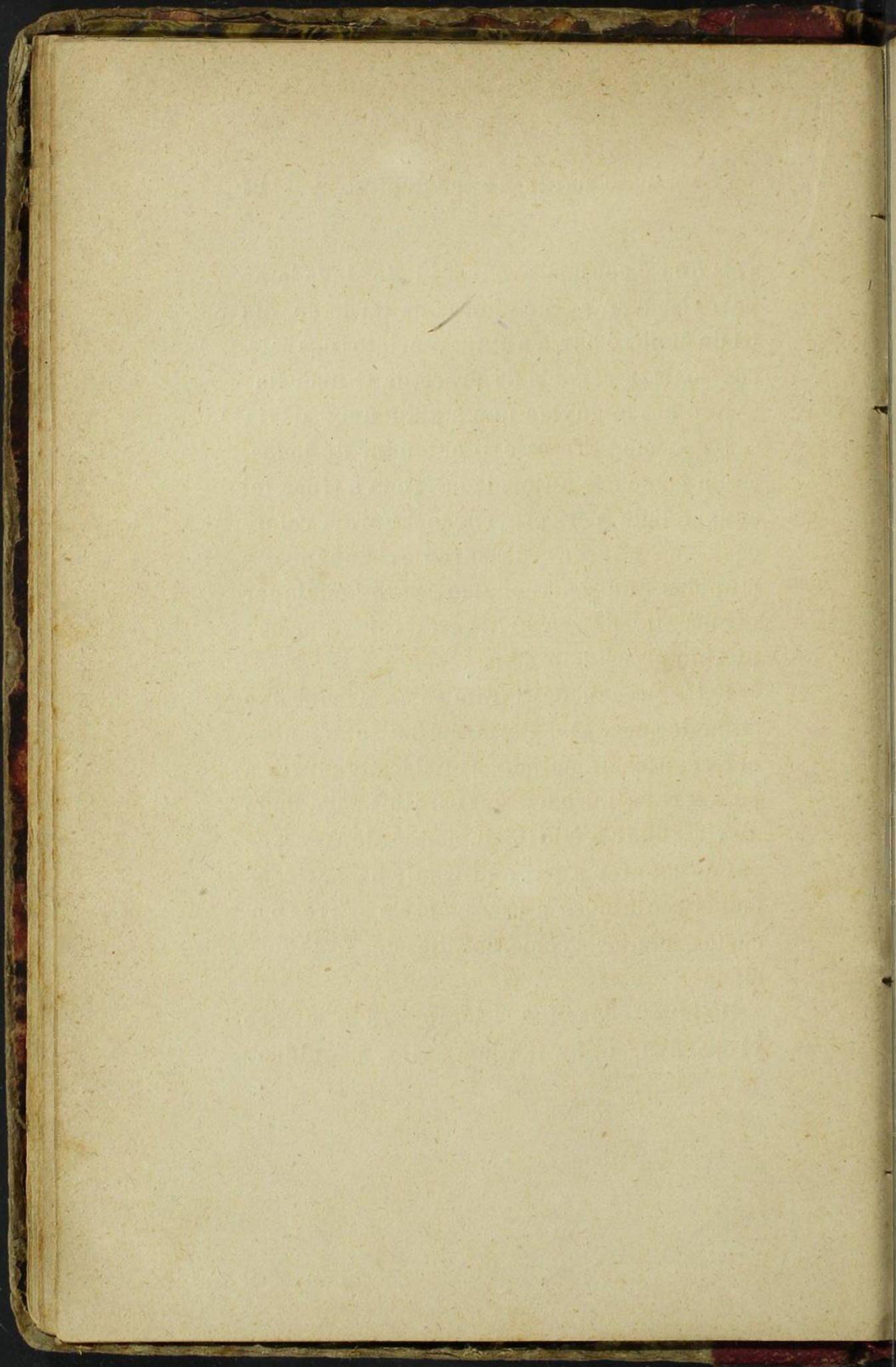
Foi exemplo immediatamente seguido, e como o fogo posto a um rasilho de polvora, lavrou pelos *boulevards*, rua de Rivoli, e cáes. Foi tudo alugado pelos preços incrí-

veis que accusam a curiosidade levada ao paroxismo. A's cinco horas da tarde do dia 31 de Maio só havia alguns escriptos nos bairros mais afastados da praça da Concordia.

Não havia duvida que a affluencia devia ser enorme. Era esse o entender de todos, assim como das autoridades. Toda a tropa foi aquartelada por prevenção. Foram reforçadas as guardas da circumvisinhança e munidas de cartuchame para qualquer eventualidade. A artilharia estava prompta, de peças montadas.

Estas precauções foram tomadas debaixo do maior segredo. Postaram-se ao amanhecer agentes de policia, policiaes, guardas a pé e a cavallo, em todos os sitios para onde devia affluir a multidão, com ordens severas de manter a paz e prevenir os accidentes. Prohibiu-se a passagem de carros por certos pontos, como nos dias de festa nacional.

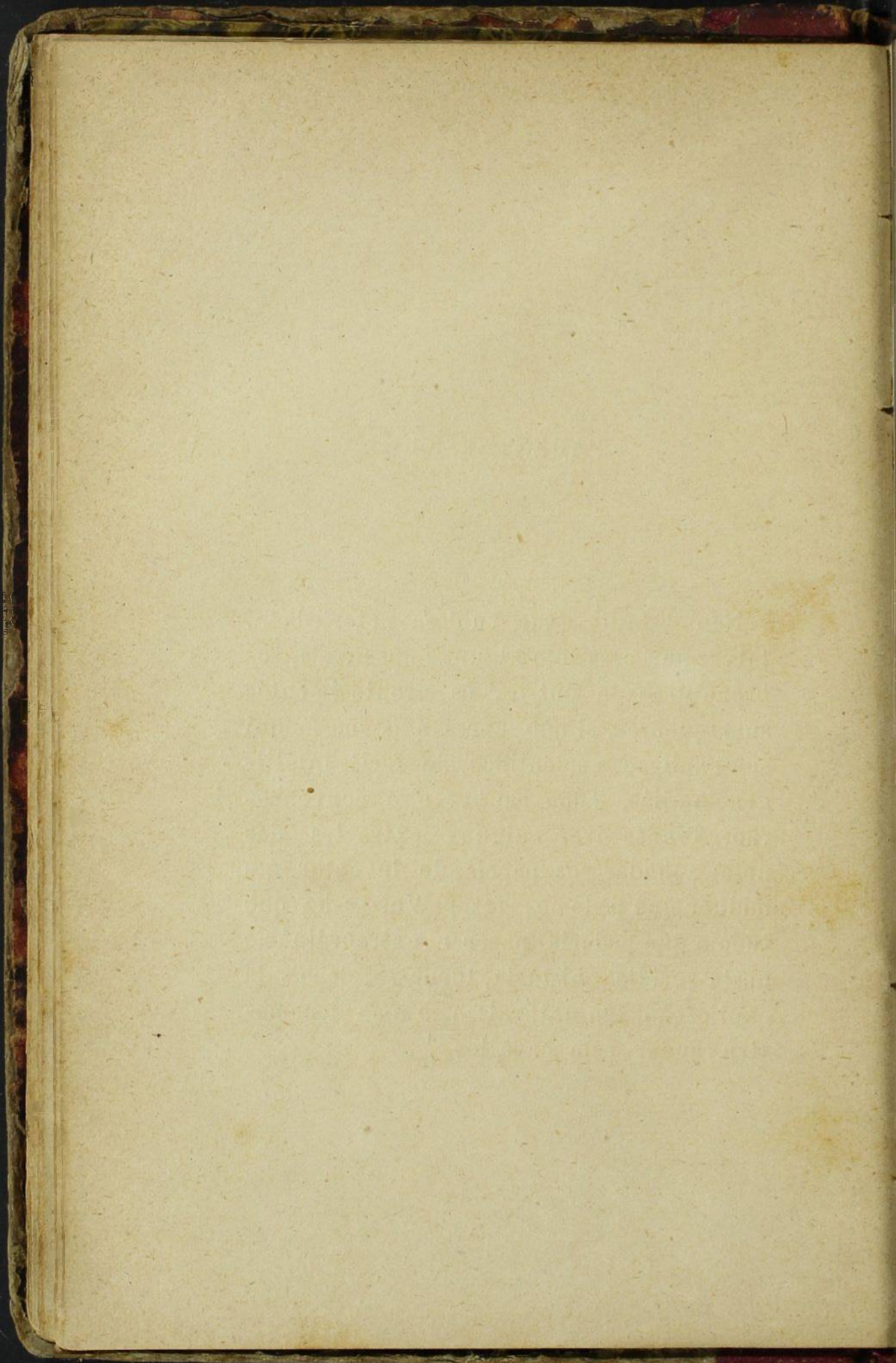
Diziam todos que si logro era o que se preparava, tinha tido um exito magnifico.



No
tares
breu
subse
na ex
gen
rio. Tr
not
mel
tal
nata
ex
tra

PARENTHESSES

Não obstante a sua ruidosa notoriedade, talvez parecess m a alguns impossiveis, sobrenaturaes a outros, os aconte imentos subsequentes, si não apresentassemos aqui sua explicação scientifica, de facil intelligencia aliás, como em breve se convencerão. Transcrever alguns extractos das notas achadas nos papeis do inventor, é o melhor que podemos fazer. Ver-se-ha que tudo o que poderia parecer extraordinario nesta veridica historia, torna-se, depois da explicação, tão natural como uma locomotiva andar sem cavallos.



Loca
sequi a
Dico-ne
que ad
en que
citas, de
man in
fate a

II

A INVENÇÃO

Luctei com alguma difficuldade para conseguir a idéa principal da minha invenção.

Dizia-me uma especie de vaga intuição, que não segue bom caminho quem se obstina em querer, por meio dos motores conhecidos, dar direcção aos vehiculos aereos mais ou menos pesados que o ar. Fosse qual fosse a força motriz, era fatalmente insuf-

ficiente, desde que exigia mecanismos pesados. Quanto mais se trabalhar para augmentar a grandeza e efficacia das azas, vélas, helices ou quaesquer outras machinas destinadas a produzir a locomoção, tanto maior será a necessidade d'uma força motriz consideravel, impossivel de obter no ar em rasão do peso das machinas, principalmente si exigem provisão d'agua e combustivel. Para augmentar a potencia dos meios, é forçoso augmentar em proporção ainda maior a difficuldade do resultado. A concepção dos *balões governados*, ou de quaesquer vehiculos que recebam o impulso de um dos motores conhecidos, implicava no meu conceito contradição. Era um verdadeiro circulo vicioso, um impossivel. Era preciso cousa differente de tudo quanto se havia tentado até então. Era preciso uma concepção primordial nova e radicalmente diversa.

Puz-me a pensar no que poderia apresentar a natureza como *motores* até ali mal

conhecidos, mal estudados e para fallar verdade, não descobertos.

Pensei primeiro na *gravitação*. E' evidentemente uma força, e força enorme, que funciona sem mechanismo, o que é uma preciosa condição.

Que energia de queda n'um rochedo a cair d'uns cem metros! Que enormes que não são essas forças que determinam o movimento dos corpos celestes!

Mas ha um embaraço, a gravitação não é força que se possa dirigir. Tem para nós um centro de direcção unico, o do globo em cuja superficie se podem produzir phenomenos a nosso alcance.

A gravitação era o motor exactamente contrario do que eu precisava.

Este exactamente contrario foi um raio de luz. Não teria a gravitação uma contraria?

Devia tel-a. O phenomeno da attracção e repulsão se observa nas combinações chemicas, como na dos corpos. Já a sciencia ma-

nifestava tendencias para attribuir todos os phenomenos physicos da materia a uma causa unica : o movimento molecular, de que não são mais que modos variados o calor, o som, a luz e a electricidade. Adiantava-se, porém, demais em desconhecer a dualidade d'essa causa primaria, que pretendia reduzir á unidade absoluta ; em explicar, pelos mesmos impulsos exteriores dos atomos do ether, os phenomenos repulsivos e os attractivos, e desterrar para o numero das hypotheses rejeitadas a concepção das duas electricidades, positiva e negativa.

Por esse tempo a electricidade não era conhecida. Entretanto serviam-se d'ella. Possuia-se o telegrapho electrico, invenção que parece tão simples, mas que passava então pelo *nec plus ultra* do genio da sciencia pratica.

Havia confusas suspeitas de que existia alguma relação entre a electricidade e o magnetismo ; mas ninguem tinha ainda descoberto a identidade d'esses phenomenos,

de que são meras manifestações a faísca electrica, o magnetismo, a galvanisação, a magnetisação, a gravitação e as affinidades chimicas. Bem pouco merito talvez me acharão por ter descoberto, que a gravitação e a electricidade são uma e a mesma cousa ; descobrimento este que andava até então em estado de pura hypothese, mal suspeitado e nunca demonstrado. E' a historia do ovo de Colombo. Todo problema resolvido parece muito facil de resolver.

Ninguem imagina que de esforços me custou, que de meditação, trabalho, experiencias, desanimos e perseverança o chegar a esta formula : a gravitação é um dos modos de manifestação da electricidade.

A electricidade é por assim dizer a gravitação condensada, em quint'essencia, no seu maximo de intensidade. E' uma especie de furia attractiva.

Manifesta-se por duas forças contrarias, que se exprimiam pelas denominações de electricidade positiva e negativa. Assim

tambem a gravitação propriamente dita, ou positiva, tem sua contraria na gravitação negativa, ou anti-gravitação.

Por suas acções combinadas produz-se o movimento dos corpos celestes, o que completa o descobrimento de Newton. A gravitação só explicâ a metade do phenomeno, sendo a força que mantém a terra a uma certa distancia do sol, que a attrahe. Para explicar como a terra não chega a ajuntar-se com o sol, era forçoso suppôr um impulso original dado de uma vez para sempre e que se transformasse em força centrifuga. Ignorava-se a natureza d'essa força, que não é original, mas continua e tende a afastar a terra do sol, para o qual tende a attrahil-a a gravitação. A anti-gravitação, ou gravitação negativa, é um dos modos de ser da electricidade negativa. As duas gravitações, positiva e negativa, actuam em diverso sentido formando um angulo, cuja resultante, variando em cada instante, produz a revolução de cada planeta em torno do seu sol, de

cada satellite em torno do respectivo planeta.

O motor existia pois na natureza. Cumpria dominal-o, moderar-o, governar e utilizar.

Foi essa a parte mais difficil do meu trabalho. Quanta noite velada, quanta experiencia, quanta tentativa infructifera que não fiz para chegar a crear os dous corpos electro-metallo-chimicos, que chamei *pos* e *neg*, abreviando as palavras *positivo* e *negativo* ! O *pos*, amarello como o ouro, duro como a platina, fusivel em temperatura tão alta e tão difficil de obter como o iridio ! O *neg*, branco como a prata, leve como o aluminio, poroso como a pedra-pomes. Cada um de per si, comportam-se como todos os outros corpos ; cahem para a terra e obedecem às leis da gravitação. A juxtaposição dá-lhes as suas qualidades particulares, como na pilha do Volta os discos superpostos de zinco, cobre e baêta convenientemente humedecidos desenvolvem electricidade.

E' tambem electricidade o que desenvol-

vem o pos e o neg juxtapostos : electricidade positiva ou attractiva pelo pos, e electricidade negativa ou repulsiva pelo neg. Aquelle é solicitado pela gravitação, este pela antigravitação. As experiencias deram-me o seguinte resultado :

Fiz uma bola composta de um hemispherio de pos e outro de neg. A bola cahia quando estava para o lado da terra o pos ; quando ao contrario estava o neg, subia com grande rapidez. Naturalmente foi imperfeitissimo o meu primeiro apparelho. Todavia bastou para me dar certeza de bom exito.

Conheci que as duas electricidades gravitantes, positiva e negativa, desenvolviam-se de um modo continuo, uma pelo pos, pelo neg a outra. Mas esse desenvolvimento nenhum effeito produzia no corpo, cuja superficie não ficava para o lado da terra. A força attractiva ou repulsiva annullava-se quando não tinha em frente a massa terrestre. Era pouco mais ou menos como si se

suppozesse um corpo pesado solto no espaço longe dos corpos celestes : estaria sempre sujeito à força de gravitação, entretanto não cahiria para parte alguma, porque nada o faria mover-se. Si quizessemos usar de linguagem jurilica, deveríamos dizer que estaria no gozo da faculdade gravitante mas não no *exercício*.

Da mesma sorte, quando eu voltava a bola com o pos para baixo, desprendia-se sempre pelo neg electricidade repulsiva, que nenhum effeito produzia, por não achar no espaço objectivo. Pelo contrario, desprendendo-se electricidade attractiva pelo pos, a bola era com violencia attrahida para a terra. Quiz verificar si este effeito de quèda era resultado só da gravidade. Eu tinha tomado para formar a bola mil e quinhentas grammas de pos e quinhentas de neg. Si pois só obedecesse á gravidade, pesaria dous kilogrammas. Colloquei-a na concha de uma balança, com o pos para baixo, e fui pondo na outra concha pesos cada vez

maiores, até cincoenta kilogrammas, sem que a primeira concha se movesse : adheria com uma força invencivel, como os pesos ôcos que os prestigiadores levantam com um dedo, mas não se podem levantar, por mais esforços que se empreguem, logo que se estabeleça a corrente electrica. O tamanho da balança não dava para levar á diante a experiencia, mas satisfiz-me com o resultado. Virei a bola, e cessou a adherencia immediatamente.

Voltado o neg para baixo, a bola subia com força extraordinaria, indo bater no tecto da sala, onde ficava suspensa. Dava-se o effeito contrario. A electricidade gravitante attractiva, sahindo pelo pos voltado para cima, não achava objectivo no espaço e não produzia effeito em sentido algum. A electricidade gravitante repulsiva, ao contrario, desprendendo-se pelo neg, achava objectivo na terra e affastava a bola violentamente. Era como uma móla distendida que, dado o ponto de resistencia, se soltasse.

Quiz tambem verificar o grão de adherencia ao tecto. Por mais pesos que appliquei-lhe não pude arrancar a bóla. Isto bastava-me ; deixei para depois medir exactamente a força dynamica do systema, tanto attractiva como repulsiva. Rolei a bola um tanto, e arranquei-a facilmente do tecto.

Estava o problema quasi resolvido. Eu possuia um motor poderosissimo, ascendente à minha vontade. Bastava uma bola do tamanho da cabeça de um homem para elevar navios aereos de grandes dimensões. Mas isto não passava ainda de um progresso sobre os balões. Era mister achar meio de moderar a força ascencional para não ser carregado a alturas demasiado grandes, assim como de transformal-a em força lateral para dirigir o aparelho.

O primeiro foi facil de obter. A adherencia completa do pos e do neg dava o maximo de acção da electricidade gravitante positiva ou negativa. Achei que sepa-

rando-os um pouco, o phenomeno diminuia apenas de intensidade. A' distancia de dous centimetros manifestava-se ainda, mas já muito fraco : assim dispostos, ficavam quasi parados no ar, no ponto em que os soltava, subindo ou descendo com extrema lentidão, conforme a parte voltada para a terra. Estava eu senhor da força motriz, podendo augmental-a ou diminuir, como quizesse.

Faltava a direcção. Aqui andei por muito tempo sem rumo certo. Calo as particularidades e vou direito ao processo que me deu a solução.

Experimentei uma bola formada de uma parte media de neg e as extremas de pos. Produziu um phenomeno assaz curioso.

A juxtaposição do hemispherio inferior ao disco mediano desenvolvia electricidade gravitante positiva e tendia a fazer descer a bola. Mas a juxtaposição simultanea do disco com o hemispherio superior produzia electricidade gravitante negativa e tendia a levantar a bola, sem que a isso se oppo-

zesse o hemispherio inferior, o que causou-me admiração. Estes dous phenomenos eram simultaneos. A bola era solicitada por duas forças directamente contrarias,— a attractiva e a repulsiva. Obedecia á maior, subindo ou descendo mais ou menos rapido, conforme as proporções que fui dando ás diferentes partes da bola. Mas nunca pude conseguir proporcional-as de maneira que o systema ficasse completamente immovel no ponto em que o largava no ar.

Lembrei-me de dar ao disco intermedio a fórma de uma cunha bem aguçada. Obtive um effeito maravilhoso.

As duas forças contrarias continuavam a desenvolver-se, mas obliquamente, dando uma resultante horisontal. Fiz outra bola e colloquei-a sobre a chaminé com a parte mais grossa da cunha voltada para a parede fronteira. Veloz como uma bala, foi de encontro á parede, rasgando o papel e deitando abaixo uma pouca de calça.

Foi facil moderar-lhe a força sepa-

rando mais ou menos as suas diferentes partes.

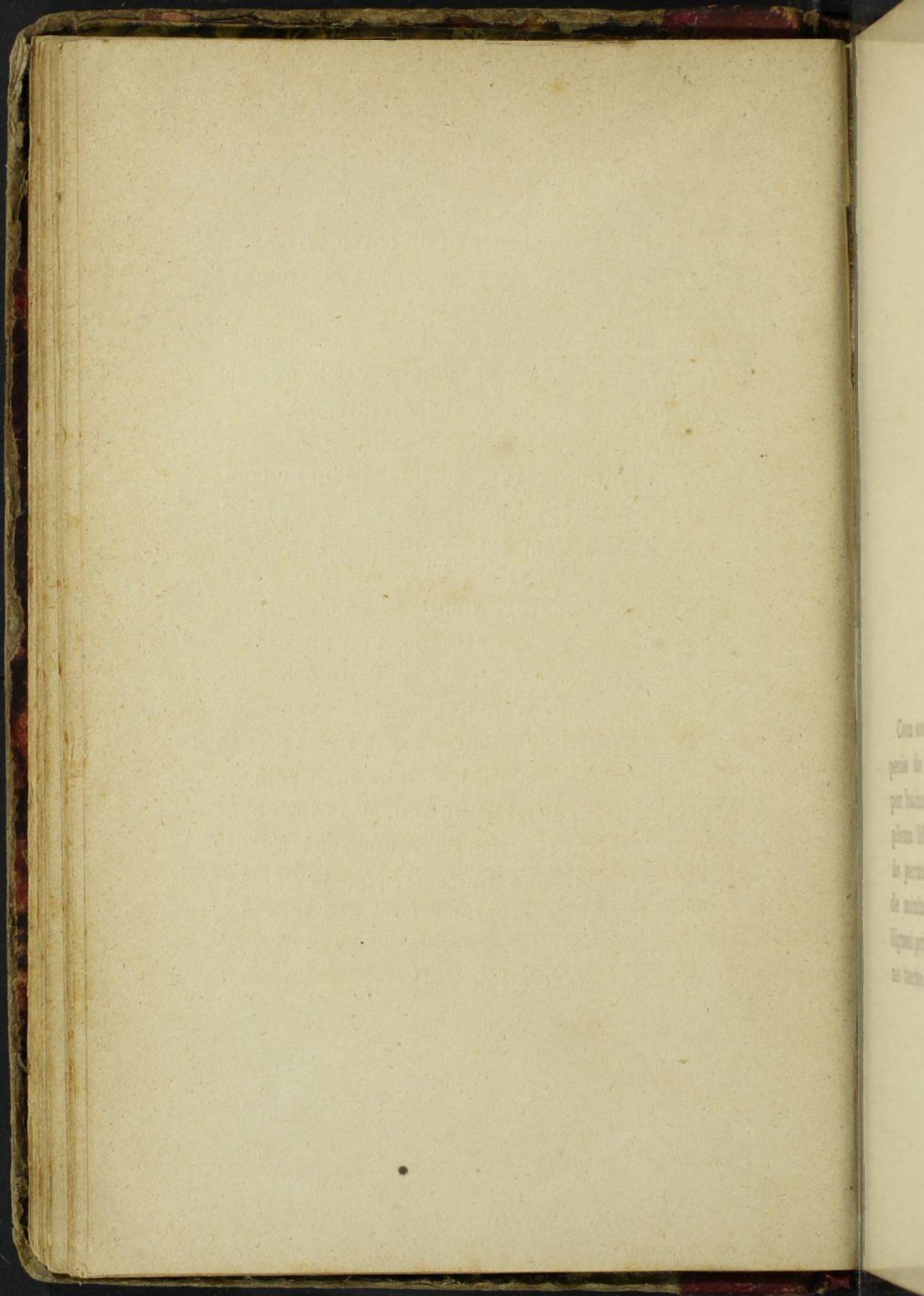
Muitos annos gastei para chegar a este resultado, mas enfim tinha o problema da locomoção aerea theoreticamente resolvido. Possuia o motor, o meio de gradual-o assim como de governal-o ; só me faltava aperfeiçoar. Não era cousa difficil. Darei aqui os resultados, que obtive das modificações que fui successivamente imaginando :

Mudei a forma do systema fazendo-o esphero-conico em vez de espherico : — para me tornar mais claro, uma pêra ou figo em vez d'uma laranja ou maçã. A pêra devia ficar ordinariamente horisontal. Compunha-se de tres partes, todas mais grossas de um lado, afilando para o outro : no meio o pos, e o neg por cima e por baixo. Por meio d'um mecanismo muito simples, podia approximar ou affastar as partes umas das outras ; bastava girar para um lado ou para outro, como se faz com uma chave na fechadura, uma haste que sahia da pêra

verticalmente pela parte de baixo. A mesma haste servia, dando-se-lhe movimentos circulares analogos aos que se dão a uma manivella, ou á canna do leme, para voltar a ponta da pêra para o lado que se quizesse, eleva-la ou abaixar á vontade.

Suppondo-me suspenso pelo systema, imaginei que estava a viajar pelo ar com tanta facilidade e rapidez, como a ave mais agil. Comecei gyrando a haste de modo que permittisse ao apparelho actuar muito fracamente, e dirigindo a parte grossa da pêra para cima fazendo um angulo de quarenta e cinco grãos com o horisonte. Lá fui mansa e obliquamente carregado pelos ares. Chegando a uma certa altura puz a pêra horizontal, e dei á manivela de sorte que approximasse as peças do apparelho, sendo transportado horisontalménte na direcção que quizesse, com velocidade que podia augmentar a meu sabôr até o maximo vertiginoso.

Nada mais facil de realisar.



Con
pese de
per hinc
plena M
is p
de un
lignu
no t

III

APPLICAÇÃO

Com correias bem fortes armei uma especie de cadeira, que me prendia tambem por baixo dos braços, deixando-lhes porém plena liberdade de movimento, assim como às pernas. As correias iam ter todas acima de minha cabeça, a um ponto unico, que liguei primeiro a um gancho bem forte preso no tecto. Fui successivamente modificando

o ponto de suspensão do meu assento aereo até conseguir equilibrio perfeito e posição commoda. A que escolhi era proximamente a postura em que fica um homem assentado n'uma poltrona á Voltaire um tanto inclinado para atraz. Mas occorreu-me que a posição mais commoda possivel torna-se depois de certo tempo incommoda, e até mesmo insupportavel. Esta observação me fez completar o meu assento por meio de correias, que me passassem por baixo dos pés e em que me podesse apoiar até pôr-me quasi em pé. Podia portanto estar ora assentado, ora quasi deitado, ora suspenso por baixo dos braços, ora quasi em pé, apoiando-me mais ou menos n'uma ou n'outra perna, tendo a liberdade de cruzal-as e encostarme ora a um braço ora ao outro por meio de correias convenientemente dispostas. Observei mais que, com um só ponto de suspensão, não podia de todo deixar de haver um pequeno movimento de rotação em um ou n'outro sentido ao impulso da menor

causa. Suspendi portanto, para o evitar, a dous pontos a minha cadeira. Uma distancia de menos d'um decimetro entre os dous pontos de suspensão, bastou para impedir completamente todo movimento rotatorio, ou pelo menos para que voltasse o *systema* quasi no mesmo momento à posição normal.

Por muito tempo levei a fazer uma especie de exercicio de gymnastica na minha cadeira aerea, onde acabei por me sentir tão a gosto e seguro como na melhor poltrona. Julguei então chegado o tempo de começar as experiencias definitivas. Prendi muito bem a minha cadeira aos dous lados da especie de pêra, de que já fallei, e para a qual já tinha achado um nome que desde agora lhe darei.

Já se sabe o que chamo *pos* e *neg*. Ao *systema* formado pela juxtaposição d'estes dous corpos e que produz os effeitos já descriptos dei o nome de *negopos*. O *negopos* pode ter formas differentes. Já vimos que, depois de ter experimentado a forma es-

pherica, decidi-me pela esphero-conica. Mas, qualquer que seja ella, existe sempre o nêgopos. A terra e os planetas são nêgopos enormes, embora compostos de modo differente do meu. A agulha magnetica é tambem um verdadeiro nêgopos, mas em estado completamente rudimentar. Era o unico conhecido antes da minha invenção, ainda que se não soubesse de que modo funcionava. Ignorava-se que a attracção da agulha pelo pólo é devida á combinação das duas forças gravitante e anti-gravitante, produzidas pelo que se chamava magnetisação, em condicções particulares taes que lhes dão direcção determinada, mas com tão pouca efficacia que a minima resistencia impede esse nêgopos embryonario de obedecer á força que o solicita.

O nêgopos simples é o primeiro que descrevi, composto sómente de duas partes, uma de pos, outra de neg. O nêgopos complexo ou completo, ou o nêgopos por excellencia, é o que se compõe de tres partes,

de maneira que se obtenham todos os effeitos desejados, ficando um pos entre dous neg, ou um neg entre dous pos. Os effeitos produzidos n'estes dous casos são os mesmos, mas contrarios. O négopos em forma de pêra dirige a parte mais grossa para a frente no primeiro caso e no segundo para atraz. Quando emprego a palavra negopos só, sem adjectivo nem explicação, designo o negopos esphero-conico, composto d'uma parte de pos entre duas de neg. Derivo do substantivo negopos o adjectivo negoposino, negoposina. Digo *systema negoposino*, effeito *negoposino*, forças *negoposinas*, locomoção *negoposina*. Seria mais geral a expressão *locomoção* ou *navegação aerea*; designaria uma *locomoção aerea* qualquer obtida por meio do *negopos* ou de qualquer outro *systema* por inventar, mas que, entre parentheses, NÃO SE INVENTARÁ, porque é impossivel INVENTAL-O. Chamo *cadeira negoposina*, *barquinha negoposina*, *vehiculo negoposino* etc., os varios appare-

lhos, que se podem suspender ao negopos.

O meu vocabulário especial se limita a essas poucas palavras.

Bem preciso era creal-as e formar nomes novos para objectos novos. Mas para exprimir todas as idéas relativas ao meu descobrimento bastam estas, mais as palavras já em uso.

Torno agora ás minhas experiencias.

Suspendi a cadeira de correias aos dous lados do negopos depois de o ter graduado para que produzisse um effeito quasi insensível. Comprehende-se aliás o que quero significar dizendo graduar o negopos. é affastar ou approximar suas diversas partes, do que resulta diminuição ou augmento das forças negoposinas.

Assentei-me na cadeira negoposina e dirigi a ponta do negopos para o tecto em direcção que formasse um angulo de quarenta e cinco grãos. Fui mansamente carregado n'essa direcção e depois em outras,

com diferentes velocidades. O meu mecanismo portanto ainda funcionava imperfeitamente. Corrigi-lhe os defeitos mais essenciaes e poucos dias depois estava eu a passear pelo ar no meu quarto tão a gosto, como um passarinho no viveiro.

Todavia ainda não era chegada a occasião de publicar o meu invento. Queria antes d'isso tornal-o perfeito.

Tinha ainda o defeito de só mover-se obliqua ou horizontalmente, e não servir portanto para a subida ou descida vertical. Si a ponta do negopos achava-se voltada para baixo ou para cima na direcção vertical, as forças negoposinas não se desenvolviam e o systema cahia como qualquer corpo; quando se achava em direcção lateral ou obliqua, a forma das peças de pos e neg fazia que as forças formassem sempre um angulo cuja resultante nunca era vertical.

Desfiz esse inconveniente afastando sómente a parte superior da media, e um

pouco mais adiante do que atraz : desenvolvia-se deste modo uma pequena força descendente, que fazendo um certo angulo com a força ascendente — muito energica e um pouco obliqua, com ella se combinava dando uma resultante ascensional vertical bastante grande ; e o contrario para a força descendente vertical, aliás facil de obter separando as partes do nêgopos até supprimir-lhe completamente a efficacia. Assim obedecia á lei da gravitação e cahia com velocidade que eu podia graduar como me aprcuvesse.

Desta sorte aperfeiçoei o meu mecanismo e o tornei governavel pelo simples movimento da haste. Estava completa a invenção nas suas partes essenciaes.

Ia mais longe a minha ambição, quanto á elegancia. Quizera simplificar tanto o systema que fosse possivel trazel-o escondido debaixo da roupa. Imagina-se o effeito que eu idéara. Está um homem, vestido como os demais, a passeiar tranquilla

mente, sem se poder suspeitar nem por seus movimentos nem pelo andar, que traz correias em todo o corpo, e um objecto com feitio de pêra, dentro do chapéo — por exemplo. Mette descuidoso a mão no bolso ou no peito do casaco, gira uma manivella que ninguem vê, e de repente lá se vai pelos ares a descrever curvas caprichosas, mais rapido nos movimentos do que os passaros, que vai apanhando por divertimento.

Não pude alcançar este resultado completo, mas cheguei muito proximo.

Pude esconder o negopos dentro do chapéo; as correias que descem do ponto de suspensão, dissimulal-as com a cabelleira, suissas postigas, a gola do sobretudo e um *cache-nez*. As que sustentavam directamente o corpo, nada mais facil do que escondel-as na roupa. A extremidade da haste negoposina vinha a sahir por baixo do casaco ao alcance da mão esquerda, bastante para a manobra, ficando a direita livre.

D'ahi porêem resultava um trajo exquisito e um certo inteiricamento que não podiam deixar de dar na vista. A cabeça principalmente ficava muito incommodada. Demais, era-se obrigado a conservar a posição de um homem quasi em pé, sem poder mudar para outra.

Imaginei outro systema, em que mudei radicalmente a forma do negopos. Fiz uma especie de collar passando pelos hombros e acima do peito, pouco mais ou menos como as gólas das armaduras antigas. Compunha-se de tres circulos, grossos atraz e bastante delgados na frente. A theoria era a mesma do negopos esphero-conico. O circulo inferior e o superior eram de neg, e o medio de pos. Affastavam-se ou approximavam por meio de um mecanismo posto em acção ainda por uma haste cuja extremidade ficava ao alcance da mão esquerda. As correias partiam do collar e suspendiam o corpo em posição commoda, um tanto mais chegada da postura que se toma assentado,

do que no outro negopos. A cabeça ficava livre, o que era grande vantagem.

O negopos-collar era facil de trazer escondido debaixo de um sobretudo, gravata larga e cache-nez. Pareceria talvez que se disfarçasse alguma papeira ou mal de pelle. Não pude fazer cousa melhor, mas essa disposição approximava-se bastante do que eu queria, e descurei de chegar a maior perfeição.

Quem ainda não observou como se mantem perpendicular um corpo quando só o ponto de suspensão acha-se em movimento, talvez supponha que a força motora, situada nos hombros, leve para diante a cabeça e a parte superior do corpo, ficando o resto inclinado. Tal não acontecia, salvo si o primeiro impulso era muito forte ou augmentado muito rapidamente. Mas eu me achava quasi sempre em pé, muito pouco assentado. Para dar remedio a isso, decidi-me a usar do negopos collar como meio de suspensão sómente, e dar o

impulso por meio de um negopos espherico, posto adiante do corpo, junto da fivella da cinta a que preendi as correias com toda a segurança. Descobri nisto uma segunda e não despicienda vantagem : si, por qualquer circumstancia, deixasse de funcionar um dos negopos, ficava ainda o outro para obstar a quêda, podendo-se governal-o, sempre com a mão esquerda, bastante para manobral-os ambos.

O que deixo dito é sufficiente para explicar os tão variados e ruidosos incidentes com que se manifestou o meu invento. Antes de apresental-o, quiz conhecer todas as applicações de que era susceptivel.

A locomoção aerea era dessas applicações a de maior importancia talvez. Outras porê m havia de não somenos valor.

Tinha eu descoberto, em summa, um motor de potencia illimitada, e tão economico que se podiam considerar nullas as despesas da execução.

Ainda assim custou-me bem caro o négo-

pos. O pos importava na metade do seu peso de ouro ; o neg em pouco mais do que o seu peso de prata. Os dous negopos que eu usava para a minha propria locomoção sahiram-me por 5,000 francos (1.850\$000 em moeda brasileira.) Era muito para experiencias, nada porém á vista do resultado obtido. Demais, não havia duvida que o preço abaixaria muito quando, em vez de os fazer eu proprio e com muito custo no meu laboratorio, montasse fabrica para os fazer em porção. O motor pois era pouco dispendioso, e para funcionar nada gastava. Para logo se vê que resultados immensos se me antolhavam de sua applicação a todas as machinas industriaes. Alem da simplificação das proprias machinas, havia a suppressão total das despesas de combustivel.

Só faltava organizar o negopos de modo que servisse de motor. Era facil.

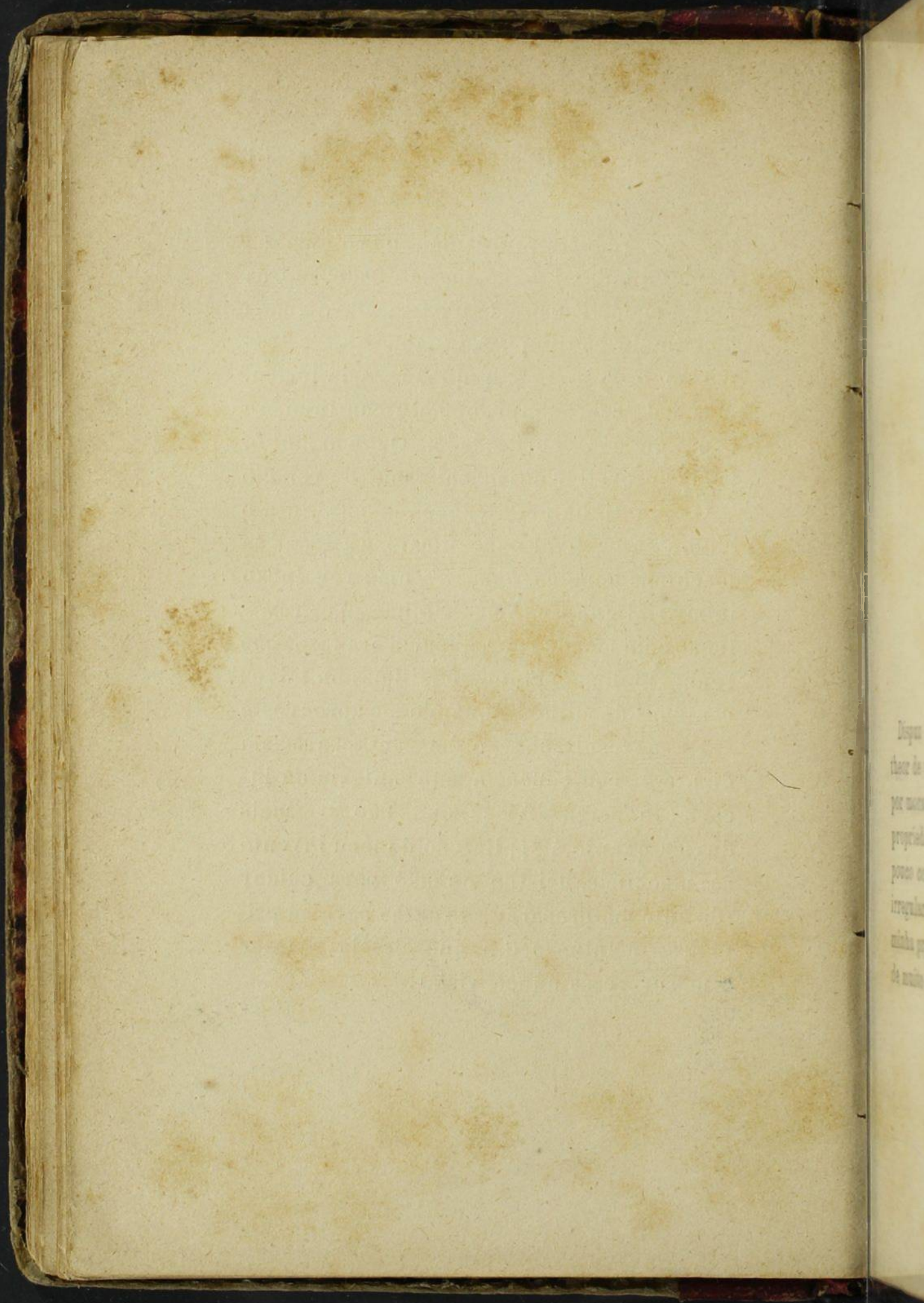
Fiz um negopos simples, do feitio proximamente de um fuso, com as pontas

achata das á feição dos entalhes que abri em duas taboas, de maneira que nelles corressem facilmente : pul-o entre as duas taboas dispostas parallelamente, e encaixeilhe as pontas deixando-o horizontal e com o pos para baixo ; precipitou-se no mesmo instante para a terra escorregando nos entalhes. Estes em baixo tinham dous botões de parada convenientemente dispostos. No momento em que as pontas do négopos encontraram esse obstaculo, este a seu turno imprimiu-lhes uma meia revolução e o neg voltou-se para baixo. Subiu então o négopos com muita rapidez, até que, encontrando em cima obstaculo identico, voltou-se o pos para baixo e o négopos tornou a descer. Não descreverei aqui as minudencias do apparelho por meio do qual consegui manter a regularidade das evoluções do systema ; o que levo exposto é sufficiente para dar idéa do como obtive o movimento de vai-e-vem analogo ao dos pistões da machina a vapor, e com a grande vanta-

gem de reduzir muitissimo o volume da machina e dar-lhe ao mesmo tempo força muito maior. E não fica n'isto: estava achado o motu-continuo, pelo menos até estragar-se o systema, o que levaria tempo. Mas o descobrimento do motu-continuo era cousa de méra curiosidade. Quando muito, podia aproveitar nos machinismos de relógio

O que tinha um alcance immenso, era o motor susceptivel de applicar-se a todas as machinas imaginaveis. Era uma revolução industrial que tinha nas minhas mãos, revolução cuja menor consequencia era fazer-me senhor de uma fortuna de milhões ou talvez centenas de milhões, quando me aprouvesse

Esses resultados porém desapareciam diante da consequencia que antevia da locomoção aerea. Assim que não tive mais duvida quanto á applicação do meu invento ás machinas, dei-lhe de mão para cuidar sómente em preparar as cousas para as primeiras manifestações, que desejava fazer com surpresas nunca vistas.



Dispu
tior de
per me
proprie
poco
irregu
minha
de unio

IV

PREPARATIVOS

Dispuz com muita antecedencia o meu theor de vida para os meus fins. Comecei por morar só, ora em Paris, ora em uma propriedade que comprei, passando por pouco conversavel e tomando habitos tão irregulares que não puzessem reparo em minha presença. Consegui tambem, a poder de muito exercicio, escrever com a mão es-

querda tão facilmente como com a direita. A minha nova letra, que ainda ninguem tinha visto, não se parecia em nada com a que era conhecida. Pude obter, ainda que com muita difficuldade porque não queria fazer declaração alguma às autoridades, uma imprensa autographica, que assentei muito secretamente no campo, em um torreão que dava para o meu gabinete de trabalho, onde só eu entrava. Omitto muitas particularidades : o que ja disse basta para que se avalie como puz em pratica o meu projecto.

Talvez alguém extranhe tantas precauções, combinações e mysterio, como si eu premeditasse um crime, quando podia pedir um privilegio e auferir todas as vantagens do meu descobrimento sem recorrer a esses meios tortuosos.

Tive razões muito fortes para não proceder de outro modo. Não podia tirar privilegio sem apresentar um relatorio descrevendo e explicando o meu invento, revelação

que importaria em abrir caminho á falsificação. Impedir a falsificação instaurando processos?—era loucura cuidar n'isso. Que fazer contra quem podia bater a linda plumagem de um momento para outro? Tirar privilegio era indubitavelmente pôr o meu invento á discrição de todo o mundo. Não eram os meus interesses a consideração que mais me influa no animo. Era evidente que, desde que se divulgasse o meu processo, não haveria mais paizes nem nações distinctas; todas as barreiras que separavam os povos cahiriam de subito.

Tal revolução talvez viesse a ser, com o andar dos tempos grande beneficio, mas entregal-a repentinamente aos acasos da sorte e discrição dos espertos era de certo grande mal. O paiz que primeiro a puzesse em pratica poderia tornar-se dominador do mundo; e quem sabe si a França, em vez de encontrar, como eu desejava, causa de grandeza na obra de um filho seu, não viria a ser a primeira a soffrer e não desceria a

nação da infima ordem? Eu queria, ao contrario, que a minha patria tomasse a dianteira a todos os outros paizes, e isso exigia segredo muito bem guardado até que me entendesse com o governo a respeito das providencias que se deviam tomar.

A revelação, imprudente e extemporanea, podia trazer consequencias ainda mais funestas. Podia impossibilitar o exercicio da policia e expor o mundo aos mais temiveis malfeitos. O furto, o roubo, o assassinato, o incendio, as mais abominaveis violencias ficariam impunes. Acabaria a segurança individual, a propriedade, a protecção aos fracos, toda e qualquer organização social. Viria o cahos, a ruina do universo, o dominio da violencia, uma desorganização medonha.

Era necessario portanto tomar todas as precauções antes de communicar o segredo, e consequentemente não deixar de modo algum transpirar nada antes da occasião oportuna. Ora, o unico meio de me precaver

contra toda a possibilidade de indiscrição era supprimir radicalmente não só os amigos, que poderiam suspeitar alguma cousa, como ajudantes, operarios e criados, que tambem poderiam desconfiar dos meus intentos. Fiz quasi tudo pelas minhas proprias mãos. Eu tinha uma forja, um torno para metaes, um cadinho, todo o necessario para manipulações chimicas, e muitos outros utensilios. Não obstante, durante as minhas experiencias confiei a execução de varias peças a um ferreiro, a operarios mecanicos, correeiros, etc ; mas somente daquellas por onde não se p desse suspeitar a verdade : e como eu tinha tirado privilegio para um freio adoptado em algumas estradas de ferro, ninguem suppoz que eu me occupava de cousa alheia a taes empresas, antes que estudava particularmente novos systemas de freios.

Queria tambem que quando se apresentasse o meu invento, fosse logo de modo que causasse pasmo e ficasse incontestavel. Si

eu principiasse por fallar d'elle, quer ao povo em annuncios, quer ao governo em communicações mais ou menos secretas, não o teriam acreditado; arriscar-me-hia até a passar por doudo. Só evitaria esse perigo apresentando immediatamente depois das communicações, experiencias decisivas. Mas n'isso encontrava eu outros inconvenientes; si soubessem que eu possuia um segredo dessa ordem, corria o risco de perdê-lo. Expunha-me a um chuveiro de importunações para revelal-o, fosse ao governo, fosse ao publico, e talvez me visse forçado a passal-o a outrem com condições que me não conviessem : não pelo lado do meu interesse particular, que isso tinha eu em bem pouco ; mas por causa das precauções que se deviam tomar antes de atirar ao mundo um descobrimento d'esse quilate, com todas as suas incalculaveis consequencias. Poderiam chegar até a empregar a violencia para arrancar-me o segredo, fonte de poder e de riquezas muito mais seductora que

essas nesgas de terra invadidas pelos piratas, as prezas assaltadas e perseguidas por salteadores e corsarios, e essas provincias que excitam a cobiça dos conquistadores, de ordinario bem pouco escrupulosos no escolher meios.

Queria ficar senhor do meu segredo até a occasião que julgasse opportuna, depois que o mundo lhe houvesse apreciado a importancia, calculado as consequencias, depois que houvesse disposto as cousas de tal modo que fosse para a França fonte de grandeza e não se tornasse para a humanidade flagello.

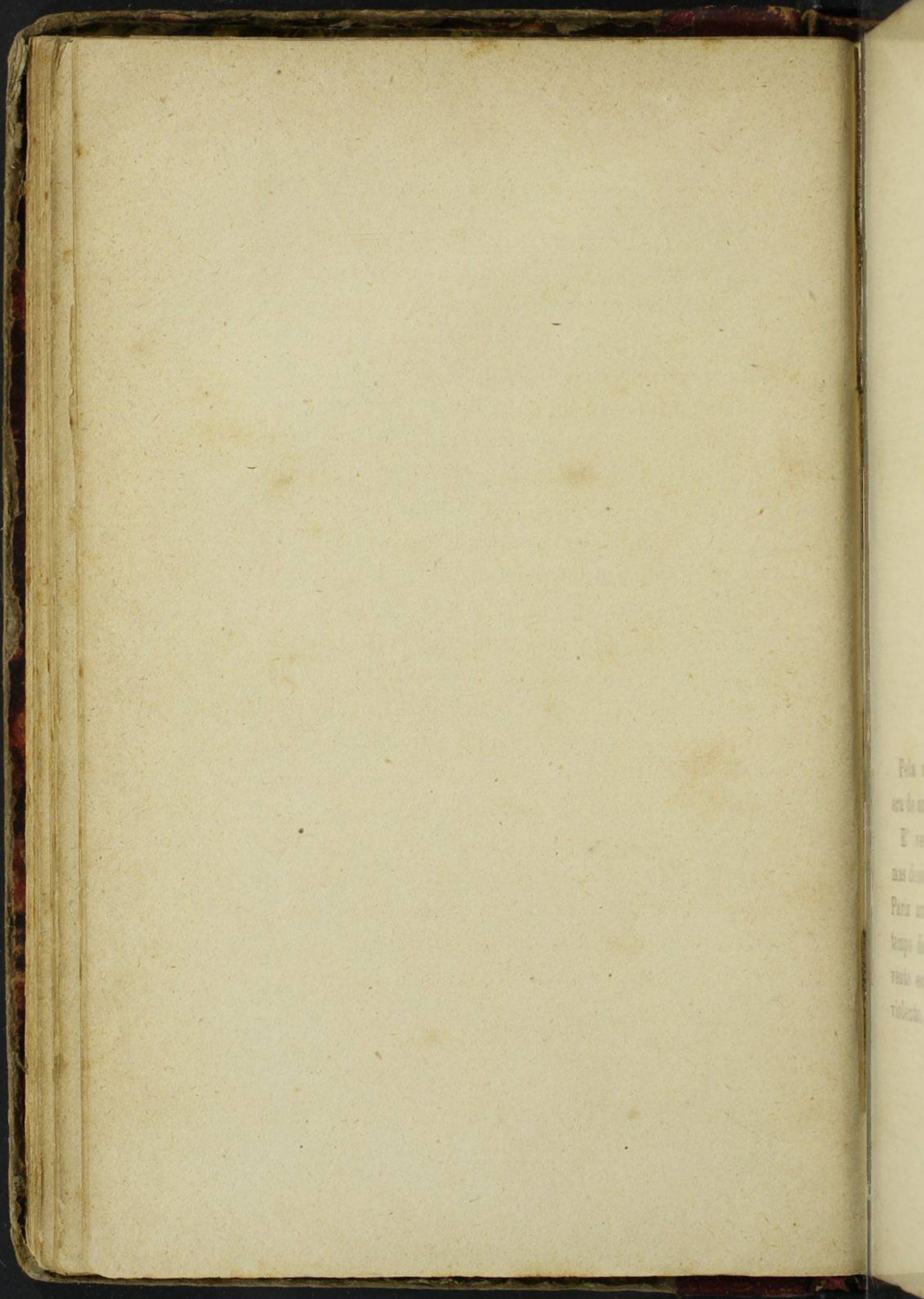
A isto se vinham juntar accessoriamente considerações relativas aos meus interesses particulares. Era muito justo que eu auferisse da minha invenção proventos, e principalmente, que me não roubassem o merito de autor. Ora, eu não julgava possivel aperfeiçoamento algum essencial, mas podia bem ser que fizessem alguma modificação pouco importante no systema e este tomasse e

conserva-se, como já tem acontecido, o nome do modificador.

Não desejava que o meu ficasse assim atirado á margem. Não queria que se viesse a apagar da memoria do povo, ficando só na dos eruditos. Será qualificado de vaidade pueril esse sentimento? Para mim tinha que si se resabia de orgulho, era pelo menos o mais legitimo e bem fundado.

Em resumo, o plano que eu havia adoptado era o seguinte: causar profunda impressão com manifestações esplendidas do meu descobrimento; guardar o maior segredo não só dos processos, como tambem do inventor, de sorte que se não pudesse suspeitar quem era esse navegante aereo, cujas evoluções pareciam verdadeiros prodigios; tratar entretanto com o publico quanto me conviesse e com o governo quando fosse occasião oportuna; discutir com este as providencias que se deviam tomar, e condições com que revelaria o meu descobrimento, que eu não queria se tornasse

em suas mãos instrumento de despotismo senão de liberdade ; conservar sempre posição que fizesse prevalecer a minha vontade, si sobreviesse algum desaccordo e não podessemos vir na convenção ; revelar depois o meu nome, mas só quando fosse tempo d'isso e depois de ter conseguido em varios paizes refugio, onde pudesse arrostar todas as importunações, ardis e violencias ; esperar em fim, para patentear o meu segredo assim ao publico, como ao governo, que estivessem tomadas todas as providencias necessarias, executadas as condições estabelecidas e que se achasse identificado com o meu descobrimento o meu nome.



APRESENTAÇÃO

Pela aurora do dia primeiro de Junho era de auspiciar um bom dia.

E' verdade que o céu estava nublado, mas dessas nuvens elevadas que no céu de Pariz annunciam com mais certeza o bom tempo do que um levante esplendido ; o vento estava bom e fresco sem chegar a violento.

Na praça da Concordia havia grande movimento de povo desde a noite de 31 de Maio.

De toda a parte viera gente contando ver alguns preparativos, ou indício do mysterioso acontecimento annuciado para o dia seguinte. Muitos haviam ficado até tarde. Grande numero d'esses individuos que vivem d'industrias desconhecidas, offerecendo lume aos fumantes e apanhando pontas de charutos, depois dos espectaculos foram estacionar na praça da Concordia com a esperança de achar a quem ceder o logar por alguns cobres. Entre as seis e as sete horas da manhã começou a affluir o povo ; pelas oito a classe escolastica. A's nove era tão compacta a multidão na praça, que passou-se ordem para não deixar entrar mais ninguem consentindo que sahisse quem quizesse.

O contagio lavrou por todos como em taes casos acontece ; atraz d'um curioso vem outro. Os que protestaram mais firmemente se não incommodar, foram como que arras-

tados, e só por verem que a torrente avolumava-se foram avolumal-a mais. O povo apinhou-se nos campos Elyseos, no jardim das Tulherias, ponte da Concordia, caës, rua Real, rua de Rivoli e *boulevards*. A's dez horas era difficil passar pelo *boulevard* da Magdalena. A's dez e meia custava muito a passar alem da rua da Paz. A's onze horas era impossivel chegar até a rua da Chaussée d'Antin. Nas janellas havia mais gente junta do que comportavam.

A conversação ia animada ; as hypotheses e gracejos corriam d'aqui para alli de bocca em bocca. Principie ! O panno, suba o panno ! Olá da musica ! gritavam os garçotos. As autoridades não deviam permittir, dizia José Prud-homme, que se fizesse agglomerar tanto povo, de um modo verdadeiramente perigoso, e sem dizer porque. — Aaah !... exclamava um gaiato apontando para o espaço. E a plebe respondia com hurrahs, assobios e applausos. Houve algumas disputas, mas sem accidente serio.

A's onze horas e tres quartos a curiosidade tornou-se mais violenta.

Misturava-se com um tal ou qual terror vago que sente quem espera por uma cousa desconhecida. Cessaram os remoques. Reinou silencio geral e desusado. Nada mais grave do que o silencio das muldidões, solemne, quasi lugubre. Os que tinham relogio estavam a consultal-o e olhal-o de vez em quando. Faltavam cinco minutos para meio dia e nada apparecera ainda na praça da Concordia. Recomeçaram os receios de logro. Lavrava em todos um descontentamento prestes a transformar-se em raiva. Os mais calmos já estavam furiosos, os mais brandos ferozes, pensando terem sido logrados.

O sol sahira d'entre as nuvens cada vez mais raras e brilhava no zemith, n'um espaço azul do céu. De repente ouviram-se gritos: Olhem!... Os melhores olhos tinham avistado um ponto negro muito distante no espaço. O ponto augmentava

sensivelmente. Ao cabo de alguns segundos, distinguiram como que uma forma humana descendo a prumo sobre o obelisco. Rompeu uma estrondosa acclamação, quebrando o silencio como o raio fende as nuvens; ainda repercutia e já se via um homem com o rosto metade encoberto, em pé sobre o obelisco. Novo clamor subiu aos ares por entre os applausos e bravos. O homem tirou o chapéo baixo que trazia, e voltando-se successivamente para os quatro pontos cardeaes, complimentou a multidão. Tirou depois o relógio e apontou para elle com o dedo; todos tiraram os seus e olharam: faltava um minuto para meio-dia. Os applausos e gritos redobraram. O homem metteu o relógio na algibeira, e puzeram-se todos a observal-o attentamente.

Estava vestido de preto. Uma especie de casaco ou sobretudo abotoado envolvia-o do pescoço até quasi os joelhos; as abas prendiam-se á calçapara não fluctuarem; as pernas e a calça mettidas em grandes botas

finas, cujo pé por grande de mais denunciava outro calçado por baixo ; a gola do sobretudo levantada deixava apparecer uma gravata de cachemira branca. O pescoço parecia inchado e como que tolhido de movimentos, como tambem os hombros. Uma cabelleira loura, basta, mas não muito comprida escondia a nuca e as orelhas. Passapilho fechado e bigode mais louros que os cabellos cobriam-lhe as faces, labios e barba.

A parte superior do rosto, coberta por uma meia mascara, como as que se uzam nos bailes mascarados. O chapéo, baixo, e preto como o demais, tinha barbella. Calçava luvas grossas, que pareciam acolchoadas. Via-se que apesar da estação o homem se tinha prevenido contra o frio. A mão esquerda vinha mettida debaixo do sobretudo donde só a tirara para indicar a hora, no seu relógio, e logo a tornara a metter em postura semelhante á que dão ordinariamente a Napoleão 1.º e certos oradores.

Fêz um gesto e ao meio dia em ponto subiu verticalmente com a rapidez de uma flexa.

Tendo subido muito alto, parou e começou a pairar por cima do povo descrevendo lentamente um circulo, que ia aumentando em espiral. Parecia estar quasi em pé, um tanto inclinado para traz e com as pernas levemente dobradas. A mão esquerda, trazia-a sempre debaixo da roupa. Depois o circulo foi diminuindo pouco a pouco, ao mesmo passo que augmentava progressivamente a rapidez do navegante, ou antes nadador aereo, e elle tornava a descer. Chegando um pouco acima da ponta do obelisco, descreveu com rapidez vertiginosa alguns circulos muito pequenos, retomou a primeira attitude e cumprimentou de novo a multidão, como fizera da primeira vez.

E' cousa impossivel contar aqui os braves, applausos, acclamações, gritos, tripudios, chapéos atirados ao ar, etc. Uns pareciam loucos de enthusiasmo. Os mais impressionados

limparam lagrimas que não tinham podido conter.

A noticia já tinha voado rapida como a electricidade até os ultimos extremos do povo agglomerado em Pariz. E' um homem no ar ! era o dito que passava de bocca em bocca. Por pouco que o aperto na praça da Concordia não produziu uma suffocação geral. Debalde gritavam as pessoas sensatas, que o homem havia de vir como promettera, e donde estava cada qual o veria. A curiosidade tocara ao delirio e não attendia a nada. Os policiaes e guardas de Pariz começavam de recuar cedendo á pressão do povo, apesar de que foram reforçados de tropa de linha quando se vio augmentar a affluencia a tal ponto. O primeiro resultado do prodigioso descobrimento quasi que foi uma hecatombe immensa de gente asphyxiada, esmagada a pés.

Por fortuna o homem aereo não se demorou muito tempo sobre o obelisco. Remontou-se até cerca da altura de um ter

andar e metteu-se pela rua Real, passando depois aos *boulevards*. Seguia com velocidade moderada, pouco mais ou menos á de um bom cavallo a galope, quanto era bastante para que o podessem observar á vontade sem com tudo querer segui-o, o que causaria na multidão um refluxo temivel. Foi seguindo assim pelos *boulevards* até a praça da Bastilha ; acompanhou o curso do Sena até a ponte de Iêna ; chegou ao arco triumphal de l'Etoile, voltou pela avenida dos Campos Elyseos até a praça da Concordia ; percorreu a rua de Revoli até a casa da camara ; foi pelo caes até a ponte do Cambio ; atravessou-a, passou pela Cité ; entrou o boulevard de S. Miguel, indo até o jardim do Luxembourg, onde fez algumas evoluções : percorreu os boulevards exteriores até os Invalidos e arripiando o curso do Senna até a ponte de Solferino, veiu peneirar por sobre os castanheiros do jardim das Tulherias.

Foi isto sufficiente para acalmar os ex-

cessos e embotar o aguçamento da curiosidade publica. Comprehenderam que era impossivel acompanhar aquellas evoluções, e que, ficando cada um em seu logar tinha mais probabilidade de tornar a ver o que aliás já tinha visto. A multidão em si augmentou, porque em casa não ficou pessoa sã, salvo as que se acotovelavam nas janelas das ruas principaes; mas espalhando-se mais, o aperto diminuiu; com isso ninguém perdeu, pois cada qual pode ver bem a gosto todos os incidentes d'esse inaudito espectáculo.

No jardim das Tulherias o nosso homem baixou sobre um castanheiro e espantou dois pombos, pondo-se então a perseguil-os. Bem se via que ia mais rapido do que elles, mas parecia não poder voltar-se com tanta facilidade para acompanhar os zig zags que as aves espantadas descreviam. Notaram tambem que só tentava apanhal-as com a mão direita, conservando a esquerda sempre debaixo do casaco. O povo divertia-se im-

menso em acompanhar as peripecias d'essa caçada de nova especie. D'ahi a pouco estava seguro um pombo e pouco depois o outro. E' bem de avaliar que de applausos e gritos não choveram. O caçador victorioso foi assentar-se no braço horisontal da estatua de Alexandre, perto do tanque fronteiro ao castello; desembaraçou a esquerda, tirou a luva, puxou do bolso um cordãosinho e atou n'um só mólho os quatro pés dos pombos. Depois calçou as luvas, tornou a pôr a mão esquerda na posição ordinaria, levantou o vô e veiu pairar a um metro acima de uma elegante senhora a cujos pés deixou cahir com galanteria a presa. Continuou o passeio por cima do Senna, dos passeios publicos, *boulevards* e ruas largas, mas com marcha variada e irregular. Subia, descia, tomava ora para a direita, ora para a esquerda, descrevia espiraes umas ascendentes, outras descendentes, já conservando-se quasi immovel, espectaculo ainda mais admirado do que as evoluções rapidas, já correndo

em linha recta com velocidade incrível. Cerca do Chateau d'Eau, apanhou por divertimento uma andorinha a voar e outra na praça do Pantheon. No jardim das plantas desceu com o maior desplante aos terraços reservados, colheu flôres e formou um ramalhete antes que os guardas, hesitando sobre o que deviam fazer, tivessem tido tempo de tentar impedir-lh'o.

Pouco depois o offerencia a um grupo de moças que o estavam observando d'uma agua furtada do *boulevard* de Sebastopol. A mais desembaraçada, mais prompta em recebe-lo de que suas companheiras, agradeceu com o riso mais jovial e um atrevido beijo atirado com a ponta dos dedos. No café do Grand-Balcon no *boulevard* dos Italianos estava reunida muita gente: chegou-se de repente ao balcão, tomou um cópo cheio de cerveja, subio a um metro ou dois, esvasiou-o d'um trago, tornou a colloca-lo onde estava, atirou á mesa um luiz, comprimontou e retirou-se. Na praça do Palais

Royal, pediu com um gesto lume a um individuo que fumava na janella d'um terceiro andar ; parou, peneirou um momento, tirou do bolso um charuto, aproximou-se, tomou com toda delicadesa o do individuo, restituiu depois de ter accendido o seu, comprimontou e agradeceu e tornou a partir fumando. Foi assentar-se para acabar o charuto no pára-raio da torre meridional de Notre-Dame, pelo que disseram os gaia-tos que não devia estar muito á vontade. Os homens serios responderam que não se sabia que couraça traria escondida, e que, tendo a faculdade de sustentar-se no ar, não devia fazer peso sobre a ponta. Outros disseram que o tinham visto collocar um objecto qualquer sobre ella, sem duvida para que lhe não furasse a roupa.

O que parecia ainda mais admiravel é que, depois de tantas idas e voltas ainda, não eram quatro horas. Era tempo de apparecerem as folhas da tarde. E' bem de ver que não podiam fallar d'outra cousa senão

do acontecimento que trazia toda a gente de Pariz em desassocego.

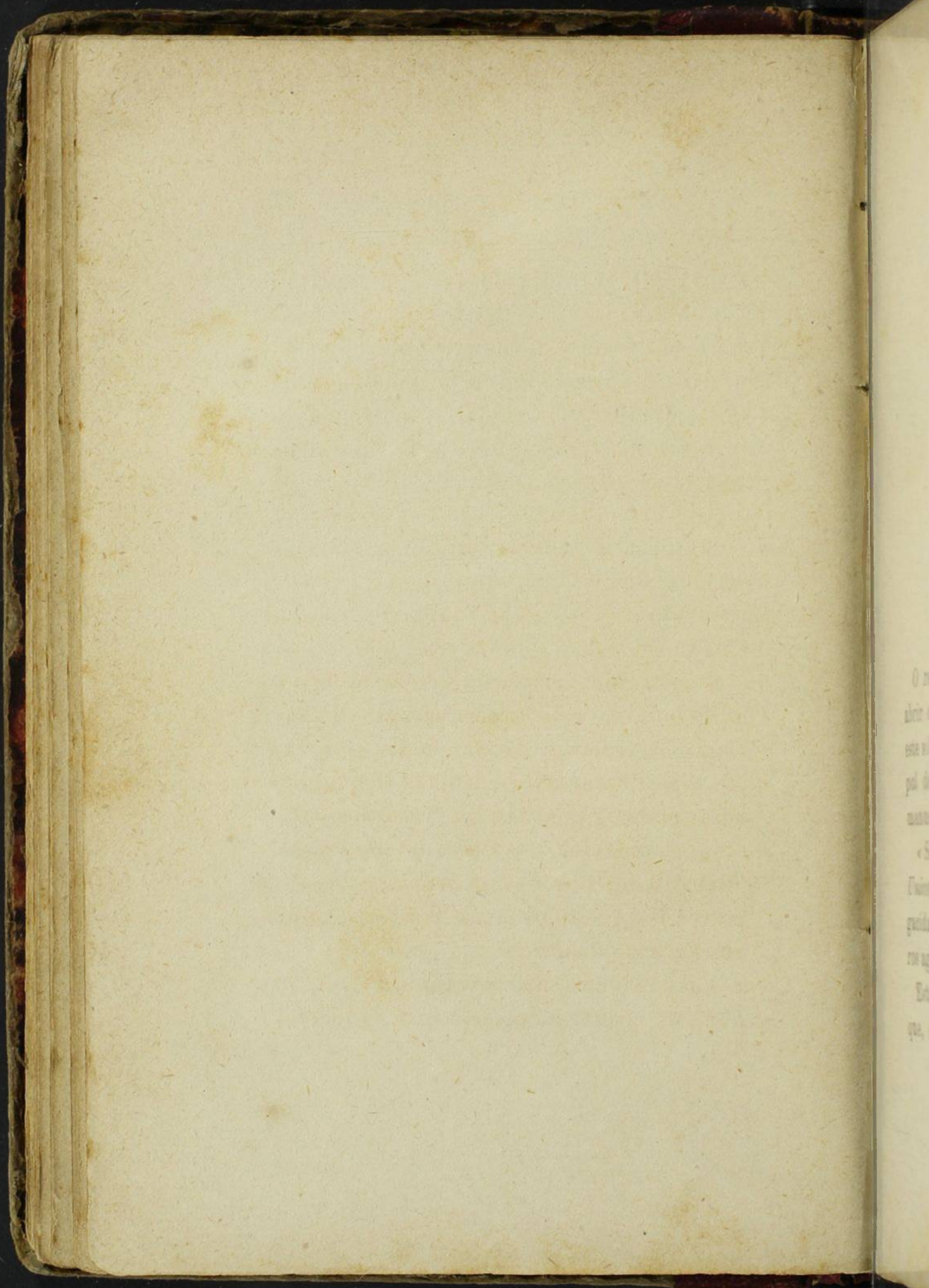
Tinham-se decidido a submeter-se á adversidade, e procurado resalvar com algumas capciosidades a falsa posição em que os collocara sua incredulidade passada. Só o *Universel* tinha o direito de cantar victoria.

Toda a redacção, reunida no escriptorio, proclamava enthusiasmada o triumpho do seu redactor principal. Este trabalhava ordinariamente n'um gabinete elegante e pequeno, ao qual precedia a bibliotheca e a *sala da redacção*, onde havia uma mesa em torno da qual se assentavam muitos redactores. Sendo de canto a casa, ficava o gabinete no segundo andar e dava para duas ruas largas. Logo que o jornal estava cheio, conversava-se. N'es-e dia, pouco antes das quatro horas, conversava o redactor principal no seu gabinete com duas ou tres pessoas, e, pelas portas abertas, com os collaboradores reunidos na bibliotheca e sala da

redacção. De repente ouviu-se um grito : Lá está elle ! lá vai ! Correram todos às janellas e viram o homem aereo descendo em espiral. Trazia na mão um maço de papeis. Chegou-se à janella, entregou os papeis em mão do redactor, que lh'a estendia, saudou e foi-se.

Foi visto continuando as suas evoluções até quasi às cinco horas. Tornou a vir descançar no obelisco, tirou o relógio e mostrou-o à multidão compacta que o esperava na praça. Verificaram faltarem cinco minutos para cinco horas. Assentou-se no alto do obelisco como quem espera. Poucos segundos antes das cinco poz-se em pé, saudou nas quatro direcções dos ventos, subiu verticalmente às cinco horas em ponto e desapareceu no espaço com prodigiosa rapidez.

Estava feita a appresentação. Todos concordaram em que foi o que promettera e muito mais do que se esperava.



O "UNIVERSEL"

O redactor principal deu-se pressa em abrir o involucro, que recebera e trazia este sobrescripto : *Ao Sr. Redactor principal do Universal*. Continha dous papeis manuscriptos : primeiro a seguinte carta :

« Sr. redactor : — Unico na imprensa, o *Universal* deu provas de previdencia e sagacidade. Aceite os meus parabens e sinceros agradecimentos.

Esta redacção não estranhará por certo que, de preferencia ás mais, dirija-me a

ella para propor-lhe reciprocidade de serviços.

Creio com effeito achar-me em condições de contribuir para a prosperidade desta folha, offerecendo-lhe a ella só todas as communicações relativas ao descobrimento, cuja primeira prova publica tem lugar hoje. Tornar-se-ha assim, si o entender da sua conveniencia, um verdadeiro *Monitor* da locomoção aerea, unico autorisado e exactamente instruido. Essas communicações serão frequentes e, si bem me parece, de interesse para o publico. Assim o numero de leitores e assignantes avultará rapidamente.

O serviço que tenho a pedir é que esta folha se constitua centro e intermediario de toda a correspondencia publica ou particular que eu tenha a entreter. Annunciar-se ha que se acha estabelecida neste escriptorio uma caixa para a minha correspondencia, e que tudo quanto por este meio me endereçarem será entregue escrupulo-

samente. Não peço que se incumba das cartas que eu escrever ; envial-as-hei pelo correio : mas serão publicadas todas as communicações que eu julgar convenientes. Peço igualmente a todos os Srs. collaboradores o obsequio de apartar com cuidado para me ser entregue, tudo quanto se imprimir em gazetas relativo ao meu invento.

O Sr. redactor terá a bondade de me indicar uma pessoa da administração ou redacção, em quem eu possa depositar inteira confiança e queira servir-me de intermediario, representante e mandatario em tudo o que possa sobrevir quanto ao administrativo na realisação do meu descobrimento. Si, por exemplo, eu tivesse de abrir uma subscripção, encarregar-se-hia de receber as quantias e transmittir-m'as, como de empregar as que eu lhe enviasse, segundo as minhas disposições. Si eu quizesse fundar uma sociedade, prepararia as bazes, actas, estatutos, e daria, conforme as minhas instrucções, os passos necessarios. Si

eu precisasse de um commodo, alugal-o-hia; si de quaesquer outros objectos, compraria ou mandaria fabricar; si de operarios ou ajudantes, contrataria, etc. E' ocioso dizer que receberá sempre adiantado o dinheiro necessario para as dêspezas de que fôr encarregado, e generosamente indemnizado pelas viagens que houver de fazer no cumprimento da sua missão. Concertaremos sobre o *quantum* dos seus emolumentos, que será augmentado á proporção que eu fôr precisando de maior actividade da sua parte, sem comtudo chegar nunca a estorval-o em suas occupações n'esta folha.

Tanto para elle, como para esta redacção e para todo o mundo me conservarei no mais absoluto incognito.

Si esta redacção vêm no essencial destas propostas, basta-lhe, para o significar, publicar o escripto que junto. Caso não as aceite, considerará esta carta como não recebida.

Si fôr amanhã publicado o artigo junto,

que poderá ser assignado pelo Sr. redactor, transmittir-lhe-hei o mais breve possivel a exposição das particularidades necessarias para o assentamento da caixa para cartas e segurança de nossas relações.

Enviarei primeiro um relatorio escrupulosamente exacto da prova do 1º. de Junho, sem revelação alguma porém, bem entendido, quanto ao meu processo nem pessoa. Não é chegada ainda a occasião de divulga-los.

Peço licença para assignar esta carta e as que ainda tiver de escrever para o diante, com um pseudonymo, sem que sejam por isso consideradas anonymas. A inicial X que se póde traduzir por *Xavier* significa realmente o *desconhecido*. Quanto ao nome *Nagaer*, compõe-se de letras tiradas das palavras *Navegante aereo*, unica assignatura dos meus escriptos para o publico por intermedio d'esta folha.

A esta carta junto a quantia de dous mil

francos * que peço, em caso nenhum, quer de recusa, quer de assentimento, seja recambiada. D'ella fará o Sr. redactor o uso que entender conveniente, seja applicando-a às despesas de assentamento da caixa, seja em proveito da folha, seja em um beneficio qualquer. Remettendo-a tenho por unico objecto dar uma prova da sinceridade de minhas propostas.

Sou etc. — X. NAGAER.

Vinham com effeito pregadas com um alfinete á carta duas notas de mil francos.

O redactor principal não hesitou um instante. Era homem de muito bom senso e de muita experiencia, comprehensão facil e resolução prompta. Vio no offerecimento que se lhe fazia uma fortuna para a sua gazeta, á prosperidade da qual se tinha votado em corpo e alma, independente das vantagens particulares que viria a auferir. Leu a carta a todos os redactores reunidos. To-

* Em moeda brasileira 740\$000 rs

dos foram do seu parecer. Pozeram-se todos a esquadrinhar quem devia ser o administrador da locomoção aerea. Propozeram que fosse por votação, o que foi immediatamente adoptado. Depois do primeiro escrutinio, em que quasi todos votaram em si mesmos, recahiu a unanimidade dos suffragios no administrador da folha, ex-caixa de uma bôa casa bancaria, homem de rara intelligencia, affeito a esses negocios e de probidade à toda prova.

No dia seguinte publicou o *Universel* no lugar de honra, em bom typo e entrelinhado o seguinte artigo :

« O *Universel* tem a honra de annunciar que é de hoje em diante, o *Monitor* da locomoção aerea.

Receberá unico as communicações do auctor d'esse prodigioso descobrimento assignadas pelo *Navegante aereo*.

As communicações serão frequentes e sempre taes que interessem muito aos leitores. Distinguir-se-hão por uma exactidão

e por assim dizer authenticidade que não poderá outro qualquer dar ás suas informações ou escriptos sobre o mesmo objecto.

Dentro de dois dias começarão a apparecer as primeiras. Começarão por explicar o que ainda tenha ficado incomprehensivel da distribuição de escriptos e medalhas que causou tamanha celeuma. Virá depois um relatorio tão exacto como minucioso do grande acontecimento do 1º de Junho.

Os annuncios, extractos e explicações relativos á locomoção aerea abundarão em nossa folha sem que aliás sacrificemos cousa alguma da redacção habitual. Será o que era d'antes com alguma cousa mais.

Mas esse *mais* será tudo quanto for revelado com respeito a um descobrimento destinado a transformar a ordem do mundo.

Póde quem quizer entreter relações com o navegante aereo, mas só por intermedio deste escriptorio; que lhe serão entregues todas as encommendas com tanta segurança como descripção, sendo elle o unico a abri-las.

Quer a lealdade accrescentemos, que nenhuma revelação se fará dentro de certo prazo, quer dos processos de locomoção, quer da pessoa do navegante aereo; nem o redactor principal nem collaborador algum tem o minimo indicio a tal respeito. O navegante aereo tomou todas as precauções para se corresponder comnosco com toda a a segurança, conservando-se porém o mais rigorosamente incognito.

Participa que lerá com a maior attenção o que lhe for dirigido, sem excepção alguma, e responderá, ou pelo correio ou por esta folha, a tudo o que merecer resposta. Pede ás pessoas que lhe escreverem o favor de assignar o nome e indicar a respectiva morada com lettra bem intelligivel. Lerá até as cartas anonyms, mas não responderá.

Quando chegar a occasião azada, fará nesta gazeta a exposição das suas idéas quanto ao melhor modo de tornar proveitoso o seu descobrimento ao mundo, e á França primeiro do que ás outras nações.

Annunciaremos em breve a segunda prova publica da locomoção aerea, ainda mais importante do que a do 1.º de Junho. Fique o publico desde já prevenido de que esta folha annunciará todos os espectaculos que se hajam de dar.

Este aviso será reproduzido amanhã.»

Este artigo trazia a assignatura do redactor principal. Os dous numeros em que sahiu foram remettidos a uma infinidade de pessoas de Pariz e das provincias. Foi resumido e pregado em cartazes por toda a parte. Constava já a todo mundo em Pariz o facto da entrega da carta ao redactor perante a multidão compacta parada nas ruas.

Tudo quanto phantasiou a imaginação ficou aquem da realidade n'uma proporção fabulosa. Os pedidos d'assignatura affluiram. Foi mister dobrar, quintuplicar, decuplicar a edição de um dia para outro. Foram desterrados para a quarta pagina os annuncios que felizmente não eram obrigados ; subiu

o preço ao triplo e ainda tiveram que recusar tres quartas partes

No dia 3 de Junho recebeu o redactor principal pelo correio uma estirada carta assignada por *X. Nagaer* com indicações muito minuciosas; estabeleceu-se uma especie de caixa dupla engenhosamente arranjada n'uma chaminé despresada da *sala de redacção*, peça formada de dous quartos cuja divisão tinha sido derribada quando se fundou a gazeta. O redactor principal e o administrador tinham cada um uma chave de uma especie de burra collocada em cima da chaminé. O navegante aereo tinha a de uma burra semelhante collocada no alto do cano. Um mecanismo muito simples servia para subir e descer a correspondencia.

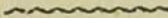
As publicações annunciadas não deixaram illudida a expectativa publica. Explicou-se como pudéra o navegante aereo fazer por si essa distribuição de escriptos que provocara tantos commentarios.

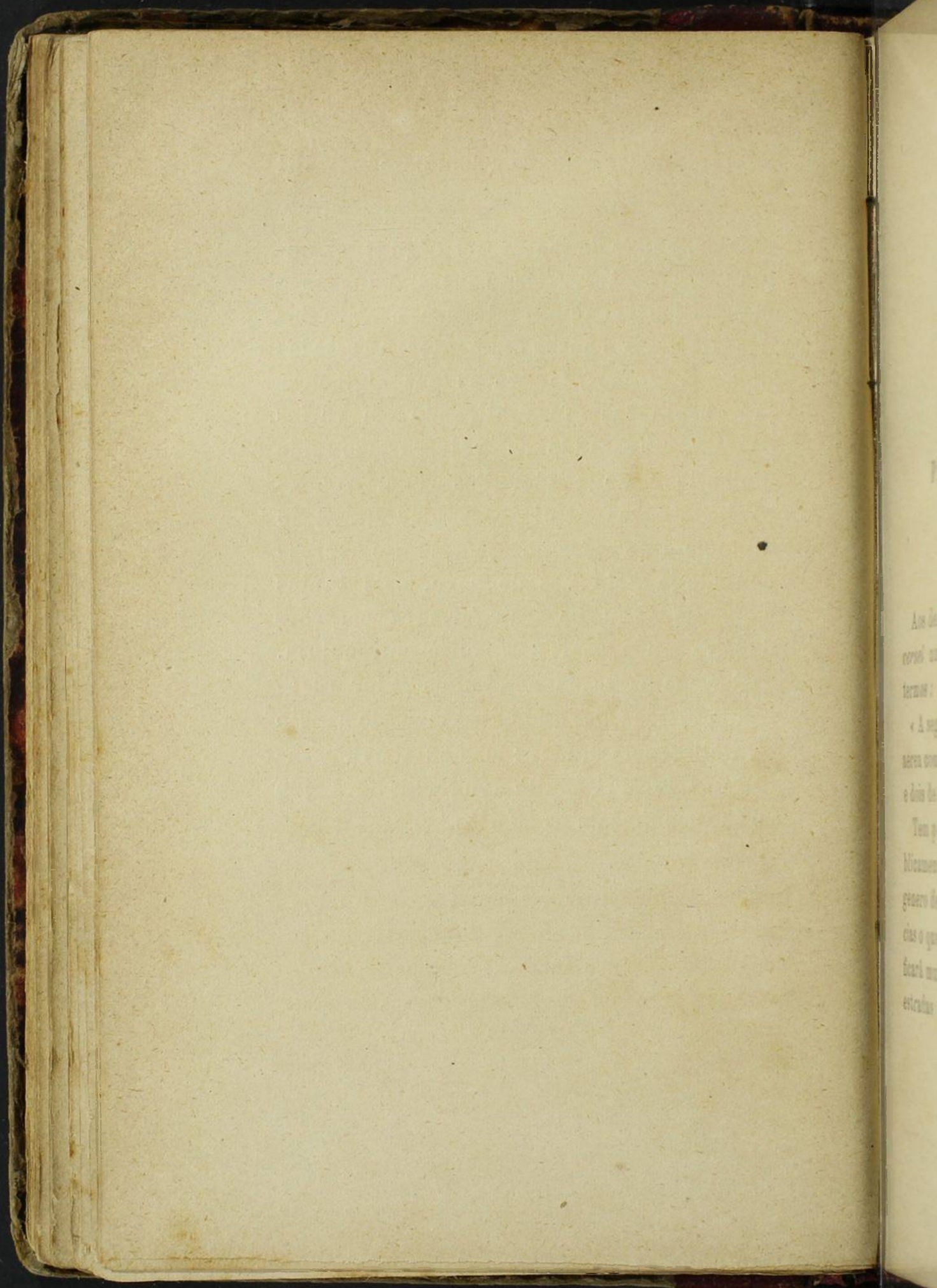
Pela rapi lez pro ligiosa da sua locomoção

percorrera Pariz em todos os sentidos das 8 1/2 horas até às 3 1/2. O que conseguira fazer em sete horas de uma noite escura ficava amplamente explicado pelo que o viram fazer em cinco horas do dia 1º de Junho. Demais, tinha disposto as cousas de ante-mão. Começara muito tempo antes a preparar os trez mil exemplares encapados postos na vespera em todas as caixas para cartas, e os cincoenta que remetteu em cartas registradas ; a atar os escriptos ao pescoço dos passaros, que não soltou senão naquella mesma noite ; e preparar o ornamento do obelisco de modo que pudesse vestil-o de uma só vez, como um padre se reveste da casula. Na vespera á noite escondera quarenta saccos bem cheios de exemplares do escripto nos recantos inaccessiveis dos telhados, na razão de dous saccos por destricto. Apezar do peso não lhe custára transportal-os dois a dois suspensos aos órgãos da locomoção, esgota-los um e outro como esvasia um semeador um sacco de se-

mentes, enfiar de passagem alguns exemplares nos pára-raios, pontas, ganchos e mais saliencias ao seu alcance e atira-los nas chaminés e nos monumentos. As moedas de cinco francos, levava-as nas algibeiras já embrulhadas e fôra atirando em varios quartos, quebrando as vidraças, munido d'uma luva de jogador d'esgrima. Acompanhava estas explicações uma narração minuciosa da apresentação, muito accrescentada já pela voz do povo, com tantas exagerações que se transformava em verdadeira lenda, mais que muito miraculosa.

Por sua parte ia o administrador recebendo instrucções que executava com zelo e intelligencia iguaes ; mas cuja enumeração nos levaria muito longe. Bastará que se lhes conheçam os effeitos.





As
corvi
termin
« A
sara
e dis
Tem
Nomen
genro
cis o
fiat
est

VII

PASSEIO PELA FRANÇA

Aos dezoito de Junho publicou o *Universel* um aviso concebido nos seguintes termos :

« A segunda prova publica da locomoção aerea começará no domingo vindouro, vinte e dois de Junho.

Tem por principal objecto verificar publicamente a velocidade que pôde dar este genero de locomoção, e mostrar ás provincias o que Pariz já vio. O navegante aereo ficará muito agradecido ás companhias de estradas de ferro, si houverem por bem

confirmar os seus documentos concorrendo assim para dar-lhes um character irrefragavel de certeza e authenticidade. Em razão da uniformidade de horas adoptada nas linhas de estradas de ferro, marcará pelos relogios das estações as horas exactas de suas chegadas e partidas.

Não póde dizer d'ante-mão em que momento exacto chegará a cada estação, mas póde annunciar as horas da partida. Conviria que no instante em que deixasse uma cidade, estivessem prevenidos e attentos o chefe da estação e mais alguns empregados d'aquella para onde se dirigisse afim de formarem uma especie de auto do momento preciso de sua chegada.

São estas as informações que póde dar agora do seu itinerario :

Domingo 22 de Junho, às 7 horas da manhã : partida do obelisco. Evoluções em Pariz. A's 8 horas : partida da estação da estrada de ferro de Lyão.

Chegada a Dijon. Exercícios. A's dez horas : partida para Lyão.

Chegada a Lyão. Desapparecimento momentaneo. Reapparecimento ás onze horas e meia. Evoluções. A' uma hora : partida para Marselha.

Chegada a Marselha. Evoluções. A's quatro horas : partida para Nîmes.

Chegada a Nimes. Exercícios. A's seis horas : partida para Narbonna.

Chegada a Narbonna. Desapparecimento momentaneo. Segunda-feira 23, ás sete horas, evoluções em Narbonna. A's 8 horas partida para Tolosa.

E assim continuava o itinerario indicando como estações successivas Tolosa, Bayona, Bordeaux, Tours, Nantes, Rennes, Ruão, Lille, Strasburgo, Nancy e Pariz.

As companhias de estradas de ferro, cumpre dizel-o, não acolheram com enthusiasmo o pedido que se lhes fez. Não lhes traria a ruina esse sinistro navegante aereo, como tinham feito ás diligencias e carros

de posta? E' certo que esse mysterioso systema de locomoção só se apresentava por ora applicado ao transporte de uma pessoa de cada vez e não se sabia si o preço subido por que sahia e os riscos o reduziriam a méra curiosidade, sem applicação na practica. Mas tambem podia ser que fosse praticavel e barato; assim como que fosse bom para transportar barquinhas e até verdadeiros navios aereos. Si assim fosse, as estradas de ferro se veriam em breve tempo abandonadas, arruinada a fazenda dos seus accionistas, e sem emprego um immenso pessoal. O mercado de acções se conservava paralyzado, e si não havia ainda baixa era porque os possuidores não tratavam do futuro para vende-las em porção e por qualquer preço. Mas os homens mais prudentes começavam de consultar comsigo, si não seria conveniente, desfazer-se d'ellas com cautela. Todavia as companhias se compenetraram de que para o exito da invenção bem pouco importava que lhe mostrassem

bom ou máo acolhimento. O máo rosto que fizessem em nada influiria e só daria como resultado paten ear sentimentos ridiculos, tolos e mesquinhos. Demais eram ellas as mais interessadas em saber ao certo o que tinham de temer da concurrencia futura. A verificação exacta da velocidade lhes era por isso da maxima importancia. Resolveram portanto ordenar a seus agentes que marcassem com a mais rigorosa precisão as horas, minutos e segundos da chegada e partida em cada estação e redigissem relatorios circumstanciados de tudo que podessem observar.

Começou a viagem no dia e horas annunciados. Pelo effeito produzido por occasião da primeira prova se póde ajuisar da affluencia e apertões do povo em Pariz e em todas as cidades indicadas no itinerario. O *Universel* andava já pelos ultimes confins da França, e nenhuma outra gazeta se podia eximir, sob pena de perder todos os assignantes, de reproduzir ou resumir os

publicados de que colhia as primicias o afortunado collega. Todos sabiam portanto quaes cidades devia visitar o navegante aereo. As demais, assim como o campo, ficaram desertas. Da Allemanha, Suissa, Italia, Hespanha, Inglaterra e Belgica affluiram curiosos. Nunca Dijon, Lyão, Marselha e todas as cidades em que estava annunciada alguma demora, viram tamanha concurrencia. Alugava-se um quarto por dois dias pelo preço d'um anno. E' desnecessario entrar aqui nas particularidades das disposições que fez X. Nagaer por intermedio de seu administrador, quanto ás suas refeições e lugar de estada durante a noite, para não se arriscar a ser conhecido. O importante é a verificação da velocidade.

O chefe da estação de Pariz e alguns outros empregados que o cercavam verificaram que o navegante, chegado á estação poucos minutos antes de oito horas, trazia além da meia mascara uma mascara de vidro ; certamente para resguardar o rosto

e os olhos da impressão do ar cortado com extrema rapidez. Deu alguns giros e partiu de Pariz ás oito horas em ponto. Avisou-se immediatamente pelo telegrapho à estação de Dijon.

N'essa cidade o viram apparecer e endireitar logo para o relógio e apontar-lhe o mostrador. Eram nove horas e vinte e quatro minutos.

Mais tarde se soube dos machinistas, foguistas e viajantes dos trens que encontrára no caminho ou deixára atrás, assim como dos empregados das estações intermedias, que seguira sempre por cima da linha ; do que se concluiu que teria chegado pelo menos dez ou doze minutos antes, si tivesse ido em linha recta.

Demorou-se em Dijon mais de meia hora e d'alli partiu, como tinha annuciado, ás dez horas em ponto. Chegou a Lyão ás dez horas e cinquenta minutos : — eram cento e noventa e sete kilometros percorridos em cinquenta minutos.

O resto da viagem foi n'essa mesma proporção

D'ahi resulta a velocidade media de duzentos e quarenta kilometros ou sessenta legoas por hora, quatro kilometros ou uma legoa por minuto, cerca do quadruplo da *grande velocidade* ordinaria das estradas de ferro, proximoamente um septimo da velocidade que leva a bulla ao sahir da peça para a qual se admite de 400 a 500 metros por segundo, o que corresponde a 25 ou 30 kilometros por minuto, cerca de 400 legoas por hora.

Com tal velocidade polia-se sahir de Pariz e chegar : a Londres em uma hora e quinze minutos ; a Madrid em cinco horas e vinte e quatro minutos ; a Roma em cinco horas e vinte e cinco minutos ; a Vienna em cinco horas e cinco minutos ; a Berlim em tres horas e quarenta e cinco minutos ; a S. Petersburgo em onze horas e um quarto e a Moscou em doze horas e desesseis minutos.

Podia-se fazer uma volta em torno do globo em seis dias, onze horas e quarenta minutos. Attingia-se quasi a um sexto da velocidade da superficie da terra na sua rotação. O homem que partisse de um ponto do Equador n'um domingo de manhã por exemplo e se dirigisse para oeste, estaria de volta ao mesmo ponto no sabbado á tarde. Notando porém que ganharia um dia em caminho como acontece em toda viagem n'esse sentido em torno do Equador. Para o viajante seria sexta-feira o dia da chegada e sabbado para os habitantes do ponto de partida ; esses teriam visto seis poentes ao passo que o viajante, só teria visto cinco.

O *Universel* publicou uma noticia minuciosa da viagem. Emprazou as companhias de estradas de ferro para contradizerem ou affirmarem a verdade dos factos pelas informações de seus agentes. A principio as companhias callaram-se ; mas o *Universel* teimou com tanta insistencia, que por fim lhe dirigiram notas muito breves decla-

rando que as informações que tinham recebido não apresentavam differença muito grande do que se tinha publicado.

A inquietação entrava-os deveras. Já ia apparecendo alguma baixa nas acções. Por ora era cousa de pouco cuidado, mas bastaria talvez que visse o povo no ar uma barquinha dirigida por esse inventor de má morte, para que se declarasse terror panico e sobreviesse a ruina total.

Outro artigo do *Universel*, accrescentando-lhes receios pelo futuro, veio tirar-lhes os cuidados pelo presente ; annunciava que a proxima experiencia publica, por via dos preparativos que exigia, só teria logar pelos fins de Agosto.

VIII

A BARCA

O administrador foi incumbido de tres commissões.

Pelos planos, desenhos e instrucções que recebeu mandou construir um apparelho, que em falta de melhor denominação chamaremos barca, e para o diante descreveremos.

Alugou, para além de Meudon, uma casinha com terreno murado e não pequeno,

cujos muros mandou levantar até á altura de seis metros e cercavam uma fila de arvores bem altas, copadas e unidas.

Contratou tres homens escolhidos com o mais detido cuidado. Muitos se apresentaram, principalmente aeronautas e marittimos, em consequencia dos annuncios do *Universel*. Alguns d'elles não o faziam por necessidade de ganhar o pão, senão por muita curiosidade e amor das aventuras. Foi recusado entre outros, por causa da idade, um coronel de cavallaria reformado, homem da tempera dos que Napoleão I fazia marechaes de França aos quarenta annos. Teve preferencia um machinista d'uma estrada de ferro, de sangue frio e coragem iguaes. Foram aceitos dous marinheiros, um que tinha pertencido á marinha de guerra e condecorado por muitos feitos illustres e outro celebre na marinha mercante pela quantidade de medalhas de merito que ganhára salvando a vida á muita gente. Esses tres homens eram — condicção

sine qua non de força herculea, e déstros em gymnastica. O primeiro teve o titulo de conductor e os outros dois de ajudantes. O navegante aereo exerceria as funcções de capitão da barca.

Quando ficou tudo prompto, o conductor e ajudantes começaram a exercitar-se no terreno murado e escondido de todas as vistas. A manobra que lhes competia fazer era quasi nenhuma. Seu verdadeiro fim alli era inspirar com a presença aos passageiros confiança bastante para que se não deixassem dominar de vãos terrores. Não lhes foi revelada a minima cousa quanto aos processos nem pessoa do inventor. Nunca o viram senão mascarado, ao chegar e sahir de uma parte superior do aparelho que se lhe adaptava e tirava á vontade e continha os órgãos de locomoção, e sem a qual a barca ficava immovel no chão. Exercitaram-se principalmente em prender e desprender as amarras e navegar alguns metros acima do sólo para familiarisarem-se com esse modo

de locomoção. Durou isso quinze ou vinte dias mais do que se esperava, e só á vinte de Agosto publicou o *Universel* o seguinte annuncio :

Domingo, tres de Setembro, navegará por cima de Pariz e seus arredores das oito horas da manhã ás cinco da tarde uma barca aerea.

A barca póde receber cerca de cincoenta passageiros ; mas d'esta vez só irão n'ella, além do navegante aereo, um conductor e dois ajudantes, visto que esse exercicio só tem por fim demonstrar a possibilidade da navegação ás pessoas que desejarem ter entrada na seguinte experiencia, que deve ser feita no domingo dez de Setembro.

Do dia quatro ao dia nove de Setembro será exposta a barca sem o orgão da locomoção em um lugar pertencente ao escriptorio do *Universel*. O preço da entrada é de dous francos por pesssoa.

A experiencia do dia dez de Setembro far-se-ha do seguinte modo :

Ficam á disposição do publico trinta e quatro logares na barca. O preço de cada lugar é 1200 francos. •

Os pretendentes aos lugares devem inscrever-se até oito de Setembro no escriptorio do *Universel* e entregar as respectivas importancias ao Sr. administrador da folha, que passará recibo e depositará diariamente as sommas na caixa publica que o governo houver por bem designar.

O navegante aereo escolherá de preferencia, para a venda definitiva de logares, entre os pretendentes os das seguintes categorias:

O governo, representado pelo mais alto de seus funcionarios. Se por ventura apresentar-se mais de um da mesma graduação, diversos ministros por exemplo, decidirá a sorte;

Do exercito, o militar mais graduado, preferindo-se o marechal ao general, e assim por diante;

* Em moeda brasileira 444\$000.

A marinha de guerra na mesma escala ;
Os principaes ramos das sciencias, com
preferencia para os membros do Instituto,
representados por :

Um physico,
Um chimico,
Um astronomico,
Um geographo,
Um statista,
Um economista,
Um medico ;

As letras, preferido um membro da academia ;

A imprensa, representada por um redactor
não do *Universel*, que tem logar reservado ;

As artes, representadas por um pintor,
tendo preferencia o que fôr membro do Instituto ;

A industria, representada por :

Um constructor de navios,
Um constructor de machinas,
Um administrador ou director de estrada
de ferro,

Um aeronauta.

Dezesete lugares, ou mais — si não comparecerem pessoas de todas as cathogorias apontadas, — ficarão á disposição das pessoas inscriptas que a sorte designar.

Reservam-se doze lugares gratuitos para a musica, sendo preferida uma banda militar, si alguma se apresentar,

Outrosim reservam-se dous logares gratuitos para os operarios escolhidos pelos eleitores dos operarios peritos.

No dia 9 pela manhã serão enviados os bilhetes aos que forem admittidos, com instrucções uteis para o embarque e a viagem. As quantias depositadas pelos que não houverem obtido entrada serão restituidas immediatamente á appresentação do recibo.

A viagem se effectuará de accordo com o itinerario seguinte :

No dia 10, ás nove horas em ponto da manhã : embarque. Evoluções sobre Pariz e arredores e partida para Strasburgo, de sorte que lá se desembarque pelas 6 horas

em Strasburgo passeio sobre a cidade e partida para Lille, onde se irá desembarcar pelas seis horas.

No dia 11, ás nove horas da manhã, embarque, em Strasburgo, passeio sobre a cidade e partida para Lille, onde se irá desembarcar pelas seis horas.

A viagem continuará assim por Lille, Ruão, Nantes, Bordeaux, Bayona, Tolosa, Marzelha Lyão e Pariz, onde se achará de volta a barca terça-feira 19 de Setembro ás 6 horas da tarde. »

Este annuncio produziu logo grande celeuma. Não ha memoria de tanta insolencia! diziam todos. A preferencia concedida com tamanho atrevimento aos ministros, marechaes e almirantes, como si tão altos personagens fossem disputar o favor de se entregar cegamente a um aventureiro incognito que não dava de si nenhum bom agouro; o preço de 1,200 francos por logar, que produzia, á razão de trinta e quatro logares pagos, 40,800 francos por uma via-

gem de dez dias, durante a qual ainda havia que fazer despesas de cama e mesa ; a musica, convidada somente para ser levado em triumpho ao som de ruidosos concertos, tudo isso inculcava orgulho e cubiça. X. Nagaer entendeu conveniente responder a essas censuras pelo *Universel*. Não por orgulho, dizia elle, senão por attenção convidava, ainda antes de divulgar seu descobrimento, as autoridades, o exercito, a marinha, a sciencia, a industria, as lettras e as artes para estudarem seus effeitos e consequencias provaveis. Quanto aos preços, não desceria até justificar-se da accusação de cubiça allegando já os centenares de mil francos, que lhe tinham custado as experiencias e pratica de seu descobrimento, já os milhões que ella lhe podia render quando fosse isso do seu agrado. Os que não achassem o preço em proporção com uma viagem feita pela primeira vez pelo ar, como os que não depositassem nelle inteira confiança, não tomassem parte nella.

O annuncio desta vez foi feito com a antecedencia de quatorze dias da primeira experiencia e de vinte e um dias do principio da segunda. Esse intervallo dava tempo para chegar-se a Pariz e ás demais cidades por onde devia passar a barca, não só de outros sitios da França, como do estrangeiro. Por toda parte muita gente projectára partir ao primeiro annuncio de nova exposição. Estavam todos promptos para o fim de Agosto. Muitos até, principalmente nos paizes longinquos e nos Estados-Unidos em particular, acharam mais seguro pôr-se a caminho sem esperar pelo signal.

Tanto que foi dado, declarou-se uma especie de frenezi. Prepararam-se em muitos logares trens extraordinarios. O material rodante das estradas de ferro era pouco para dar vasão á concorrência. As companhias não abaixaram o preço, e, talvez na vespera de sua ruina, tiraram grandes lucros. Esgotaram-se todos os meios de locomoção.

A affluencia foi enorme, sobressahindo aos mais os inglezes.

No dia 3 de Setembro a curiosidade não apresentava o mesmo character que no 1º de Junho ; já não vinha cheia de duvidas, de incertezas e da indeffinivel anciedade que produz sempre o esperar por uma cousa desconhecida. Era mais calma mas não menos intensa. Sabia-se o que si ia ver, mas nem por isso era menor o desejo de assistir. O povo, augmentado com a enorme concurrencia de estrangeiros, era mais numeroso, mas não se agglomerava n'um logar determinado. Estava derramado por toda a parte, e muitas pessoas corriam de preferencia para os sitios onde o suppunham menos compacto. A's autoridades tomaram medidas preventivas ; porém sem mais receios de conspiração, não armaram como para a guerra, de espingardas emballadas e mórão accêso, ás oito horas vio-se a barca a se adiantar magestosa pela avenida dos Campos Elysios, em altura que a deixava ob-

servar perfeitamente. Assemelhava-se um tanto a uma tenda oblonga, com a cobertura içada a dois terços e o cordame fortissimo. O soalho era de forma algum tanto elliptica, mais largo atraz do que adiante. Era cercado por uma balaustrada dentro da qual se viam cerca de cincoenta assentos vazios separados por intervallos de mais de um metro e parecendo commodamente dispostos. Diante de cada assento havia uma mesa, por cima estantes, cabides e lampeões com globos de vidro esmêrilado. A parte superior do apparelho era na forma como que uma miniatura do todo e terminava por uma bóla de metal polido semelhante ao cobre. Por baixo da bola e sobre um soalho tambem cercado por uma balaustrada, d'onde partiam cordas ou varões de metal que pareciam suspender a parte inferior, havia uma especie de poltrona, á *Bonaparte* chamada, que girava sobre um eixo como um tamborete de pianno, Ia assentado nella o navegante aereo vestido como no dia de seu

primeiro apparecimento. Duas hastes curvas partindo de baixo da poltrona terminavam cada uma por um cabo ao alcance de suas mãos. Outra haste descia da bolla superior e terminava da mesma maneira. Sobre o soalho adiante e atraz assentavam dous grandes oculos moveis em todos os sentidos sobre pés fixos. Trazia mais um oculo d'alcance na mão; cercava-o uma especie de mesa do feitio d'uma ferradura que parecia cheia de gavêtas. Viam-se presos á parte anterior da mesa quatro objectos que alguns espectadores munidos de oculos, e binoculos suppunham ser um chronometro um barometro, um thermometro e uma bussola.

No soalho inferior estavam postados tres homens, dous na frente sobre um estrado, e um atraz sobre um estrado mais alto. Podia cada um manejar um grande oculo adaptado ao respectivo pé que lhe ficava proximo, trazia um oculo de alcance na mão, tinha um assento atraz de si e bem perto

uma escada de corda presa à extremidade do soalho superior. O homem de detraz tinha mais uma mesa semelhante à de cima e com os mesmos objectos. A parte superior e a inferior communicavam-se por meio de tubos accusticos. Viam-se na frente do soalho inferior duas peças pequenas com a bocca voltada para o espaço e fazendo um angulo de 45 grãos. Quando chegaram acima do obelisco, os homens da frente se approximaram das peças e ouviram-se duas detonações, que se repetiam de meia em meia hora todo o tempo que duraram as evoluções. A barca aerea não era somente vehiculo. podia tornar-se a mais terrivel de todas as machinas de guerras.

As evoluções da barca foram pouco mais ou menos as mesmas que as do navegante aereo no 1.º de Junho. A particularidade mais notavel que se deu foi a seguinte: o navegante deixou varias vezes o seu posto, sempre depois de ter dado á barca marcha lenta e regular, para dar em torno della

mil giros no ar, agora passando-a, para depois ficar atraz, tornar a apanhal-a ou volteando por cima e por baixo. Observou-se que a barca, comquanto attingisse às vezes a uma rapidez consideravel, nunca chegou à maxima velocidade com que o viajante aereo se movia sósinho. Notou-se que os varios movimentos da barca pareciam dependentes da manobra das hastes. No dia seguinte estava exposto o aparelho em um picadeiro desoccupado pertencente à casa em que estava situado o escriptorio do *Univer-*
sel. Esse picadeiro recebia a luz de cima, por uma grade tirada para passar a barca. Era pequena a sua capacidade para a multidão de gente que se agglomerou à porta. Foi preciso estabelecer um systema uniforme de entrada e sahida, com o favor do qual puderam entrar por dia dez a doze mil pessoas, às quaes se dava tempo bastante para vêrem a gosto. Nos seis dias que durou, a exposição rendeu cerca de 140,000 francos(1).

(1) Em moeda brasileira : 51:800\$000 rs.

A curiosidade popular não ficou de todo satisfeita, ainda que não illudida pelo annuncio feito. A parte superior da barca estava reduzida a uma simples balaustrada em fôrma de cupola. O resto, que continha os orgãos, da locomoção o soalho, o logar do capitão, a mesa, etc., adaptava-se-lhe á vontade por um systema muito simples que se explicou aos visitantes, e era manobrado ordinariamente pelo conductor e os dous ajudantes. Mas o capitão podia tambem dirigil-o si quizesse, e sem auxilio de outra pessôa: podia desprender tudo e ficar sozinho suspenso no ar, sem que nos destroços da barca precitada á terra se descobrisse o minimo vestigio dos meios de locomoção. Tão formidavel poder em mãos de um desconhecido fez hesitar a muita gente que pretendia solicitar passagem na barca.

A disposição e os commodos obtiveram geral approvação. O soalho, coberto de um tapete grosso, era de um metal semelhante ao ferro, que o tornava bastante pesado e

devia mantel-o em equilibrio perfeito. Os varões que o suspendiam eram doze e tambem de metal : terminavam em ambas as extremidades por argolas passadas em aneis presos ás bordas dos dous soalhos. O apparelho era coberto por um toldo, do qual desciam cortinas com vigias ou clara-boias fixas, que podiam fechal-o completamente tornando-o uma tenda impermeavel, independentes, das *stores* ou cortinas de corrediça pintadas com gosto à disposição de cada passageiro para resguardar do sol. As poltronas dos passageiros tinham movimento giratorio em torno de um eixo e desdobravam-se em verdadeiras camas.

As peças tinham sido tiradas das carretas como as da marinha, e verificou-se que não eram só duas as carretas, mas seis, quatro na frente e duas atraz.

A pr
e duos
malber. O
perceca
briso per
de vestu-
entremad
ses infir
pesso, ali
era ben
imitador
guit-lhe

PROVA DECISIVA

A primeira pessoa que depositou mil e duzentos francos por um logar foi uma mulher. O caso não estava previsto. Esta pertencia á alta sociedade e tinha se celebrado por sua excentricidade, pelo modo de vestir-se, maneiras atiradas linguagem entremeiada de termos da giria das classes inferiores ; mas não passava disso. Bôa pessoa, aliás, e não balda de espirito era bem recebida tal qual era, e tinha imitadoras. Muitas á porfia quizeram seguir-lhe o exemplo. No dia seguinte pela

manhã recebeu o administrador encomenda e dinheiro de sessenta moças do bom tom, muitas autorizadas por seus maridos. Respondeu-lhes que havia consultado o navegante aereo, e estava á espera da decisão. Afluiram ao mesmo tempo as encommendas de todos os *sportmen*, membros de clubs e sociedades, moços que pertenciam ou tinham a presumpção de pertencer á *high life*. O exemplo feminino tinha dado a vóga. Tinha-se por deshonra, receiava-se passar por não ter de seu mil e duzentos francos, ou por ter medo de quebrar as canellas, si se não fizesse como os demais. Muitos estrangeiros inscreveram-se. Já que se tinham abalado a fazer a viagem, queriam aproveitá-la o mais possível. Dentro em pouco não houve individuo em circumstancias de dispor de 1,200 francos que não quizesse tentar a fortuna. No bairro Latino e nas officinas lembraram-se de formar grupos de cincoenta, cem, quinhentos, e concorrer cada um com uma pequena

quota para inscrever-se um por todos : si obtivesse o bilhete, tirar-se-hia á sorte qual devia ir. No primeiro dia o administrador recebeu 80,000 francos ; no segundo recebeu 900:000 ; a progressão foi sempre crescente até o ultimo. Quando se fechou a subscrição havia recebida a quantia de 65:308,800 francos depositada por 54.484 pretendentes e lançada na caixa das Consi-gnações, que o governo houve por bem indicar.

As boas disposições do governo não eram filhas de pura sympathia pela invenção e seu desconhecido autor, e sem segunda tenção. Não se sabia ainda ao certo quantas consequencias traria esse descobrimento. E' bem de ver que desejáram chamal-o a si : mas como ? Fazer-lhe guerra mais ou menos declarada, seria dos meios o peor : o inventor podia fugir com o seu invento para um paiz estrangeiro, talvez servir-se d'elle para formentar revoluções, talvez mesmo—porque não se sabia que especie de

homem era—organisar um bando de corsarios e piratas aereos e zombar de todos os recursos sociaes. Cumpria portanto não tratá-lo de inimigo antes de o conhecer. Conhecel-o seria uma grande vantagem, mas de que modo? Lembraram-se de continuar o inquirito já aberto: ás outras razões que o justificavam nova razão se juntava agora: o uso de armas e munições de guerra manifestado pelos tiros de peça de que tinha sido intermeiado o passeio da barca aerea. Podia-se tambem lançar mão dos artigos assignados sómente pelo *Navegante aereo* no *Universel* e processal-os por incursos na lei de assignaturas. Mas a continuação do inquerito seria acto evidentemente hostile, que podia ser mal recebido. Bastaria talvez o interrogatorio do redactor principal ou do administrador do *Universel* para que houvessem o aeronauta por inimigo declarado. De mais, o inquerito não se augurava proficuo, porque parecia que as precauções tinham sido muito bem tomadas, e tudo indu-

zia a acreditar na sinceridade da gente do *Universel*, que declarara estar completamente alheia da pessoa do seu mysterioso correspondente. Armar-lhe uma cilada e prendel-o quando viesse á noite buscar ou trazer a correspondencia, sobre ser quasi inequívavel era odioso. Uma só cousa restava praticavel : as indagações secretas por meio dos espiões de melhor faro. Entrementes, resolveu-se mostrar bom rosto. O aeronauta parecia executar um plano muito bem estudado. O pouco que dissera da sua intenção de aproveitar primeiro á França o seu descobrimento, dos sentimentos de respeito e consideração que o induzira a reservar lugares para as autoridades e corporações scientificas não inculcava attitude hostile, posto que estivessem algum tanto ressentidos por não ter elle solicitado directamente o concurso e alta benevolencia do governo, como que mostrando que não precisava d'elle. Ficou definitivamente assentado que se esperaria até que outras circumstancias vies-

sem indicar melhor resolução Talvez que a viagem annunciada dêsse alguns esclarecimentos. Cumpria aproveitar a occasião.

Adoptado este parecer, tratara de favorecer os acontecimentos, senão sem segunda tenção, com boa vontade apparente. Tiveram a delicadesa de pôr á disposição das corporações scientificas o preço dos lugares para ellas reservados. Tendo-se offerecido todos os ministros para fazer a viagem, foi designado o das obras publicas, mas o da guerra como marechal e o da marinha como almirante. Organizou-se uma pequena banda militar de doze musicos, a mais estrepitosa e melhor possível, a quem recommendou-se que executassem peças de estylo triumphal. Estas disposições foram publicadas no *Moniteur*; annunciando-se mais que o governo se incumbiria, se as municipalidades o não fizessem, de offerecer a todos os viajantes um jantar por occasião da chegada a cada cidade indicada como estação, accomodações á noite e almoço no dia seguinte.

Não prepararam as municipalidades simples jantares, prepararam verdadeiras festas: banquetes offerecidos ao navegante aereo e seus companheiros de viagem e ás pessoas mais gradas de cada cidade, bailes, illuminação, fogos de artificio, hospedagem esplendida aos viajantes, não faltava aos programmas. O *Universel* publicou um artigo em que o aeronauta se excusava com os maiores agradecimentos das honras que lhe faziam. Seria faltar á delicadesa apresentar-se nos banquetes e festas mascarado. Ora, requeria a liberdade de seus actos, o futuro de seu descobrimento e a patria, á qual desejava aproveitasse antes de todo mundo, que elle se conservasse completamente desconhecido emquanto não concertasse com o governo as providencias necessarias. Não queria tão pouco expor-se a desapprovação de seus companheiros de viagem accitando convite por elles; preferindo mil vezes aos brindes feitos a si os que se fizessem pelo futuro de sua invenção e pros-

peridade da França, destinada a encontrar no seu descobrimento um novo thesouro de riquezas e engrandecimento.

Pedio no mesmo artigo publicado a oito de Setembro desculpa ás senhoras de as não admittir d'esta vez e lhes ter causado o desprazer da restituição do seu dinheiro. Rendendo preito á intrepidez com que se tinham aprezentado para uma experiencia, que se não ameaçava perigos, tinha elementos desconhecidos que sem valor não se afrontam, não queria expôl-as ás emoções de uma tão rapida viagem feita á primeira vez pelos ares ; queria que antes soubessem todos de ouvir as testemunhas oculares o que era tal viagem. Teria grande prazer em admittir mais tarde as senhoras, que lhe dessem essa honra, o que aliás podia acontecer na seguinte viagem que não se demoraria mais de seis a oito mezes, tempo necessario para a construcção de uma barca com capacidade para quinhentos passageiros : essa viagem se dilataria até os paizes es-

trangeiros e provavelmente seria em roda da terra.

A's nove horas em ponto do dia dez de Setembro subio lentamente o navio aereo com todos os passageiros pela abertura que se praticara no picadeiro onde tinha sido exposto ; postado o capitão na pequena barca que servia de cupola grande, a qual a tinha adaptado dez minutos antes. Quando chegaram a uns cincoenta metros ácima dos tectos das casas mais altas, soaram seis tiros um após outro. Depois a barca vogou por cima de Pariz com magestosa lentidão em quanto a musica enchia os ares de concertos a que respondiam os bravos do povo. Os passageiros contemplavam com admiração o panorama esplendido que se descortinava a seus pés, estendia por um dilatado horisonte. Poucos haviam feito ascensões aerostaticas. A macha era lenta, e só augmentou quando se chegou aos arredores. Por maior que fosse, porém, era para os viajantes quasi insensivel. Olhando para o

espaço, parecia estar-se parado, sentindo apenas soprar um vento violento ; olhando para a terra, pareciam os objectos morver-se lentamente, salvo quando, por excepção, a barca se approximava da terra. O aeronauta parecia aliás procurar variar o mais possivel a marcha para facilitar todo o genero de observações. Nem uma vez deixou o seu posto para voltear sósinho, com grande prazer dos passageiros, pois ainda os mais intrepididos sentiam-se animados com a sua estada lá. Sabia-se que nem o conductor, nem os ajudantes conheciam o segredo. Quando se poseram a caminho para Strasburgo a barca subio consideravelmente. Sentio-se uma forte impressão de frio, parecendo que o vento se desencadeava furioso e a barca não caminhava. O balanço imperceptivel que dava a barca o seu modo de suspensão não se parecia nem com o movimento da carroagem, nem com o jogo ou arfar do navio, nem com a trepidação do vagon em movimento : era quasi

a immobilidade de uma cadeira. Chegados a Strasburgo, ninguem podia comprehender como tinha percorrido mais de dous kilometros por minuto.

Eram seis horas justas. As seis peças attiraram. A musica tocou algumas marchas enquanto se faziam circumsvoluções por cima da cidade a regorgitar de gente e toda empavezada. A descida effectuou-se no jardim da prefeitura. Logo que tocou a barca em terra os dous ajudantes subiram prestos pelas escadas de corda, e desprenderam a parte superior, que elevou-se rapida com o capitão. Ignorava-se que disposições tomára para as suas refeições e pousada, mas só tornou a apparecer no dia seguinte antes do embarque.

Por toda parte foram esplendidas as festas ; o enthusiasmo tocou ao cumulo. O povo cercava os viajantes e dava-se por feliz quem podia ouvir destes alguma cousa das suas observações. Em Strasburgo, depois de banquete, tomando café como pre-

feito os ministros da guerra e da marinha, disse aquelle a este : dêmo-nos por felizes meu caro almirante, não ter isto acontecido vinte annos atraz, porque n'esse tempo nem eu, nem o meu amigo ainda tinhamos estes postos.— Talvez que eu não tenha parabens a dar-me, respondeu o almirante, porque provavelmente as nossas cascas de noz só prestarão d'aqui para o futuro para lenha, e a lona das velas para fazer fardos. Vae-se a marinha, mas a artilheria não morre.

— Ora ! quem sabe ? replicou o marechal. Demais cá por mim não pertenco á artilheria, mas á engenharia. Incumba-se de fortificar as praças contra gente que lhe attira uma saraivada de chumbo, como a nuvem uma de pedras de gêlo. Eu desafio ao proprio Vauban a que me venha dar uma demonstração da *praça ideal*. O que me diz o Senhor engenheiro chefe ?

A interpeção era dirigida a um passageiro director d'uma companhia de estrada

de ferro. « Acho, respondeu, que os nossos accionistas estão com seu dinheiro perdido. — E os directores de estradas de ferro vão ter a mesma utilidade que os capitães de navio? — Isso bem pouco me inquieta, sempre se hade precisar de quem fabrique, e governe estas maquinas como de quem fabrique locomotivas e governe navios. Sabe de quem é que não se sabe o que se hade fazer? — Dos policiaes respondeu o prefeito.

— Salvo, observou um membro da Academia se os mandarem pelos ares a perseguir os malfeitores, como queria Geronte a justiça no mar. — N'esse caso, os policiaes farão o mesmo que os ladrões, aventurou um estudante *bohemio* que tinha tirado por sorte o bilhete mediante a sua quota de quinhentos francos. — Hade ficar muito mais gente sem occupação do que os policiaes, tornou o engenheiro chefe. — Quem é? perguntou o prefeito. — Pergunte a um de seus convidados inspector d'alfandega, que supponho estar alli na salla visinha. — Muito

bem ! disse o economista, viva a liberdade de commercio ! »

Entre Nantes e Bordeaux cahio pelas cinco horas uma horrivel tempestade. Os receios não eram muito grandes, principalmente depois das observações do physico, membro do Instituto quanto à materia empregada na construcção da barca, quasi toda de metal. Corria-se risco de ser fulminado em meio das nuvens fulgurantes que se atravessavam, semelhantes a um nevoeiro bastante denso. O conductor convidou aos passageiros para se approximarem do porta-voz ; que, o capitão tinha que dar-lhes uma explicação. Consistio esta em dizer-lhes que nada tinham a temer da tempestade, pois déra ao apparelho uma especie de magnetisação, cujo segrêdo possuia e em consequencia da qual o metal repellia tão energicamente a electricidade, como o ferro ordinario podia chama-la para si. Esse segrêdo seria revelado quando o fossem os processos de locomoção. Quasi

ninguem comprehendeu, e apesar da confiança que de bom grado depositavam em um homem que tinha dado provas de si tão brilhantes, não se deram por mal satisfeitos de se achar abrigados uma hora depois na casa da camara de Bordeaux.

Pelas observações que todos fizeram com o maior cuidado na da se pode conjecturar do processo de locomoção, nem da pessoa do inventor. Calculou-se exactamente a velocidade média : era de trinta e cinco legoas por horas, pouco mais da metade da que tinha attingido o viajante na sua primeira viagem pela França, cerca do dobro da grande velocidade ordinaria das estradas de ferro. Ainda assim é enorme e não havia certeza de que fosse essa a maxima possível.

O *Universel*, cujo redactor principal e administrador tinham tido dois logares gratuitos, aliás bem merecidos, publicou uma serie de artigos dando minuciosa relação da viagem que podia ser considerada uma experiencia decisiva. A prova estava feita

da maneira mais cabal. Faltava estudar as consequencias provaveis d'esse descobrimento. Diz-se que ia por sua parte emprender esse estudo, independente do navegante aereo. Pedio com instancia ás autoridades, corporações scientificas e cada passageiro em particular que publicassem suas observações, e a todos os escriptores que procurassem o amago da questão no lapso de seis a oito mezes, que devia decorrer antes da importante viagem annunciada. Esperava o inventor, para proporcionar ao publico occasião de aproveitar-se de seu descobrimento, que não só conhecessem todos o instruissem a elle das consequencias que devia produzir, senão que lhe dêsse o governo a conhecer as providencias, que tivesse em mente para impedir que em grande mal se transformasse um grande bem e para que achasse a França no seu invento nova derivação de superioridade sobre as suas rivaes.

Para facilitar esse estudo deu o *Universel*

algumas informações transmittidas pelo inventor. O orgão de locomoção, que lhe servia para viajar só, custára cinco mil francos ; mas achava que se poderia fabrica-la com mil a mil e duzentos francos. Devia conservar-se em bom estado por alguns cem annos sem despesa de conservação.

Custára a barca 42.000 francos e seus orgãos de locomoção 20.000, o que dava a somma total de 62.000, que deveria baixar a menos de 40.000 quando se aperfeiçoasse com a pratica o fabrico. Podia considerar-se ilimitada a duração do apparelho precisando apenas de pequenas despesas de conservação. O preço devia augmentar com as dimensões da barca, mas em menor escala.

A locomoção em si não custava nem um ceutil, porque o systema actuava em virtude da propria efficacia.

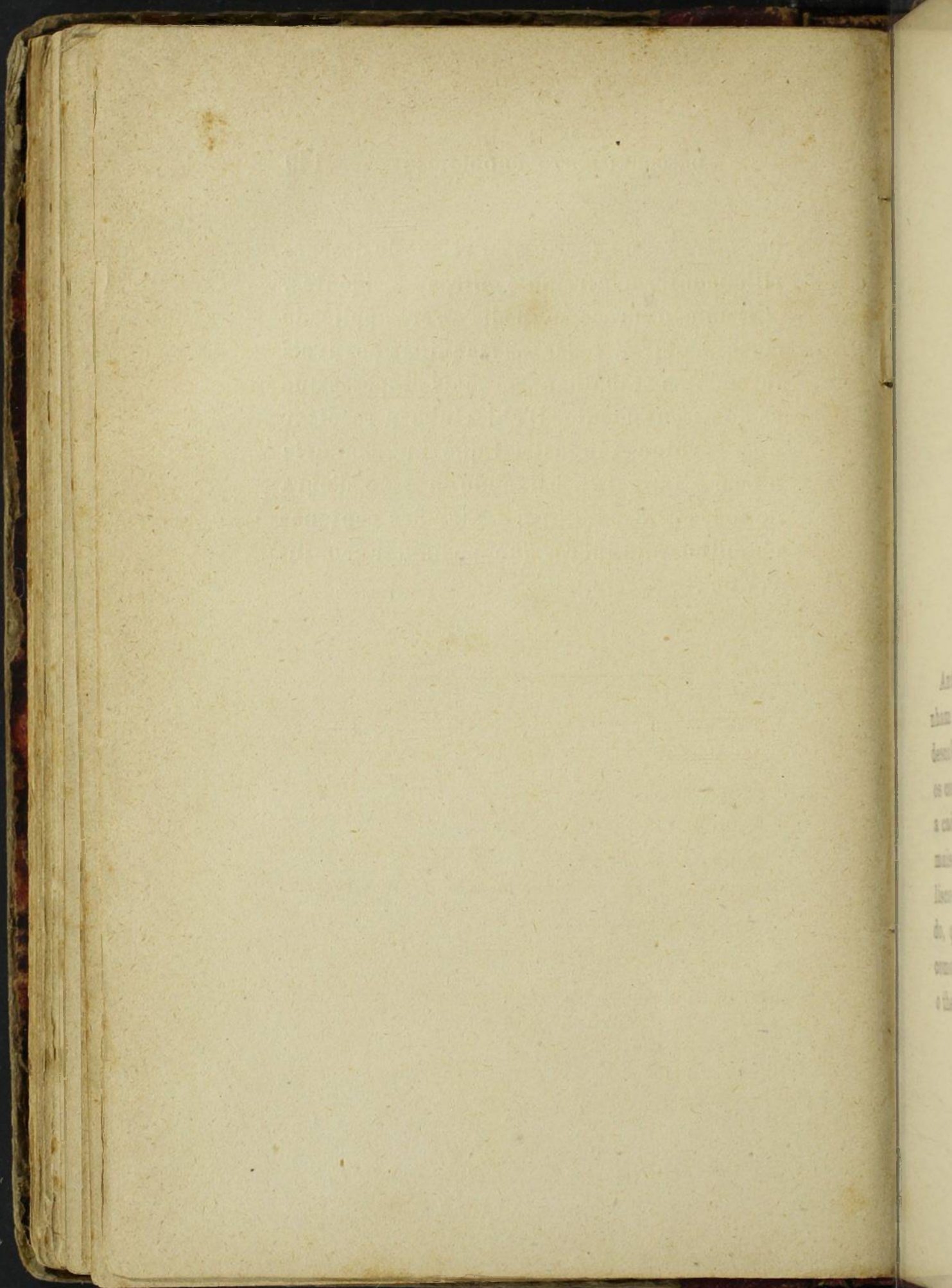
A velocidade podia ir muito além do que se tinha visto. Poderia considerar-se sem

outro limite mais do que as exigencias da organização humana, que não podia resistir senão a um certo grão de velocidade na atmospherá. A' medicina e á experiencia cumpria marcar exactamente esse grão.

Admittindo que uma barca aerea construida para quinhentos passageiros custasse 100,000 francos, paga-los-hia bem percorrendo 1200 kilometros por dia de sol a sol. Se cada viajante pagasse só um *centimo* por kilometro ter-se-hia, sem fallar do transporte de bagagens e mercadorias, a receita bruta de 6,000 francos por dia ou 2,190,000 por anno: retribuindo com a maior generosidade e até com prodigalidade ao pessoal; marcando, por exemplo, 40,000 ao capitão, 20,000 ao conductor, 50,000 a cinco ajudantes; separando 80,000 franco para despesas da conservação, escripturação, estação, juros e amortização do capital, ficava ainda o lucro liquido de 2,000,000 por anno, pagando os viajantes oito ou dez vezes menos do que

nas estradas de ferro, sem risco de descar-
rilhamento, naufragio e outros accidentes.

Emfim o processo podia ser applicado
como motor a todas as maquinas possiveis
fazendo-as trabalhar sem mais despezas que
as do assentamento. D'ahi vinha a resultar
uma revolução industrial que augmentaria
o bem estar geral, baixando a mão d'obra
de todas as cousas, sem tratar das centenas
de milhões de lucros que podia dar ao in-
ventor.



DISCUSSÃO

Antes do pedido do *Universel*, já se tinham feito muitas reflexões acerca d'este descobrimento extraordinario. Abundaram os commentarios desde a apresentação, e a cada nova experiencia choviam cada vez mais. A poesia o tomára á sua conta. O obelisco de Luxor, monumento unico no mundo, que symbolisa o mais remoto passado como o futuro o mais esplendido, tornou-se o thema classico das odes e cantatas. Como

que tinha havido concordata para pedirem todos à uma que fôsse substituído por outro o seu pedestal, que tivesse gravadas a data para sempre immorredoura do 1º de Junho, e menção do memoravel acontecimento. Publicaram-se acerca do assumpto em voga obras notaveis e um chuveiro de ineptias. As folhas e folhêtos ressabiam geralmente ao entusiasmo e admiração publica. Todavia, d'envolta com esses sentimentos lavrava uma opposição tacita a crescer com a reflexão e fomentada ás occultas pelo interesse das potencias que se viam ameaçadas.

A ruina das estradas de ferro era facto consumado. Os milhares empregados n'essas gigantescas emprezas iam desaparecer d'um momento para outro deixando a fortuna dos accionistas mal parada, privando de pão a um mundo de empregados, reduzindo a nada a posição de seus altos funcionarios, atirando a um canto sem mais prestimo um immenso material e arrastan-

dona torrente da catastrophe centenaes de industrias accessorias.

A marinha mercante com todas as suas respectivas industrias ia ter a mesma sorte. Não havia apparelhador ou constructor de navios que se não visse perdido. Todas as empresas de transportes maritimos e terrestres sentiam iguaes temores. Até a marinha de guerra ia ser supprimida d'um momento para outro, ficando seus officiaes e marinheiros com a carreira perdida. Só lhes restava o recurso de atirar-se tambem a navegação aerea que apenas utilisaria um pessoal muito limitado, ou receber do thesouro publico uma pensão dada como esmola, sem mais esperanza de accesso, à vista d'isso impossivel. Não mais se fariam estradas nem pontes :—para os peões bastavam caminhos e pontilhões ; nem mais canaes, excepto para abastecimento d'agua.

Acabando-se a marinha, acabavam-se os portos : portanto acabavam-se os engenheiros, os conductores de pontes e calça-

das, os administradores d'obras e os operarios empregados nos movimentos de terra. O uso do carvão de pedra ficava limitado ás cosinhas, desaparecendo essa importante industria. Até os fabricantes de carros, os carpinteiros emperezarios de omnibus, cocheiros, carroceiros, negociantes e creadores de cavallos estavam todos ameaçados. O commercio do mundo inteiro ia passar por uma enorme transformação. Talvez que no futuro o desenvolvimento immenso que ia ter fosse um beneficio; mas antes que esse chegasse, iam mudar-se todas as relações, deslocar-se os centros commerciaes, todas as alfandegas e impostos urbanos iam ser abolidos de facto, o que iria matando uma infinidade de industrias incapazes de supportar tal exagêro da liberdade de commercio, comprometteria as rendas publicas e supprimiria os meios de vida de muitos empregados; não fallando na revolução industrial que operaria o uso para as maquinas d'uma nova força motriz que arrui-

nava todas as fabricas existentes. Em resumo, o commercio e a industria, no pé em que se achavam constituidos, iam ser radicalmente arruinados no principio, em bem da posteridade, se não fosse em mal.

Não eram só os interesses materiaes que tendiam a colligar-se contra o invento: Os partidos politicos viam-n'o com olhos desconfiados. O primeiro impeto dos liberaes foi para applaudir com jubilo, como portador da liberdade ao mundo, da liberdade obsoluta e sem tropeços. Mas entraram logo após a duvidar si não seria, ao envez d'isso, formidavel instrumento para a tyrannia. O povo não podia levar a vida no ar para livrar-se dos ataques dos despotas, ao passo que estes poderiam organizar exercitos aereos e monopolisar esse modo de locomoção em puro proveito seu, por meio de leis rigorosas e penas severas. A attitude tomada pelo inventor contribuia para prevalecerem sobre a sympathia a antypathia e a desconfiança. Fallára das autoridades com um

respeito de máo agouro. Parecia disposto a revelar o segredo ao governo assim que este houvesse tomado as precauções necessarias para monopolisal-o. Não mostrava quasi desejo de o tornar util á liberdade.

Temores contrarios trariam indecisos aos governistas e os autoritarios. Mas desses havia que não hesitavam em considerar invento uma inspiração de Satanaz, prestes a desenfrear pelo mundo os mais abominaveis crimes e toda a casta de desgraças, contra os quaes seriam poucas todas as penas divinas e humanas.

Bem se vê que fallamos de um certo catholicismo, tal qual era comprehendido nessa remota epocha por alguns. Em rigor podia-se admittir que os governos e a sociedade achariam meios de livrar-se da anarchia material e as desordens externas; mas as sãs doutrinas ficariam atadas de pés e mãos e sem nenhuma protecção contra a anarchia intellectual, por tantos outros motivos temivel. A liberdade de pensamento,

a liberdade de imprensa, a liberdade de propaganda, essas cousas do demonio, tinham um instrumento invencivel. A imprensa não tinha feito a decima parte do mal que ia produzindo a locomoção aerea. Da imprensa tinham podido se defender fosse como fosse emquanto havia fronteiras e possibilidade de policia ; mas agora, como se livrariam do commercio livre de ideias travado pelo espaço com mais facilidade ainda que o commercio das mercadorias ? O Index, a inquisição, a repressão dos abusos da imprensa, os regulamentos da profissão de impressor eram armas enferrujadas, curiosidades de antiquario, inuteis contra a liberdade de pensamento como os escudos dos gregos e romanos contra a metralha. Seria o mesmo que lançar o anathema contra a liberdade de andar. O poder dos factos suplantaria as mais solemnes excommunhões, e a religião estava perdida, salvo si o aeronauta fosse o Antichristo em pesssoa e sua invenção annunciasse o fim do mundo, o que não era para admirar.

Os clericaes estavam tanto mais dispostos a adoptar essas ideias quanto desconfiavam que o inventor anonymo era um descrente, por certas circumstancias observadas com os olhos da prevenção. Escolhera, por exemplo, sem necessidade alguma o domingo para fazer as suas experiencias publicas, dando assim prova de que bem pouco se lhe dava não só de menosprezar por si os deveres religiosos, como de distrahir delles o povo. E aconteceu n'esse anno cahir justamente no dia 1 de Junho a festa de Petencostes, da qual nem ao menos fallou por alto no seu annuncio. Não pediu para a sua barca as benções da igreja, nem reservou lugar para um dos seus magnatas, como obrara com as autoridades, as sciencias e até com a imprensa. Accusavam-n'o do irreverente desplante com que, sem o minimo respeito ao lugar santo, se assentara fumando no párraio de Notre-Dame. Não havia duvida, era um livre pensador, e não se podia hesitar em consideral-o inimigo e seu invento um flagello.

A tudo isto se vinham juntar certos sentimentos menos-nobres, não declarados mas que nem por isso deixavam de concorrer á socapa para avigorar essas differentes causas de receio e antipatia. Incom no lava que o inventor se conservasse com tanta insistencia incognito. Increpavam-no zombar da gloria como uma moça garrida zomba do amôr, e mercadejar demasiado com as suas revelações. Queriam-lhe mal porque lhe não podiam descobrir o segredo apesar das mais aturadas pesquisas em que lidavam com mais ou menos mysterio os sabios, os inventores e os homens practicos da industria. Sentiam-se humilhados pela insurportavel superioridade que conservava esse desconhecido. Tanto poder em um homem, em cujas mãos se via o futuro do mundo, custava como uma usurpação. Na terra não havia pessoa por mais alto collocada cuja importancia não fosse offuscada pela delle. Era o centro, centro unico dos olhares do Universo.

Nada obstante, ninguém se atrevia a affrontar abertamente o sentimento do povo em quem a admiração estava superior a todo o mais : Os espectáculos a que tinha assistido produziram profunda impressão. Começaram usando de insinuação. As consequências prováveis da invenção foram estudadas por todas as faces. Não se lhe podia escurecer a grandesa, mas abarrotaram-na de *mas* e *porém*, de objecções e apprehensões. Veio turvar a admiração do povo um verdadeiro terror. Quando mais se pensava, mais difficil parecia futurar das sendas em que ia entrar o mundo. Seria o caminho da perdição? Não iria recommençar o imperio da violencia com vezes peor do que nos peiores dias da idade media? Não estaria a humanidade prestes a afundar-se em um medonho cahos?

O navegante aereo não se metteu n'essa discussão ; mas o *Universel*, cujos redactores tinham fé profunda, fez foente com galhardia aos adversarios do grande desco-

brimento. Arrancou a mascara aos interesses disfarçados que o assaltavam. Convenceu a maioria dos liberaes mostrando-lhe que d'elle só podia resultar progresso, e que nenhuma potencia do mundo poderia monopolisa-lo, logo que fosse divulgado; forçou os ultra-clericaes a se declararem abertamente adversarios e appresentarem seus argumentos, que tiveram mediocre acceitação; provou que a guerra seria impossivel; que as nações se confundiriam de modo que viriam a formar um só povo; que as riquezas de cada paiz se espalhariam por todo globo. vendo a facilidade de emigrar para os vastos territorios incultos e ferteis acabar com o pauperismo e augmentar o bem geral; a mesmo passo que a propagação da instrucção e o commercio das ideias viria a acabar com a ignorancia e barbaria. Proclamou, sustentou e deffendeu este axioma: que nunca do bem sahe o mal, do progresso a desgraça, nem d'um invento catastrophes. Pelo só

facto, dizia elle, de que Deus, inspira ao homem a ideia d'um grande descobrimento, devemos acceita-lo com tanta fé quanto reconhecimento, certos de que estava escripto no livro do destino da humanidade e de que todo o progresso é para ella uma nova de paz e felicidade.

Teve em resposta de um de seus artigos um escripto dos mais extravagantes. Vinha d'uma folha, cujo redactor principal era o homem mais excentrico da imprensa parisiense, que tratava todos os assumptos pelo lado paradoxal, sustentando com grande divertimento do publico as theses mais absurdas, não obtendo adeptos, é certo, mas tão habil no emprego da capciosidade que era sempre o ultimo a responder e tenha invariavelmente por si os amadores da galhofa.

Foi este o artigo que publicou acerca da locomoção aerea.

PARADOXO

A locomoção aerea não existe.

Não existe porque é *impossivel*.

Não me venham dizer que viram o aeronauta mais a sua barca. Não se trata d'isso.

Tambem eu os vi. Isso é apenas um facto, mas o que é um facto ?

NADA.

O que a logica ?

TUDO.

Ora a logica tem sempre um principio e um fim.

O principio é que o homem, não tendo azas, não foi creado para vôar.

O fim é que a locomoção aerea NÃO EXISTE.

Quantos inestigaram meios de dirigir os balões eram insensatos, ou pelo menos homens que não raciocinavam.

Si tivessem raciocinado, não se teriam estafado á procura d'uma cousa que se póde demonstrar *á priori* impossivel de achar.

E nem é preciso para isso recorrer ás demonstrações da sciencia.

Diz a sciencia, e com ella o mais simples bom senso mechanico, que para dar impulso aos vehiculos aereos, é preciso uma força muitissimo maior dos que as que póde o homem transportar pelo ar.

Mathematicamente fallando, pode-se dizer :

A força motriz deve estar para o vehiculo, balão ou como melhor nome tenha, assim como a força das duas azas está para o passaro, que com uma só não voaria.

A força dynamica do passaro já foi me-

dida : Está na proporção de um cavallo vapor por 5 kilos.

D'ahi se tire o numero de cavallos mechanicos que tem de produzir a machina para mover um vehiculo no ar, vencendo tanto a gravidade com a resistencia do meio, sendo que esta é tanto maior quanto tiver ganho em superficie o vehiculo para perder no pezo.

Temos o pois o *impossivel*.

E esse impossivel cresce com a necessidade de dar ao vehiculo dimensões sufficientes para conter a machina com a respectiva provisão d'agoa e combustivel.

Quando a supprimir o motor e procura-lo na acção do proprio ar onde não se encontra ponto de apoio é categoricamente insensato.

Mas isto são demonstrações da sciencia e do bom senso. Não tenho necessidade d'ellas.

Dir-me-hão que tem applicação nos balões e machinas a vapor e que o navegante

aereo se move sem maquina a vapor nem ballão.

Respondo que está demonstrado *a priori* que a locomoção aerea é impossivel.

O homem é preso á terra por sua conformação. Póde inventar processos de locomoção que não o fação deixar a terra mas não outros.

Se tem navios é porque é conformado de modo que póde nada.

Isso de mover-se no ar não é da sua conformação. Logo não é de seu destino.

E a prova é que se existisse a locomoção aerea as condicções da existencia humana seriam por força differentes do que são.

Ora ellas não pódem mudar.

Logo a locomoção aerea não existe.

Demonstrou-se que desappareceriam as fronteiras. As fronteiras são talvez um mal, mas são uma necessidade. O homem social, como é, precisa agrupar-se. D'ahi as nações. Sem nações não ha humanidade.

Acabava-se com o governo. Ora o homem

precisa ser governado. E' uma triste lei, mas lei essencial e constitutiva da humanidade civilisada.

Acabar-se-hia com a policia. Logo imperio absoluto da violencia: *direito do mais forte*:

O fraco não teria remedio senão fugir. Mas o que seria do trabalho? O trabalho é incompativel com o fugir perpetuo.

E sem trabalho não ha existencia humana, assim como sem policia, existencia social.

Nem o fraco nem o forte trabalharia, porque sempre appareceria um mais forte para os despojar.

O homem se transformaria em ave de rapina.

Logo carencia das condições mais essenciaes da existencia social : O TRABALHO E A PROTECCÃO.

Diga-me o *Universel* como se havia de deffender o homem contra o roubo?

Provavelmente nos vae pintar um corpo de urbanos aereos e na terra casas com gra-

des em todos as janellas, munidas d'artilleria grossa ou então enterradas a cinquenta pés debaixo do sólo.

Estará nos destinos da humanidade esse genero d'architectura?

Ainda assim ha de ser bem difficil à policia voadôra e as fortificações das fazendas o impedir que se furete um boi na Normandia para ir cosinha-lo na America.

Já a policia maritima não é cousa tão facil.

Foi preciso que se passassem seculos para conseguir exterminar a pirataria e o trafico dos negros.

E ainda assim não se conseguio de todo.

A policia no mar é ainda difficil.

A policia ^{no} ~~no~~ ^{mar} ~~mar~~ [?] será nada menos do que impossivel.

Como é que o *Universel* ha de impedir que venha da China ou do Rio da Prata uma noite, um bando de ladrões e imponha à cidade que lhe parecer contribuição que

entender sob pena de ser immediatamente bombardeada.

Que meio apresenta para impedir aos traficantes de escravos que roubem negros na costa d'Africa e brancos nas costas da Provença? A locomoção aerea exigiria a criação de leis Draconianas e organização de forças publicas inimaginaveis e ainda assim insufficientes.

Logo não mais liberdade. Ora a liberdade é tambem uma das condições essenciaes da existencia humana.

Suppõe o *Universel* que com essa dissolvente facilidade de locomoção durariam ainda por muito tempo vestigios do casamento, da familia, do lar e das poucas virtudes domesticas que ainda nos restam?

O homem ficaria reduzido d'entro em pouco a o individuo masculino, assim como a mulher ao feminino, e a especie sem poder persistir mas sobre a terra sem familia, nem propriedade nem outra lei que a força

retrogradaria a passos de gigante para a **BESTEALIDADE.**

Outros enumeraram as consequencias, certas ou provaveis da locomoção aerea.

D'ahi concluíram que ella nos trazia um futuro esplendido na opinião d'alguns, timível na de outros e que na de todos devia transformar o mundo.

As premissas são exactas. A conclusão, porém, não o é.

Este futuro esplendido, se se quizer, ultrapassaria os destinos do homem, a quem não é dado transformar as condições de sua existencia e nem tão pouco arrebatá-lo o fogo dos céos.

Timível na minha opinião, traria o cataclysmo final da humanidade.

Todas as consequencias da locomoção aerea, previstas ou por preverem-se, estão em manifesta contradicção com as condições fundamentaes da civilisação.

Ora, a CREAÇÃO não comporta contradicções.

Admitte o progresso, mas só o tendente a desenvolver o que ella creou.

Não admitte o progresso em contradição com suas leis.

A conclusão que sahe das premissas não é portanto que se devam estudar as consequencias da locomoção aerea.

A conclusão é que ella não EXISTE.

O destino da humanidade tem limites que não é dado ao homem transpor.

Ha um ponto em que as condições da existencia humana dizem ao genio do homem :
NEC PLUS ULTRA.

Dou que esse ponto seja *indeterminado*.

Mas affirmo que a locomoção aerea está *além*.

Conheço esta objecção banal.

« O que diria um Atheniense embora do seculo de Pericles, a quem lhe affirmasse que viria um dia em que os carros andariam sem cavallos com a velocidade de vinte leguas por hora ?

O que responderia um sabio da idade mé-

dia se alguém lhe asseverasse, que um dia se fallaria de um extremo a outro do mundo em alguns minutos ?

Se alguém dissesse a Raphael ou André del Sarto, que um dia se fariam retratos e paysagens sem outro pintor que o sol, acreditariam elles ? »

Aos que assim fallam da locomoção aerea tenho que responder-lhes que não avaliam da *distancia infinita* que vae da importancia d'este descobrimento para a de todos os antecedentes sommados, juntamente com o da polvora, da imprensa da bussola, do vapor, da electricidade e até das montgolficirds.

Creio no progresso, *illimitado que seja*, da sciencia medica.

Mas não creio que cheguem nunca tornar o homem immortal.

Creio no progresso *illimitado* das sciencias industriaes.

Mas não creio que cheguem nunca a fazer de um homem um *passaro*.

Os antigos o tinham comprehendido por

instincto, e poeticamente exprimido na fábula de Icaro.

Eu de mim predigo que ninguem mais ouvirá fallar do navegante aereo, porque não esta mais do que SONHANDO, e com elle o todo mundo.

Se tiver a audacia de reaparecer será arrebatado pelo espaço com o seu segredo, que ninguem ha de encontrar porque não *pôde existir* e por consequencia não *existe*.

O FACTO É NADA.

A LOGICA É TUDO.

VII

Com
do de am
ralon. e
Na subst
um fac
podia p
quella p
mura e
se tto de
dementia
talmate

VIAGEM AO REDOR DO MUNDO

Como se vê, era este artigo um amontoado de absurdos, cousas sensatas, logica, paradoxos, erros, verdades e contradicções. Na substancia e sem a ridicula negação de um facto que todo o mundo presenciára, podia passar, como todos os que sahiam da quella penosa e até dar o que reflectir á muita gente, e talvez alguém não lhe achasse tão desarrasoadá a these. Mas o facto o desmentia tão brilhantemente que era totalmente absurdo ; e nem o *Universel* deu-

se ao trabalho de responder. O governo não se pronunciára nessa discussão, deixando desenvolver-se livremente, convencido de que quanto mais livre fosse, mais lhe aproveitaria.

Na realidade estava perplexo.

Tinha por chefe um homem, que não se deslumbrava com a sua posição, porque a não ambicionára, sendo-lhe antes peso que de bôa vontade deixaria para voltar á vida particular, que amava.

Mas ainda que liberal de coração considerava a posição de ministro a seu modo; tinha-a por um deposito em que lhe não era permittido tecer ainda em proveito de idéas com que sympathisasse. Como simples cidadão, achava que podia reclamar com mais ou menos insistencia taes ou taes concessões. Como chefe do estado, suas idéas eram as mesmas e nada via de seductor no exercicio da autoridade. Mas de consciencia julgava que a responsabilidade mandava-lhe não ceder um passo. Imagine-se Washing-

ton depositario do poder do Grão-Turco que jurasse transmittir intacto aos seus successores: tal era elle. Liberal de coração e idéas, tratava a liberdade quasi como se fosse inimiga.

Ora, elle não tinha ainda certeza se a nova invenção teria utilidade para o governo.

Era evidente que, si se vulgarisasse antes de se terem tomado algumas precauções, o governo não se ria só amesquinhado, senão supprimido.

Impedir o invento de apparecer, nem era cousa em que se pensasse. Primeiro, não tinham seguro o inventor; tivessem-no embóra, que o não assassinariam para matar com elle o seu segredo. Por sua parte elle devia ter-se prevenido para o não levar com sigo ao tumulo, se porventura a morte viesse inesperada.

Só havia um caminho a seguir: comprar o segredo e monopolisa-lo.

Mas não era cousa facil de executar.

Dado que se viesse com o inventor nas condições da cessão, era myster que entrassem algumas pessoas no conhecimento do segredo. Pelo menos seria preciso ensinar o processo ao individuo que fosse nomeado commandante de cada barca. Embora se escolhessem os homens mais honrados e delles se exigisse o juramento mais solemnes, tamanho numero de confidentes faria divulgar-se em pouco tempo o segredo.

Não seria provavel que um outro inventor achasse por seu turno o que tinha achado este ?

Parecia inevitavel a vulgarisação, salvo abafando o descobrimento, o que era impossivel. Mas ella traria a ruina de qualquer organização social e suppressão de toda e qualquer governo.

Haveria o recurso de decretar uma serie de leis capazes de impedir as terriveis consequencias que todo mundo tinha apontado ? Não era facil. As leis seriam difficeis de ap-

plicar-se a homens que possuíam um semelhante meio de fuga.

E como livrar-se das invasões dos estrangeiros, podendo elles chegar inopinadamente dos paizes mais longinquos para conquistar a França ou pelo menos assolal-a e desaparecer? Ver-se-hião obrigados a crear innumeraveis exercitos aereos para defender-se, ou fazer aos paizes estrangeiros o mesmo mal, que delle se recebia.

Tudo eram impossibilidades. Acabaram por onde deveram talvez começar. Resolveram-se entrar em ajuste com o navegante aereo e indagar das medidas, que provavelmente tinha que propôr para que se não tornasse o seu descobrimento uma calamidade, senão um bem para o mundo e a França em particular.

Só os detinha uma questão de etiqueta e dignidade do governo. Repugnava-lhes dar o primeiro passo e muito mais corresponderem-se com um desconhecido. Escreveram-lhe por via do escriptorio do *Universel*, que

logo que se quizesse dar a conhecer ao governo, o qual aliás lhe promettia segredo, estavam promptos para receber as communições que desejasse fazer.

Respondeu immediatamente por uma carta respeitosa até o excesso na formá, mas, na substancia e apesar de toda arte epistolar, altiva e quasi impertinente. Dizia que não era ainda chegada a occasião de se dar a conhecer; mas, pois que o governo parecia desejal-o, estava prompto, conservando-se incognito, a entrar em relações com elle; que podia corresponder-se, ou por via do *Universel* ou por methodo analogo, pela chaminé do edificio que o governo houvesse por bem determinar; que achava que as autoridades tinham grande interesse em assentar e propôr-lhe as medidas que julgassem convenientes, que por sua parte promettia examinar detidamente, pois tinha o maior desejo de aproveitar ao bem publico o poder incalculavel que tinha nas mãos, e

provar ao governo a consideração e respeito que lhe tinha.

Os papeis estavam invertidos: o desconhecido tomava a posição de protector, dando ao governo a de protegido. Não havia duvidar de que pretendia tratar como de senhor a senhor, e de superior a inferior. Felizmente a forma respeitosa, que dera á sua carta, permittia que sem sacrificar apparente de dignidade, se sujeitassem aos seus dictames parecendo o contrario. Resignaram-se ás circumstancias, domando todos os impetos do amor proprio. Escreveram-lhe que haviam por bem dar-lhe a escolha do modo de corresponderem-se que tinha sollicitado, e estavam promptos para examinar o pedido de indemnisação que formulasse para a communicação dos seus processos.

X. Nagaer apressou-se a responder que a questão de indemnisação não era das mais urgentes, pedindo que deixassem para mais tarde o exame della, e limitando-se a dar

a esse respeito algumas indicações, a que poderiam tornar quando fosse opportuno ; que o seu invento, si quizesse desfructal-o, podia proporcionar-lhe lucros quasi illimitados ; que podia entreter um immenso e lucrativo commercio com as regiões exploradas da Africa, o Oriente, as regiões auríferas e outras terras longinquas ; que podia tornar-se contrabandista e transportar viajantes e mercadorias; que os 65 milhões, depositados em poucos dias pelos pretendentes de logares na sua barca por ocasião da viagem pela França, eram prova bastante do que podiam render viagens semelhantes ou aos paizes estrangeiros; que podia aproveitando por outra face o seu descobrimento, alugar a industria forças motrizes, estando em suas mãos ganhar milhões ás centenas ; que já tinha recebido, por intermedio da caixa do *Universei*, offerecimentos consideraveis ; que um forte capitalista lhe pedira que marcasse uma somma, chegando até a declarar-lhe que não

promettia aceital-a fosse qual fosse, mas que a não despresaria, antes debateria, embora excedesse a 100 ou 150 milhões, que, se quizesse por si disfructal-o, seu invento representaria 800 ou 900 milhões, e talvez milhares, sendo certo que a Inglaterra, ou os Estados-Unidos, o comprariam, quando quizesse, por 500 ou 600 milhões; que não tinha nenhuma pressa de tirar lucros, que tinha seguros logo que os quizesse liquidar; que o seu primeiro desejo era ennobrecer a França com o seu descobrimento, e se daria por tão gloriosa quão amplamente indemnizado com uma recompensa de sua patria reduzida às m destas proporções de 150 ou 200 milhões, si lh'a quizessem conceder: não era pois isso o que o preocupava, o que se tratava de discutir em primeiro logar eram as medidas para por em pratica o seu descobrimento; e pedia ao governo que lhe manifestasse o resultado de seus estudos a tal respeito.

As quantias escriptas n'essa carta cau-

saram surpresa á primeira vista ; mas a reflexão veio mostrar dentro em pouco que o navegante aereo não errava qualificando-as de modestas. Quanto ao mais, não podia o governo enunciar idéas, que não tinha, com respeito á solução d'esse problema insolúvel. Era-lhe duro confessal-o, e insistir com o inventor para obter inspirações que talvez não tivesse e de que em summa não tomara a iniciativa, como se esperava. Escreveu-se que a questão estava sendo estudada e lhe seria communicado o que se deliberasse. Decidiram-se realmente a debatel-a com esperança de descobrir afinal algum processo praticavel.

X. Nagaer respondeu que, como estivessem as cousas n'esse pé, ia partir para a sua grande viagem, que não duraria muito, e de volta reataria as relações. Indicava um elemento util para o estudo : que era possivel instruir os capitães na manobra da barca aerea, sem lhes revelar o segredo do processo de locomoção ; que era isso o que

havia de praticar si o governo lhe não propuzesse medidas convenientes para dar realidade a seu descobrimento, e elle se resolvesse a usufruil-o.

Estava-se em fins de Maio. A partida para a viagem ao redor do mundo estava marcada para o 1º de Junho, anniversario da apresentação do inventor. Prevenidos com bastante antecedencia, apresentaram-se de todos os pontos do universo viajantes. Construiu-se uma barca semelhante á primeira, com armazens, salões, camarotes, commodos de toda a especie, e capacidade para quinhentos passageiros perfeitamente accomodados. Em materia de provisões, armas, instrumentos para as observações scientificas e precauções contra as intemperies, nada faltava. Devia a barca percorrer todas as capitaes da Europa, atravessar o oceano, penetrar em regiões inexploradas, mostrar-se ás tribus selvagens que sem duvida ficariam mais estupefactas ao vê-la do que o fi-

caram os indios quando lá aportaram os primeiros navios europeus.

Preparou-se um festejo publico para o dia da partida. O pateo de honra do palacio dos Invalidos foi posto á disposição do navegante aereo para o embarque. Ao meio dia subiu a barca empavesada, entre o estugir da musica, as acclamações dos passageiros respondidas pelo povo, e as salvas da sua artilheria a responder aos canhões dos Invalidos. Atravessou a Esplanada, subiu o curso do Sena até á ponte de Austerlitz á igual distancia dos dous caes e foi subindo á proporção que tomava para o Oriente, sendo por muito tempo ainda avistado como um ponto negro, até que desapareceu.

...Entre as cartas que o correio põe a um canto por não ter achado os destinatarios, encontrou-se um dia uma com endereço ao redactor principal do *Universel*, folha que não existia. Essa carta, cuja assignatura callamos por discripção, continha o seguinte :

« Só o senhor redactor é capaz de destruir a trama horrivel de que sou victima. A prova de que não estou doudo é que comprehendo perfeitamente que as companhias de estradas de ferro querem me fazer passar por tal. Vejo-me aqui cercado de infelizes que perderia a razão, cujo estado conheço muito bem e causa-me dó.

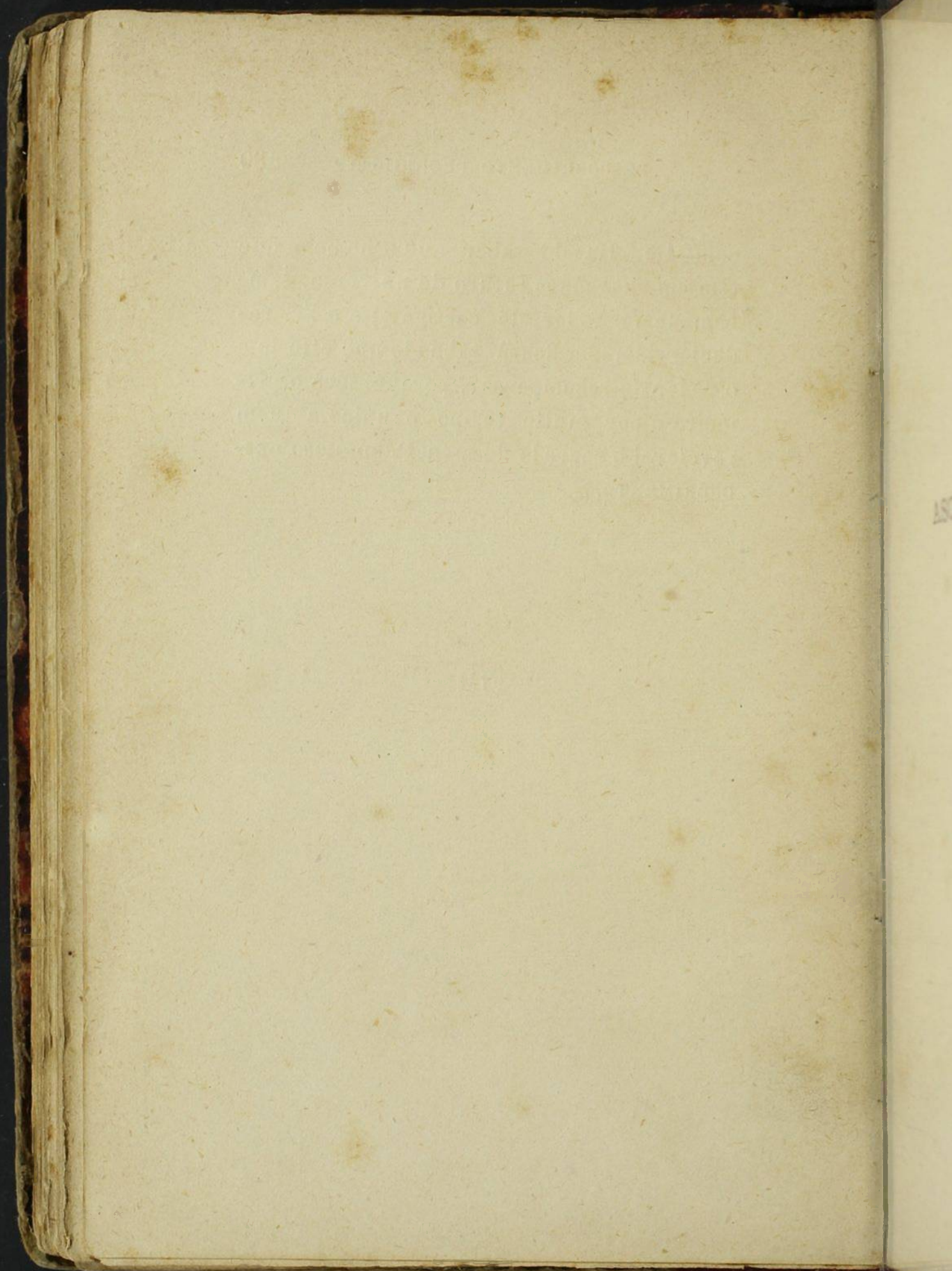
« Venha ver-me, porem evite o mais possivel encontrar-se com algum empregado das estradas de ferro. Obrigaram-se todos por juramentos terriveis, a não recuar diante de cousa alguma para abafar o meu invento. Para mandar esta carta ao correio foi-me preciso dar muito dinheiro a um homem. Dei-lhe as instrucções necessarias para que não a deixem interceptarem os inimigos conjurados contra mim, e descrevi-lhe os signaes por que deve reconhecer os empregados das estradas de ferro, monstros horriveis que se disfarçam de todas as maneiras para me espiar. Descubri que um medico que me veiu visitar durante alguns

dias sob o pretexto de que o medico do estabelecimento estava doente, era um guarda-chave.

« Só posso attribuir a algum narcotico propinado por mãos perfidas o somno irresistivel que me tomou quando estavamos á vista de Vienna. Deve ter sido bem profundo esse somno, pois que me transportaram para a cama, onde ao acordar fiquei espantado de me achar. As companhias de estradas de ferro envolveram de certo os que me cercavam na sua conjuração, e estes se valeram da minha insistencia em perguntar pela minha barca para me trazerem para aqui a pretexto de a encontrar. Dentro em pouco, porem, tiraram a mascara, atrevido-se a affirmar que os negopos, a barca aerea a sua folha e os prodigios que o mundo contemplou nunca existiram senão na minha imaginação. Mas com o seu auxilio hei de desarmar esta trama ; e, pois que o governo commetteu a abaixeza de entrar nella, não guardarei mais nenhuma attenção para

com elle. Ha de saber que o homem que tem em suas mãos futuro do universo, tambem tem o poder de castigar ; e o Sr. rēdactor tambem ficará sabendo que elle tem o poder de recompensar, porque, será o primeiro e por muito tempo o unico a quem revelarei o segredo do meu PRODIGIOSO DESCOBRIMENTO.

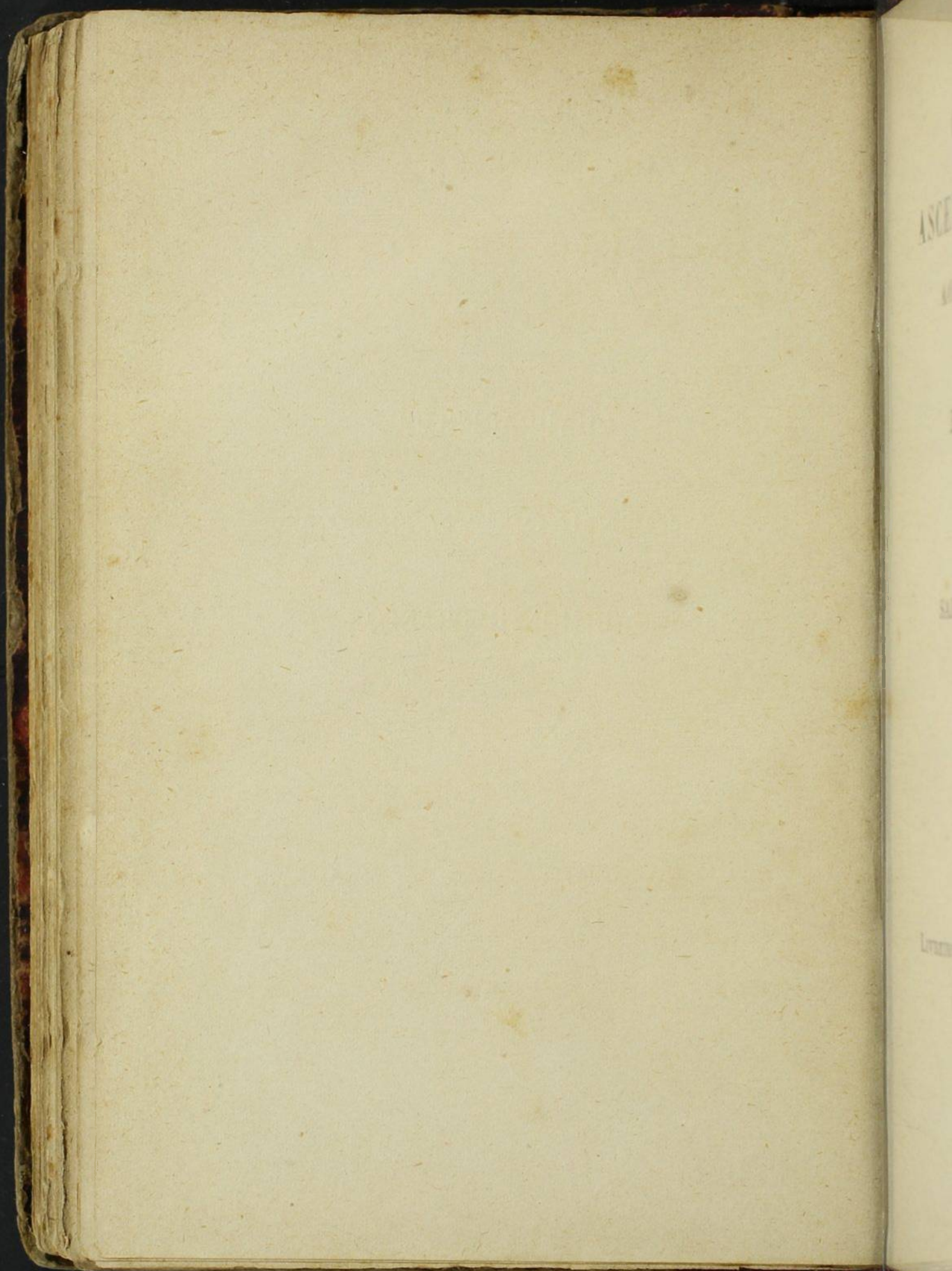
FIM



QUADRAGESIMA

ASCENÇÃO FRANCEZA

AO MONTE BRANCO



QUADRAGESIMA
ASCENÇÃO FRANCEZA

AO MONTE BRANCO

POR

PAULO VERNE

TRADUÇÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65—RUA DO OUVIDOR—65

(13)

ASCE

A 18 de
Chamun
cortase
Braco
fira
deixis
Dato
rean
tempo
abi de
fia. O
«phi a
chimb»

QUADRAGESIMA

ASCENÇÃO FRANCEZA

AO MONTE BRANCO

A 18 de Agosto de 1871, chegava eu a Chamunix com intenção inabalavel de fazer, custasse o que custasse, a ascensão do Monte Branco. Minha primeira tentativa em 1869 fôra sem resultado. O máo tempo não me deixára chegar sinão aos Grands Mulets. Desta vez, as circumstancias se me affiguravam muito mais favoraveis, porque o tempo, que parecia querer melhorar na manhã de 18, mudou bruscamente ao meio dia. O monte Branco, na phrase do logar, « pôz a carapuça e começou a fumar o cachimbo » ; o que, em termos menos tropo-

logicos, quer dizer a neve, impellida por violento sudoeste, formava-lhe no cimo um comprido pennacho dirigido para os precipicios insondaveis da geleira da Breuva. Esse pennacho indicava aos turistas imprudentes o caminho que teriam levado, bem apesar seu, si tivessem ousado affrontar a montanha.

A noite seguinte foi pessima; a chuva e o vento luctaram à porfia, e o barometro, abaixo de variavel, conservou-se d'uma immobibilidade desesperadora.

Ao amanhecer, entretanto, alguns trovões annunciaram modificação no estado atmospherico. Para logo desnublou-se o céu, a cadeia do Brevent e das Agulhas Vermelhas descobriu-se. O vento, voltando-se para nordeste, fez apparecerem acima do desfiladeiro de Balme, que fecha o valle de Chamunix ao norte, algumas leves nuvens isoladas e em frócos, que saudei como mensageiras do bom tempo.

Apezar destes felizes presagios e posto

que o barometro houvesse subido um pouco, o sr. Balmat, guia-mór de Chamunix, declarou-me que não devia ainda pensar em tentar a ascensão.

— Si o barometro continuar a subir, accrescentou, e si o tempo se mantiver, prometto-lhe guias para depois d'amanhã, para amanhã mesmo talvez. Emquanto isso, para ter paciencia e para desferrujar as pernas, aconselho-lhe que faça a ascensão do Brevent. As nuvens vão dissipar-se, e o sr. poderá observar exactamente o caminho que tem de seguir para chegar ao cimo do Monte Branco. Si, apesar disso, tiver bom presentimento, tente lá a aventura !

Esta tirada, recitada com certa emphase, não era muito tranquillizadora e dava que reflectir. Aceitei entretanto a proposta, e elle designou para acompanhar-me o guia Ravanel (Eduardo), rapaz muito frio e muito dedicado, perfeitamente conhecedor da sua profissão.

Eu tinha por companheiro de viagem o

meu compatriota e amigo o sr. Donatien Levesque, tourista apaixonado e caminhante intrepido, que fizera no começo do anno anterior uma viagem instructiva e muitas vezes penosa á America do Norte. Visitára-a já pela maior parte e dispunha-se a descer para a Nova Orléans pelo Mississipi, quando a guerra veio atalhar-lhe os projectos e chamá-lo outra vez á França. Tinha-mo-nos encontrado em Aix-les-Bains, e combináramos que, logo que acabasse o nosso tratamento, fariamos junctos uma excursão á Saboia e á Suissa.

Donatieu Levesque estava informado das minhas intenções, e como a saude não lh'o permittia, segundo suppunha, tentar tão longa viagem sobre os gelos, ficára convencido que esperaria em Chamunix a minha volta do Monte Branco, e faria, durante a minha ausencia, a visita tradicional ao mar de gelo pelo Montauvers.

Sabendo que eu ia ao Brevent, o meu amigo não hesitou em acompanhar-me. De

resto, ascensão do Brevent é um dos passeios mais interessantes que se podem dar em Chamunix. Essa montanha, da altura de 2,525 metros, não é mais do que um prolongamento da cadeia das Agulhas Vermelhas, que corre do sudoeste para o nordeste, parallelamente à do Monte Branco, e fórma com ella o apertado valle de Chamunix. Do Brevent, por causa de sua posição central exactamente defronte da geleira dos Bossons, pôde-se seguir, durante quasi todo o seu trajecto, as caravanas que empreendem a ascensão do gigante dos Alpes. Porisso é muito frequentado.

Partimos ás sete horas da manhã. Em caminho, ia-me eu lembrando das palavras ambiguas do guia-mór; inquietavam-me um tanto. Porisso, dirigindo-me a Ravel, perguntei-lhe:

— Já fez a ascensão do Monte Branco?

— Sim, senhor, respondeu-me, uma vez, e é bastante. Não cuide absolutamente de lá voltar.

— Com os diabos ! disse eu, e eu que tenho tenções de tentá-la !

— O sr. pôde o fazer, mas eu é que não o acompanho. A montanha não está bôa este anno. Ja se têm feito muitas tentativas, só duas foram bem succedidas. Na segunda; tentaram-na duas vezes. Demais, o accidente do anno passado esfriou um pouco os amadores.

— Um accidente ! Qual foi ?

— Ah ! o sr. não sabe ? Eu lhe conto. Uma caravana, composta de dez guias e portadores e de dous inglezes, partiu em meados de Setembro para o Monte Branco. Viram-na chegar ao cimo, depois, alguns minutos depois, desappareceu n'uma nuvem. Quando dissipou-se a nuvem, não se avistou mais ninguem. Os dous viajantes com sete guias e portadores haviam sido arrebatados pelo vento e precipitados para o lado de Cormayeur, sem duvida na geleira da Breuva. Apezar das mais activas pesquisas, não se lhes puderam encontrar os

corpos. Os outros tres foram achados a 150 metros abaixo do cimo, nos Petits-Mulets. Tinham passado ao estado de pedaços de gelo.

— Mas então esses viajantes deviam ter commettido alguma imprudencia? disse eu a Ravanel. Qué loucura partir tão tarde para semelhante expedição! No mez de Agosto é que a deviam ter feito!

Por mais que me debatesse, essa lugubre historia turbilhonava-me no espirito. Felizmente o tempo desannuviou-se logo e os raios d'um bello sol vieram dissipar as nuvens que ainda velavam o Monte Branco, e, ao mesmo tempo, as que me obscureciam o espirito.

A nossa ascenção realisou-se satisfactoriamente. Sahindo dos chalets de Planpraz, situados a 2 062 metros, sóbe-se por destroços de pedras e pôças de neve até á base de um rochedo chamado a Chaminé, que se escala a pés e mãos. Vinte minutos depois, está-se no cimo do Brevent, d'onde a vista é

admiravel. A cadêa do Monte Branco apparece então em toda a sua magestade. O monte gigantesco, solidamente firmado nas poderosas bases, como que desafia as tempestades que lhe resvalam pelo escudo de gelo sem tocar-lhe, ao passo que essa multidão de agulhas, de picos, de montanhas, que lhe são cortejo e levantam-se á porfia em torno d'elle, sem o poderem igualar, mostram evidentes signaes de lenta decomposição.

Do belvedero admiravel que occupamos, começa-se a averiguar, si bem que muito imperfeitamente ainda, as distancias a percorrer para chegar ao cimo. O cimo, que, de Chamunix, parece tão proximo do zimborio do Gôuter, toma o seu verdadeiro lugar. Os diversos planos que formam outros tantos degrãos que se tem de galgar, e que não se pôde avistar de baixo, descobrem-se á vista e removem ainda, pelas leis da perspectiva, o tão desejado cimo. A geleira dos Bossons, em todo seu esplendor, eriça-se de agulhas

e de monticulos de gelo que tem ás vezes dez metros de altura, e que parece que batem, como vagas de mar encapellado, as parêdes dos rochedos dos Grands-Mulets, cuja base desaparece no meio delles.

Esse maravilhoso espectaculo não era proprio para desanimar-me, e mais que nunca fiz comigo a promessa de explorar esse mundo ainda para mim desconhecido.

O meu companheiro de viagem deixava-se igualmente dominar pelo enthusiasmo, e, desse momento em diante, entrei a crêr que não iria sósinho ao Monte Branco.

Tornamos a descer a Chamunix; o tempo melhorava cada vez mais; o barometro continuava lentamente o seu movimento de ascensão; tudo se preparava do melhor modo.

No dia seguinte, logo ao alvorecer, corri á casa do guia-mór. O céu estava sem nuvens; o vento quasi insensivel, fixára-se ao nordeste. A cadeia do Monte Branco, eujos cimos principaes douravam-se aos raios

do sol nascente, dir-se-hia convidar os numerosos turistas a visital-o. Não se podia, sem descortezia, recusar tão amavel convite. O sr. Balmat, depois de ter consultado o barometro, declarou realisavel a asenção e prometeu-me os dous guias e o portador prescriptos pelo regulamento. Deixei-lhe livre a escolha. Mas um incidente com que eu não contava veio causar-me alguma perturbação aos preparativos da partida.

Ao sahir do escriptorio do guia-mór, encontrei-me com Eduardo Ravanel, o meu guia da vespera.

— O senhor vae ao Monte Branco ? perguntou-me.

— Vou, sem duvida, respondi-lhe. Não lhe parece bem escolhida a occasião ?

Esteve a reflectir alguns minutos, e com modo um tanto constrangido, disse-me :

— O senhor é meu viajante ; acompanhei-o hontem ao Brevent, não posso abandonar-o, e já que vae lá acima, irei com o senhor, si quizer aceitar os meus serviços. E' seu direito, porque para todas as viagens

perigosas o viajante pôde escolher os seus guias. O que ha é que, si aceitar o meu offerecimento, peço-lhe que junte a mim meu irmão Ambrosio Ravanel e meu primo Gaspar Simon. São dous rapazes novos e vigorosos ; gostam tão pouco como eu de semelhante viagem, mas não se mostrarão aborrecidos no serviço, e respondo-lhe por elles como por mim.

O rapaz inspirava-me toda a confiança. Aceitei, e fui, sem perda de tempo, prevenir ao guia-mór da escolha que eu fizera.

Mas, durante estas conversas, o sr. Balmat dêra os seus passos junto dos guias, segundo o papel que cada qual tinha a desempenhar. Um só aceitára, Eduardo Simon. Esperava-se a resposta de um outro, chamado João Carrier. Esta não podia ser duvidosa, pois esse homem já fizera vinte e nove vezes a ascensão do Monte Branco. Achei-me, pois, em grande embarço. Os guias que eu escolhêra eram todos de Argentière, communa situada a seis kilome-

tros de Chamunix. Por isso os de Chamunix accusavam a Ravanel de me haver influenciado em favor de sua familia, o que era contra o regulamento.

Para atalhar a discussão, tomei para terceiro guia á Eduardo Simon, que já tinha feito os seus preparativos.

Não me era util si eu subisse sósinho, mas tornava-se indispensavel si o meu amigo me acompanhasse.

Isto posto, fui prevenir a Donatien Levesque. Achei-o dormindo com o somno do justo que percorreu na vespera quinze kilometros na montanha. Acordal-o não foi cousa das mais faceis; mas tirando-lhe primeiro as cobertas, depois os travesseiros e finalmente os colchões, obtive algum resultado, e consegui fazêl-o comprehender que eu me estava preparando para a grande viagem.

— Está bem ! disse bocejando, acompanhoo até aos Grands-Mulets, e lá fico esperando a sua volta.

— Bravo! respondi-lhe, tenho exactamente um guia de mais, que ficará addicto à sua pessoa.

Compramos os objectos indispensaveis para se andar sobre o gelo. Bastões ferrados, grevas de panno grosso, oculos verdes que se adaptam hermeticamente aos olhos, luvas forradas, véos verdes *passé-montagnes*, nada foi esquecido. Cada um de nós tinha excellentes sapatos de *solla triplice*, que os nossos guias mandaram ferrar para o gelo. Este ultimo pormenor é de consideravel importancia, porque momentos ha em semelhante expedição em que qualquer escorregadura seria mortal, não só para quem escorregasse, como para toda a caravana.

Com os nossos preparativos e com os de nossos guias gastamos cerca de duas horas. A's oito horas, trouxeram-nos as bestas, e partimos finalmente para o chalet da Pedra Ponteaguda, situado a 2,000 metros acima da altura, isto é, 1,000 metros acima do

valle de Chamunix, e 2,800 metros mais baixo que o cimo do Monte Branco.

Chegando á Pedra Ponteaguda, ás dez horas, achamos ahi um viajante hespanhol, o sr. N..., acompanhado de dous guias e um portador. O seu guia principal, chamado Paccard, parente do dr. Paccard, o qual fez, com Jacques Balmat, a primeira ascensão do Monte Branco, subira já dezoito vezes ao cimo. O sr. N... dispunha-se tambem a fazer a ascensão. Viajára muito na America e atravessára as cordilheiras dos Andes para o lado de Quito, passando no meio de neves pelos mais alcantilados desfiladeiros; acreditava, pois, que poderia, sem muita difficuldade, levar ao cabo a nova empreza; mas neste ponto estava enganado. Não contára com a verticalidade das ladeiras que tinha de subir, nem com a rarefacção do ar.

Apresso-me em accrescentar, em honra sua, que se conseguiu chegar ao cimo do Monte Branco, foi isso devido a uma ener-

gia muito rara, porque desde muito o haviam abandonado as forças physicas.

Almoçamos na Pedra Ponteaguda tão lautamente quanto era possível. E' uma medida de prudencia, porque geralmente perde-se o appetite logo que se entra nas regiões geladas.

O sr. N... partio com os seus guias, ás onze horas, para os Grands-Mulets. Nós só nos puzemos a caminho ao meio dia. Na Pedra Ponteaguda acaba o caminho para cavalleiros. E' preciso então subir em zigzags uma senda muito escarpada que margina a geleira de Bossons e perlustra a base da Agulha do Sul. Depois de uma hora de trabalho penosissimo, com intenso calor, chegamos a um ponto chamado a Pedra da Escada, situado a 2,700 metros. Ahi, guias e viajantes ligam-se por uma forte corda, deixando entre si um espaço de trez a quatro metros. Trata-se, com effeito, de entrar na geleira dos Bossons. Esta geleira, de difficil accesso, apresenta por todos os lados

fendas hiantes e sem fundo calculavel. As paredes verticaes dessas fendas têm uma côr esverdinhada e incerta, mui seductora à vista ; quando, approximando-se com precaução, chega-se a penetrar com o olhar as suas profundezas mysteriosas, sente-se a gente violentamente attrahida para ellas, e nada se affigura mais natural do que lá ir dar um passeio.

Adianta-se a gente lentamente, ora contornando as fendas, ora atravessando-as com uma escada, ou ainda em pontes de neve de solidez problematica. E' então que a corda desempenha o seu papel. Estendem-n'a durante a perigosa passagem ; si a ponte de neve vem a abater, o guia ou viajante fica suspenso ácima do abysmo. Retiram-n'o e fica-lhe tudo em algumas contusões. A's vezes, quando a fenda é muito larga, mas pouco profunda, desce-se ao fundo para subir pelo outro lado. Nesse caso, é necessario cortar degrãos no gelo, e os dous guias da frente, armados com uma como macha-

dinha curva, entregam-se a esse trabalho difficil e perigoso.

Uma circumstancia particular torna perigosa a entrada dos Bossons. Toma-se a geleira ao pé da Agulha do Sul e defronte de um vallo por onde passam muitas vezes avalanches de pedras. Esse vallo tem cerca de 200 metros de largura. E' preciso atravessal-o rapidamente, e, durante o trajecto, um dos guias posta-se de sentinella para prevenir do perigo que haja.

Em 1869, foi morto um guia nesse logar; seu corpo, atirado no vacuo pela quéda de uma pedra, foi quebrar-se de encontro aos rochedos, trezentos metros abaixo.

Estavamos prevenidos; por isso apressamos a marcha tanto quanto no-lo permittio a nossa inexperiencia; mas ao sairmos dessa zona perigosa, espera-nos outra que o não é menos. Trata-se da região desses immensos monticulos de gelo ponteagudos, cuja formação não está ainda bem explicada. Estes monticulos estão geralmente dis-

postos à beira de um plano e ameaçam todo o vallo que lhes fica abaixo. Um simples movimento da geleira ou até uma leve vibração da atmosphera póde determinar-lhes a quéda e occasionar os mais graves accidentes.

— Senhores, aqui, silencio, e passemos depressa.

Estas palavras, pronunciadas com voz brutal por um dos guias, fazem cessar a conversa. Passamos depressa e em silencio. Finalmente, de emoção em emoção, chegamos ao que se chama *Juncção*, que se poderia mais razoavelmente chamar a *Separação* violenta, pela montanha da Costa, das geleiras dos Bossons e de Tacconay. Nesse logar, a scena toma um character indescriptivel: fendas de côres scintillantes, agulhas de gelo de fórmãs esbeltas, monticulos esguios e varados de lado a lado, lagosinhos esverdinados, formam um chaos além de tudo quanto se póde imaginar. Junte-se a isto o mugir das torrentes no fun-

do da geleira, os fragores sinistros e repetidos dos fragmentos que se desprendem e precipitam-se como avalanche no fundo das fendas, os estremecimentos do solo que se nos racha aos pés, e ter-se-ha então uma idéa dessas regiões sombrias e desoladas cuja vida só se revela pela destruição e pela morte.

Depois de passada a Juncção, segue-se durante algum tempo a geleira de Taccornay, e chega-se á ladeira que leva aos Grands-Mulets. Esta ladeira, muito íngreme, sóbe-se em zigszags ; o guia da frente tem o cuidado de os traçar em angulo de cerca de trinta grãos quando ha neve recente, para evitar as avalanches.

Finalmente, depois de trez horas de trajecto sobre a neve, chegamos aos Grands-Mulets, rochedos com 200 metros de altura, que dominam por um lado a geleira dos Bossons, e pelo outro os planos inclinados de neve que se estendem até a base do zimborio do Goûter.

Uma cabanasinha, construída pelos guias no cimo do primeiro rochedo, e situada a 3,050 metros de altura, dá asylo aos viajantes e deixa-os esperar abrigados a hora da partida para o cimo do Monte Branco.

Janta-se ahi como se póde, e dorme-se da mesma fórma ; mas o proverbio : « Quem dorme janta, » não tem significação alguma nessa altura, porque ahi não se póde fazer sériamente nem uma nem outra cousa.

— Então, perguntei a Levesque, depois de um simulacro de refeição, exagerei-lhe o esplendor da paisagem, e está arrependido de ter vindo até aqui ?

— Estou tão pouco arrependido, disse-me, que estou muito resolvido a ir até ao cimo. Póde contar comigo.

— Muito bem, mas sabe que o mais difficil está por fazer.

— Ora adeos ! sempre lá se ha de chegar. Emquanto se espera, vamos sempre vêr o pôr do sol, que deve ser magnifico.

Com effeito, o céu conservára-se admiravelmente puro.

A cadêa de Brevent e das Agulhas Vermelhas estendia-se-nos aos pés. Além, os rochedos dos Fiz e a agulha de Varan elevam-se ácima do valle de Sallauche e removem para o terceiro plano toda a cadêa dos montes Fleury e do Reposoin. Mais á direita, o Buet com o seu cimo coberto de neve, além o Dente do Sul, dominando com as suas cinco astilhas o valle do Rhodano. Por traz de nós, as neves eternas, o zimborio de Goûter, os montes Maldictos e affinal o Monte Branco.

Pouco e pouco a sombra invadira o valle Chamunix e alcançara successivamente os cimos que o dominam a oeste. A cadêa do Monte Branco é a unica que fica luminosa e parece rodeada de um nimbo de ouro. Para logo a sombra attinge o zimborio do Goûter e os montes Maldictos. Respeita ainda o gigante dos Alpes. Acompanhamos com admiração esse desapparecimento lento

e progressivo da luz. Este mantém-se algum tempo no ultimo cimo, dando-nos a louca esperança de que não o abandonará. Mas ao cabo de alguns minutos, tudo se torna sombrio, e áquellas côres tão vivas succedem as côres lividas e cadavericas da morte. Não estou exagerando : quem ama as montanhas me comprehenderá.

Depois de havermos assistido a essa grandiosa scena, não tínhamos mais do que esperar a hora da partida. Deviamo-nos pôr a caminho às duas horas da madrugada. Cada qual se estende no seu colchão.

Não se póde pensar em dormir, nem em conversar tão pouco. Está-se absorvido por idéas mais ou menos sombrias ; é a noite que precede a batalha, com a differença que nada nos obriga a travar a luta. Duas correntes de idéas disputam-nos a posse do espirito. E' o fluxo e refluxo do mar ; cada qual vence por sua vez. Não faltam as objecções a semelhante empreza. Para que correr tanto risco ? Si se fôr bem succedido,

que proveito ? Si succeder um accidente, que arrependimento ? Então entra em scena a imaginação ; todas as catastrophes da montanha se nos apresentam ao espirito. Sonhamos pontes de neve que nos abatem aos pés, sentimo-nos precipitados nessas fendas escancaradas, ouvimos os fragores terríveis da avalanche que se desprende e vae sepultar-nos, desaparecemos, invade-nos o frio da morte, e debatemo-nos n'um esforço supremo !...

Um ruido estridente, o que quer que seja horrível, produz-se nesse momento.

— A avalanche ! avalanche ! grita-se.

— O que foi ? o que está fazendo ? exclama Levesque, acordando sobresaltado.

Ai ! foi um movel que, no supremo esforço de meu pesadello derribei estrondosamente ! Esta prosaica avalanche revoca-me à realidade. Rio-me dos seus terrores, a corrente contraria supéra a outra, e vem com ella as idéas ambiciosas. Está só em mim, com um pouco de esforço, pisar esse cimo

tão raras vezes attingido ! E' uma victoria como outra qualquer ! Os accidentes são raros, rarissimos ! Dar-se-hão mesmo ? Do cimo, que espectáculo maravilhoso ha de see ! E depois, que satisfação ter conseguido o que tantos outros nem ousaram emprender !

Com estas idéas, fortificou-se-me a alma, e com calma esperei o momento da partida.

A' uma hora, os passos dos guias, a sua conversa, o ruido das portas que se abrem, indicam-nos que approxima-se o momento. D'ahi a pouco o sr. Ravanel entra-nos no quarto :

— Vamos, senhores, de pé, o tempo está magnifico. A's dez horas estaremos no cimo.

Ao ouvirmos estas palavras, saltamos dos leitos abaixo e vestimo-nos apressadamente. Dous de nossos guias, Ambrosio Ravanel e seu primo Simon, partem adiante para explorar o caminho. Vão munidos de uma lanterna que nos deve indicar a direc-

ção a seguir, e armados com a sua machadinha para abrir-nos logares muito difficeis. A's duas horas, amarramo-nos todos. Eis a ordem da marcha : diante e na frente, Eduardo Ravanel ; atraz de mim, Eduardo Simon ; depois Donatien Levesque ; depois delle, os nossos dous portadores, pois tinhamo-nos tomado outro, o criado da cabana dos Grands-Mulets, e toda a caravana do sr. N...

Tendo os guias e os portadores dividido entre si as provisões, dá-se o signal da partida, e pomo-nos a caminho no meio de profundas trevas, dirigindo-nos para a lanterna que levaram os nossos primeiros guias.

Esta partida tem o que quer que seja solemne. Falla-se pouco, obseca-nos o vago do desconhecido, mas a situação nova e violenta exalta-nos e torna-nos insensiveis aos perigos que encerra. A paizagem em derredor é phantastica. Não se distinguem bem os contornos. Grandes móles alvacen-

tas e indecisas, com manchas escuras um tanto mais accentuadas, fecham o horisonte.

A abobada celeste brilha com estranho esplendor. Avista-se, a uma distancia que não se póde avaliar, a lanterna vacillante dos guias que vão abrindo caminho, e o lugubre silencio da noite é apenas perturbado pelo ruido secco e longiquo do machado cortando degrãos no gelo.

Sóbe-se lentamente e com precaução a primeira rampa, dirigindo-se para a base do Zimborio do Goûter. Ao cabo de duas horas de penosa ascensão, chega-se ao primeiro plano, chamado Pequeno Plano, situado ao pé do Zimborio do Goûter, a uma altura de 3,650 metros. Depois de alguns minutos de descanso, continua-se a andar, obliquando para a esquerda e dirigindo-se para a ladeira que leva ao Plano Grande.

Mas já a nossa caravana não está tão numerosa. O sr. N..., com os seus guias, destacou-se; a fadiga que sente obriga-o a descansar por mais tempo.

A's quatro horas e meia, começou a alvorada a branquear o horisonte. Subiamos nesse momento a rampa que leva ao Plano Grande, a que chegámos sem obstaculo. Estavamos a 3,900 metros. Tinhamos já feito jus ao almoço. Contra o costume Levesque e eu sentiamo-nos com appetite. Era bom signal. Installámo-nos, pois, sobre a neve e tomámos uma refeição de occasião. Os nossos guias, alegres, consideravam como certo o nosso triumpho. Quanto a mim, parecia-me que iam muito depressa.

Alguns instantes depois, o sr. N... alcançou-nos. Insistimos muito com elle para que tomasse algum alimento. Recusou obstinadamente, sentia a contracção de estomago tão commum nesses logares, e estava muito abatido.

O Plano Grande merece uma descripção particular. A' direita eleva-se o Zimborio do Goûter. Em frente, o Monte Branco, que ainda lhe fica ácima 900 metros. A' esquerda, os rochedos Vermelhos e os

montes Maldictos. Esse arco immenso é por todos os lados de uma alvura deslumbrante. Apresenta em todas as direcções enormes fendas. N'uma dellas foi que se abysmaram, em 1820, trez dos guias que acompanhavam o doutor Hamel e o coronel Anderson. Depois dessa epocha, em 1864, outro guia, Ambrosio Couttet, ahi morreu.

E' preciso atravessar com muita precaução esse plano, porque ahi ha ás vezes fendas occultas pela neve. Demais, é frequentemente varrido pelas avalanches. A 13 de Outubro de 1866, um viajante inglez e trez de seus guias foram sepultados debaixo de uma montanha de gelo rolada do Monte Branco.

Depois de um trabalho dos mais perigosos, conseguiu-se encontrar os corpos dos trez guias. Esperava-se a todo o momento descobrir o do viajante, quando outra avalanche veio cahir sobre a primeira e obrigou os trabalhadores a renunciar ás investigações.

Tres caminhos se nos offereciam. O caminho commum, que consiste em tomar bem á esquerda, na fralda dos montes Maldictos um como vallo chamado Porche ou Corredor, leva por declives suaves ao alto da primeira escarpa dos rochedos Vermelhos.

O segundo, menos frequentado, toma á direita pelo zimborio do Goûter e leva ao cimo do Monte Branco pela aresta que liga essas duas montanhas. Tem-se durante trez horas de seguir um caminho vertiginoso e escalar uma tira de gelo vivo muito difficil chamada a Bossa do Dromedario.

O terceiro caminho consiste em subir directamente ao alto do Corredor, galgando uma muralha de gelo de 250 metros de altura, que acompanha a primeira escarpa dos montes Vermelhos.

Tendo os guias declarado impraticavel o primeiro caminho por causa das recentes fendas que o embargavam completamente, restava-nos a escolha entre os dous outros. Eu, por mim, opinava pelo segundo, que

passa pela Bossa do Dromedario ; mas esse foi julgado muito perigoso. e ficou assentado que escalaríamos a muralha de gelo que leva ao cimo do Corredor.

Tomada uma resolução, o melhor é executala sem demora. Atravessamos, pois, o Plano Grande e chegámos ao pé desse obstaculo realmente assustador.

Quanto mais nos adeantamos, tanto mais vertical parece que se vae tornando a inclinação. Além disso, abrem-se-nos aos pés muitas fendas que não tínhamos notado.

Começamos entretanto a difficil ascenção. O primeiro guia esboça os degraus, o segundo os conclne. Subimos dous por minuto. Quando mais subimos, tanto mais augmenta o declive. Os nossos proprios guias consultam-se acerca do caminho a seguir : fallam na giria da terra e nem sempre estão de accordo, o que não é bom signal. Afinal, torna-se tal o declive que a aba de nossos chapéos toca nas barigas das pernas do guia que nos precede. Uma saraiva de

pedaços de gelo, produzida pelo cortar dos degraus cega-nos e torna a nossa posição ainda mais penosa. Então, dirigindo-me aos guias da frente, disse-lhes :

— Sim, pôde-se muito bem subir por aqui ! Não é lá grande caminho, concordo, mas ainda assim é praticavel. O que eu queria saber, é por onde nos farão descer.

— Oh ! senhor, respondeu-me Ambrosio Ravel, na volta, tomaremos outro caminho.

Afinal, depois de duas horas de violentos esforços e depois de havermos cortado mais de quatrocentos degraus nessa medonha subida, chegámos extenuados ao alto do Corredor.

Atravessamos então um plano de neve levemente inclinado, e abeirámos uma immensa fenda que nos embargava o caminho. Apenas acabamos de contorná-la, fugiu-nos dos labios um grito de admiração. A' direita o Piemonte e as planicies da Lombardia ficam-nos aos pés. A' esquerda, os massiços

dos Alpes Appeninnos e do Oberland, corôados de neve, elevam os seus cimos incomparaveis. O monte Rosa e o Cervino são os unicos que ainda nos dominam, mas dentro em pouco os dominaremos por nossa vez.

Esta reflexão lembra-nos o termo da expedição. Volvemos o olhar para o Monte Branco e ficamos estupefactos.

— Deos do céu ! como ainda está longe ! exclamou Levesque.

— E alto ! accrescento eu.

Era com effeito desesperador. A afamada muralha do lado, tão temida, que era preciso absolutamente galgar, estava diante de nós com o seu declive de cincoenta grãos. Mas depois de havermos escalado a muralha do Corredor, já essa nos não assustava. Tomámos meia hora de descanso, depois continuamos o nosso caminho ; mas notamos logo que as circumstancias atmospherica, já não eram as mesmas. O sol dardejava-nos raios ardentes, e a sua refração sobre a neve augmentava-nos o supplicio.

Começava-se a sentir cruelmente a rarefacção do ar. Adiantavamo-nos lentamente, fazendo frequentes paradas, e chegamos finalmente ao plano que domina a segunda escharpa dos rochedos Vermelhos. Estavamos ao pé do Monte Branco. Elevava-se, só e magestoso, a uma altura de 200 metros acima de nós. O proprio Monte Rosa arriára bandeira !

Levesque e eu estavamos completamente extenuados. Quanto ao sr. N..., que se nos reunira no alto do Corredor, póde-se dizer que estava insensível à rarefacção do ar, pois a bem dizer já não respirava.

Começámos emfim a escalar o ultimo degráo. Andavamos dez passos e paravamos, absolutamente impossibilitados de ir além. Uma dolorosa contracção da garganta tornava-nos ainda mais difficil a respiração. As pernas se nos recusavam a andar ; comprehendí então essa expressão pittoresca de Jacques Balmat, quando, narrando a sua primeira ascensão, diz « que as suas pernas

já não se sustentavam sinão com o auxilio das calças. » Mas um sentimento mais forte dominava a materia, e si o corpo estava pedindo misericordia, o coração, respondendo : Excelsior ! Excelsior ! abafava essas queixas desesperadas, e impellia para diante e apezar seu a nossa pobre machina desconcertada. Passámos assim os Petits-Mulets, rochedos situados a 4,666 metros, e, depois de duas horas de esforços sobre-humanos, dominámos afinal tola a cadeia. Estava aos nossos pés o Monte Branco !

Era meio-dia e um quarto.

O orgulho do triumpho restabeleceu-nos promptamente das fadigas. Conquistáramos enfim o temeroso cimo ! Dominavamos todos os outros, e essa idéa, que só o Monte Branco póde suggerir, immergia-nos em profunda emoção. Era a ambição satisfeita, e, para mim principalmente, era um sonho realiado !

O Monte Branco é a mais alta montanha da Europa. Certo numero de montanhas na

Asia e na America são mais elevadas, mas para que affronta-las, si, pela impossibilidade absoluta de attingir-lhes o cimo, tem-se afinal de ficar dominado por ellas ?

Outras, como o Cervino, por exemplo, são de accesso ainda mais difficil, mas o cimo desse, avistamo-lo a quatrocentos metros abaixo de nós !

E depois, que espectaculo para recompensar-nos os soffrimentos ! O céo, sempre puro, tomára um colorido de azul carregado. O sol, despojado de parte de seus raios, perdêra o brilho, como n'um eclipse parcial. Esse effeito, devido á rarefacção da atmospherá, era tanto mais sensivel quanto as montanhas e planicies em torno estavam innundadas de luz. Por isso, não perdiamos o minimo accidente.

A sudeste, as montanhas do Piemonte, e além as planicies da Lombardia, fechavamos o horizonte. Para o oeste, as montanhas da Saboia e as do Delphinado ; além, o valle do Rhodano. Ao noroeste, o lago de

Genebra, o Jura; depois, descendo para o sul, um chaos de montanhas e geleiras, o que quer que seja indescritivel, dominado pela móle do Monte Rosa, os Mischabelhærner, o Cervino, o Weishorn, o mais bello dos cimos, como lhe chama o celebre ascensionista Tyndall, e além pelo Jungfrau, o Monch, o Eigen e o Finsteraarhorn.

Não se póde calcular em menos de sessenta leguas a extensão do nosso raio. Descobriamos, pois, cento e vinte leguas de terra pelo menos.

Uma circumstancia particular veio ainda augmentar a belleza do spectaculo. Formaram-se algumas nuvens do lado da Italia e invadiram os valles dos Alpes Appenninos, mas sem lhes occultar os cimos. Tivemos d'ahi a pouco debaixo dos olhos um segundo céu, um céu inferior, um mar de nuvens d'onde emergia um archipelago inteiro de picos e montanhas cobertos de neve. Era um magico spectaculo que o maior de nossos poetas mal reproduziria.

O cimo do Monte Branco fórma uma aresta dirigida de sudoeste para nordeste, com duzentos passos de comprimento e um metro de largura no ponto culminante. Dir-se-hia o casco de um navio virado, com a quilha para o ar.

Cousa rarissima, a temperatura estava então muito elevada, 10 grãos acima de zero. O ar estava quasi calmo. A's vezes perpassava ligeira brisa.

O primeiro cuidado dos nossos guias foi collocar-nos todos em linha na eminencia que defronta com Chamounix, para que se pudesse de baixo contar-nos facilmente e verificar que não faltava ninguem á chamada. Nnmerosos tourists tinham ido ao Brevent e ao Jardim para acompanhar e nossa ascensão. Puderam verificar-lhe o bom exito.

Mas subir não era tudo; era preciso pensar em descer. O mais difficil, sinão o mais fatigante, ainda estava por fazer; e depois, não se deixa facilmente uma alta

posição conquistada com tanto trabalho ; falta-nos o movel que nos impellia quando subiamos, a necessidade de dominar, tão imperiosa ; caminha-se sem enthusiasmo, olhando muitas vezes para atraz.

Cumpria entretanto que nos resolvessemos. Depois de uma ultima libação do tradicional champagne puzemo-nos a caminho. Tinhamo-nos demorado uma hora no cimo. A ordem de marcha estava alterada. A caravana do sr. N... ia na frente, e a pedido do seu guia, Paccard, amarramo-nos todos juntos. O estado de fadiga em que se achava o sr. N... a quem falleciam as forças, mas não a vontade, podia fazer receiar quedas que os nossos esforços reunidos conseguiriam talvez suster. Os acontecimentos justificaram a nossa apprehensão. Ao descer a muralha da encosta, o sr. N... deu muitos passos em falso. Os seus guias, mui vigorosos e habeis, puderam felizmente detê-lo na passagem ; mas os nossos, receiando com razão que a caravana inteira

fosse arrastada, quizeram separar-se. Levesque e eu oppuzemo-nos, e, tomando as maiores precauções, chegámos sem obstaculo á base dessa ladeira vertiginosa que se tem de descer inclinado para a frente. Não ha illusão possivel ; o abysmo, o vacuo quasi sem fundo está em frente de nós, e os pedaços de gelo desprendidos que passamos por perto saltando, com a rapidez de uma flecha, mostram-nos perfeitamente o caminho que seguiria a caravana, si se fal-seasse um passo.

Uma vez transposto esse máo passo, comeci a respirar. Desciamos os declives pouco inclinados que conduzem ao cimo do Corredor. A neve amollecida pelo calor, cedia sob os nossos passos ; mettiamos-nos nella até aos joelhos, o que nos tornava muito fatigante a marcha. Acompanhavamos sempre os vestigios que deixáramos de manhã, e eu estava já admirado, quando Gaspar Simon, voltando-se para mim, disse-me :

— Senhor, não podemos seguir outro caminho, o Corredor está impraticavel, e é preciso absolutamente descermos pela muralha que galgámos esta manhã.

Communiquei a Levesque essa nova pouco agradável.

— Apenas, accrescentou Gaspar Simon, acho que não podemos continuar todos amarrados juntos. De resto, veremos como se haverá o sr. N... no começo.

Adiantavamo-nos para a terrível muralha. A caravana do sr. N... começava a descer, e ouviamos as palavras animadissimas que lhe dirigia Paccard. A inclinação tornava-se tal que já não avistavamos nem a elle nem aos seus guias, posto que continuassemos a estar todos amarrados á mesma corda.

Mal Gaspar Simon, que me precedia, pôde conhecer do que se passava, parou, e, depois de haver trocado algumas palavras na sua lingua com os companheiros, decla-

rou-nos que era preciso separar mo-nos da caravana do sr. N...

— Responsabilisamo-nos pelos senhores, accrescentou, mas não nos podemos responsabilisar pelos outros, e si escorregarem, nos arrastarão comsigo.

Dizendo isto, separou-se.

Custava-nos muito a tomar essa resolução ; mas os nossos guias foram inflexiveis. Propuzemos então mandar doús delles prestar auxilio aos guias do sr. N... Aceitaram pressurosos ; mas, como não tinham corda, não puderam pôr por obra essa resolução.

Começámos então a medonha descida. Um só de nós movia-se por sua vez, e no momento em que esse dava um passo, todos os outros escravavam, promptos a susterem o abalo si elle viesse a escorregar. O guia da frente, Eduardo Ravanel, tinha uma missão das mais perigosas ; devia restabelecer os degrãos que estavam mais ou menos

destruidos pela passagem da primeira caravana.

Adiantavamo-nos lentamente e tomando as maiores precauções. O nosso caminho levava-nos em linha recta a uma das fendas que se abriam ao pé da escarpa. Essa fenda, na subida, podíamos não olhar para ella ; mas na descida, fascinava-nos a sua fauce esverdinhada e lisante. Todos os pedaços de gelo despreudidos pela nossa passagem dir-se-hia que se tinham combinado: em tres saltos, lá se iam abysmar, como na queda do Minotauro. A differença é que, depois de cada bocado, a guela do Minotauro fechava-se ; esta, não : esta fenda insaciavel estava sempre aberta e dir-se-hia esperar, para fechar-se, um *bocado mais importante*. Tratava-se de não ser esse *bocado*, e a isso é que tendiam todos os nossos esforços. Para subtrahirmo-nos áquella fascinação, áquella vertigem moral, si assim me posso exprimir, bem tentavamos gracejar acerca da posição escabrosa

que occupavamos, e que um cabrito montez não quereria para si. Chegamos até a cantar algumas coplas do maestro Offenbach ; mas, em honra da verdade, devo confessar que as nossas pilherias não eram das melhores e que não cantavamos certo. Pareceu-me mesmo notar, sem que isto me sorprendesse, que Levesque obstinava-se em cantar a grande aria do *Trovador* com as palavras do *Barbe-Bleue*, o que denotava certa preocupação. Emfim, para nos alentarmos, faziamos como esses falsos valentes que cantam nas trevas para se animarem.

Ficamos assim suspensos entre a vida e a morte durante uma hora, que nos pareceu eterna, e chegamos finalmente á base dessa escarpa medonha. Lá achamos sãos e salvos o Sr. N... e os seus guias.

Depois de alguns minutos de descanso, continuamos a caminhar.

Ao aproximarmos-nos do Pequeno Plano, Eduardo Ravanel parou bruscamente, e, voltando-se para nós, exclamou :

— Vejam que avalanche ! C brio os nossos vestigios.

Com effeito, immensa avalanche de gelo, cahida do zimborio do Goûter, cobria inteiramente o caminho que seguimos pela manhã para atravessar o Pequeno Plano. Não posso calcular o volume dessa avalanche em menos de quinhentos metros cubicos. Si si tivesse desprendido no momento de nossa passagem, ter-se-hia de accrescentar sem duvida mais uma catastrophe á lista já muito extensa da necrologia do Monte Branco.

Em frente desse novo obstaculo, era preciso ou tomar outro caminho, ou passar mesmo abeirando a avalanche. A' vista do estado de fadiga em que nos achavamos, este ultimo partido era certamente o mais simples, mas offerecia sério perigo. Uma muralha degelo de mais de vinte metros de altura, já em parte desprendida do zimborio do Goûtr, ao qual apenas estava ainda presa por um dos angulos, pendia sobre o caminho

que devíamos seguir. Esse móle enorme de gelo parecia equilibrar-se. A nossa passagem abalando a atmosphera, não lhe determinaria a quêda? Os nossos guias consultaram-se. Cada qual examinou com o binoculo a fenda que se formára entre a montanha e essa móle assustadora. As arestas vivas e nitidas da fenda indicavam quebramento recente, evidentemente occasionado pela quêda da avalange.

Depois de breve discussão, os nossos guias, tendo reconhecido a impossibilidade de achar outro caminho, resolveram tentar essa perigosa passagem.

— E' preciso andar muito depressa, correr até, si possível fôr, disseram-nos, e, dentro de cinco minutos, estaremos em segurança. Vamos, senhores, um ultimo esforço !

Cinco minutos de carreira é pouca cousa para quem está apenas fatigado ; mas para nós, que estavamos absolutamente extenuados, correr, ainda que por tão pouco tempo,

sobre a neve molle, em que nos enterravamos até aos joelhos, parecia impraticavel. Fizemos entretanto um supremo appello á nossa energia, e, depois de tres ou quatro quédas, puxados por uns, empurrados por outros, chegamos finalmente a um monticulo de neve, onde cahimos exhaustos. Estavamos fóra de perigo.

Precisavamos de algum tempo para nos restabelecermos. Por isso nos estendemos sobre a neve com uma satisfação que facilmente se comprehenderá. As maiores difficuldades estavam agora vencidas, e si ainda restavam alguns perigos a correr, podiamos affrontal-os sem grande apprehensão.

Com a esperança de assistir á queda da avalanche, prolongamos o nosso descanso, mas inutilmente esperamos. Adiantando-se o dia e não sendo prudente demorar-se nessas solidões geladas, resolvemo-nos a continuar viagem, e, ás cinco horas, chegamos á cabana dos Grands-Mulets.

Depois de uma noite má e de um violento

acesso de febre occasionado pela insolação que apanharamos na expedição, dispuzemo-nos a partir para Chamounix ; mas antes de sairmos, inscrevemos, segundo é costume, no registro collocado para esse fim nos Grands-Mulets, os nomes dos nossos guias e as principaes circumstancias da viagem.

Folheando esse registro que contém a expressão mais ou menos feliz, mas sempre sincera, das sensações que experimentam os turistas á vista de um mundo tão novo, deparei um hymno ao Monte Branco, escripto em inglez. Como resume perfeitamente as minhas proprias impressões, vou tentar traduzil-a (*):

Oh ! Monte Branco, audaz gigante que assoberbas
Com a attitude os rivaes, invejosos de ti,
Colosso atterrador, que, da soidão, ao homem
Lanças um desafio altivo, eu ti venci !

(*) A presente traducção é de Lucio de Mendonça.

Domando-te o furor, em teu cimo orgulhoso,
O signal de meus pés sem descorar gravei.
E dos flancos maculei-te o immaculado arminho.
E me affrontei com a morte e nunca recuei.

Que ebriedade immensa, ah ! quando se domina
Esse mundo encantado, esse cháos deslumbrante
De quebradas e gel e rochedos miuados,
Do solto furacão que salta trovejante !

Mas d'onde este fragor ? Subverte-se a montanha
Vae-se inteira abysmar ? Surdo rumor profundo !
Não é a avalanche invencivel que róla,
Pula e se vae sumir n'um abysmo sem fundo.

Ei-lo, do Monte Rosa o cimo alvinitente !
Eis o Monte Cervino, o sinistro monte ! Eis
Esses Welterhorners, cujo vulto gigante
Vela do Jungfrau a nitida nudez !

Sois grandes, montes, sim, sois arduos e difíceis,
Poucos vos galgarão o insolente alcantil :
Quantos morreram já nos vossos duros flancos,
A quem não aterrára o vosso sspecto hostil.

Mas olhae para cá, mais alto, ainda mais alto ;
Erguei-vos, cada qual o outro carregando ;
Vêde este pico altivo, audaz. que dá vertigem.
Este é o vosso senhor, a este cabe o mando !

A's oito horas, puzemo-nos a caminho para Chamounix. A travessia dos Bossons foi difficil, mas fez-se sem accidente.

Meia hora antes de chegarmos a Chamounix, encontramos, no chalet da cascata do Dardo, com alguns tourists inglezes que parecia que estavam á espreita da nossa passagem. Mal nos avistaram, vieram, com uma precipitação sympathica, felicitar-nos pelo nosso bom exito. Um delles apresentou-nos á mulher, encantadora senhora muitissimo distincta. Depois que lhe esboçamos a traços largos as peripecias da viagem, disse-nos com voz que vinha do coração :

—How much you are envied here by everybody ! Let me touch your alpenstocks ! (Como são invejados de todos ! Deixem-me tocar nos seus botões !)

E estas palavras exprimiam bem o pensamento de todos.

A ascenção do Monte Branco é difficilima. Diz-se que o celebre naturalista genovez de Saussure apanhou ahi o germen da enfer-

midade de que veio a morrer alguns mezes depois. Não posso terminar melhor esta extensa narração do que citando as palavras do Sr. Markham Sherwill :

« Seja como for, diz concluindo a narração da sua viagem ao Monte Branco, não aconselho a ninguém uma ascensão cujo resultado não póde ter nunca uma importancia proporcional aos perigos que nella se correm e se fazem correr aos outros. »

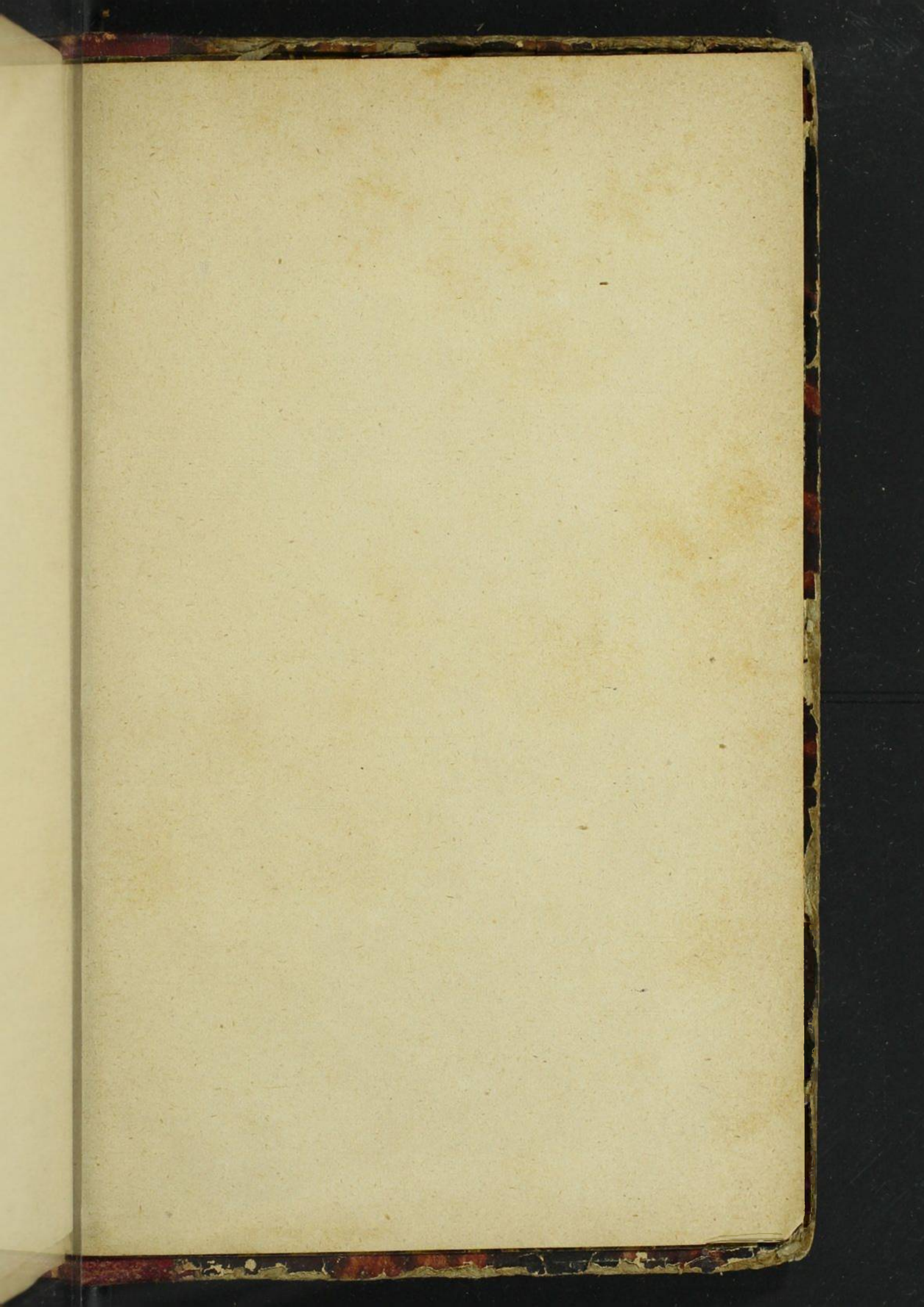
FIM



INDICE

I	O annuncio	1
	Parenthese	
II	A invenção	
III	Applicação	45
IV	Preparativos	65
V	Appresentação	73
VI	O « Universel »	89
VII	Passeio pela França.	103
VIII	A barca	113
IX	Prova decisiva	131
X	Discussão	151
XI	Paradoxo	163
XII	Viagem ao redor do mundo	176





17573

